

J. Gentil Meneghim

1

Saga
de uma
alma

O obsessor

Confraria dos Livros Bons

Saga de uma alma

Vol. 1

O obsessor

Confraria dos Livros Bons

Revisão: Ronaldo Trentini

Diagramação: J. Gentil Meneghim

Arte final da capa: J. Gentil Meneghim

Copyriht© 2014 by

J. Gentil Meneghim

Confraria dos Livros Bons

J. Gentil Meneghim

Saga de uma alma

Volume 1

O obsessor

Confraria dos Livros Bons

FICHA CATALOGRÁFICA

Meneghim, J. Gentil.

Saga de uma alma, vol. 1, O obsessivo,

2014 / J. Gentil

Meneghim – Piracicaba/SP, 2014

199f.: 14,8x21cm

Literatura – Série

Clube de Autores, 2014

Espiritismo. 2. Aventura. I. Título.

II. Série

CDU -

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com fatos ou pessoas

terá sido mera coincidência.

Confraria dos Livros Bons

Às mulheres da minha vida:

Iara Maria

Nair Luzia

Sônia Maria

(pela ordem alfabética)

Confraria dos Livros Bons

Correspondência:

gentil_meneghim@hotmail.com

1. Prólogo

A única coisa de que me lembro foi de um baque surdo. Aí, uma escuridão impenetrável, não sei por quanto tempo. Se perdi a consciência é outra história. Sei que, num dado momento, estava vendo vultos indefiníveis sobre mim, me despertando.

Estava deitado numa cama, como de hospital, mas não era um hospital. Não via ali nenhum equipamento, nada que pudesse lembrar uma enfermaria ou algo assim.

Senti que colocavam sobre minha cabeça uma espécie de capacete e, entre um estado de sonolência e vigília, ouvi uma voz, clara, distinta. Todas as palavras ficavam instantaneamente gravadas em minha mente.

2. Início de um curso

Estou aqui, meu caro João, para instruir devidamente a você, como espírito desencarnado, sobre o que tange à nossa capacidade de interferir nos destinos dos que ainda estão vivendo num corpo, para que possamos auferir os prazeres que possuíamos quando vivos e também nos utilizarmos de nossos inimigos para cobrança de atos praticados contra nós.

No que se refere aos prazeres a que nós, espíritos, não podemos mais usufruir enquanto fora do corpo, podemos utilizar nossos poderes, disponíveis, já que estamos no plano imaterial, tanto para entrar em sintonia com encarnados que usufruem daquilo que gostávamos quando vivos, como para desses encarnados nos aproximarmos sem que sintam nossa presença.

É preciso que entenda, no entanto, que existe um motivo para estar aqui e, com o tempo, irá perceber que não terá necessidade alguma de retomar vícios que possivelmente carregasse na Terra. Serão pormenores diante das suas capacidades.

No que se refere aos nossos confrontadores, também através da sintonia que com eles possamos estabelecer, poderemos utilizar diversos métodos para conseguir a justiça merecida, promovendo meios que possam castigar nossos inimigos de maneira que nos aquiete a mente e que nos sintamos lavados das injustiças recebidas.

Dentre as lições também passarei os métodos mais práticos para que as figuras de luz não lhe impeçam de atingir seus objetivos, uma vez que, dentre as inúmeras sintonias e níveis que existem, elas geralmente estão num nível onde

muitas vezes não podemos perceber suas presenças, enquanto podem saber exatamente onde estamos e como nos comportamos.

Não podemos nos esquecer, porém, que raramente os espíritos de luz podem interferir em nossas ações. Assim, utilizando o livre arbítrio, que é um direito de todo e qualquer espírito, podemos agir ao nosso bel prazer, continuando em nosso estágio de desencarnados praticamente da mesma maneira que quando vivíamos na Terra.

Você, como aluno novato, deve entender que a obsessão deve ser feita com muita persistência para vencer a sua vítima. Geralmente os encarnados se apegam a determinadas crenças e têm fé em algo que consideram santo ou divino e isso pode prejudicar o andamento do seu trabalho junto a eles.

Neste caso, a principal ferramenta é buscar as falhas que cada um tem no seu caráter, a fim de atingir a vítima e dobrar sua vontade. Isso pode demandar algum tempo, e por isso posso reafirmar que é necessário persistência.

Antes disso, porém, é necessário que você aprimore algumas técnicas que já são do seu próprio potencial, mas que não utilizava quando era encarnado, uma vez que são qualidades do espírito.

As lições serão passadas de forma gradativa e pessoal, para que sejam bem assimiladas, com exercícios a serem aplicados nos encarnados, fazendo com que fiquem totalmente subjugados e dominados para atenderem aquilo tudo que nossa passagem para este lado nos privou.

João, seja bem vindo à nossa Escola de Obsessão! E boa sorte nos estudos!

Seu Mentor

3. Sintonia

João, você, que está acordando agora no plano espiritual, deve tomar algumas providências básicas para adaptar-se ao seu novo estado. Seu corpo ficou na Terra e a ele você não vai retornar. Você deve perceber que agora você é a sua mente, que você independe do corpo, que continua existindo e assim será até que um dia retorne a um novo corpo.

Não importa agora de que forma você deixou seu antigo corpo, se foi por alguma doença, algum acidente ou mesmo velhice. No momento certo irá se lembrar, mas tenha em mente que aquilo tudo ficou para trás, como ficaram as pessoas com quem você convivia. E estou lhe chamando de João por ter sido este o último nome que você utilizou no meio dos encarnados. Um dia você vai descobrir que teve outros nomes em outras vidas, mas a última foi a mais próxima e você estava acostumado com esse nome.

A mim você pode chamar simplesmente de Mentor. Já tenho por aqui muito tempo instruindo os espíritos e todos só me chamam por este nome.

Saiba que agora você está no Limbo, que é como denominamos este local, mais perto da Terra do que dos espíritos de luz. Você não sentirá muita diferença da época em que vivia entre os encarnados, porque estamos ainda bastante ligados à matéria e, portanto, será mais fácil utilizar os meios materiais para tudo que precisarmos.

Neste plano em que agora se encontra, não será necessário um trabalho para ganhar dinheiro e sobreviver. Você não depende mais de alimentos materiais e não precisará juntar objetos. Com sua capacidade, tudo que é necessário estará à

sua disposição. Não é preciso utilizar ferramentas ou mesmo as mãos para fazer qualquer coisa. Tudo é feito através da força do seu pensamento. Sua primeira lição prática é esta: procurar sentir o que está ao seu redor e captar ondas mentais para sintonizar outros espíritos ou pessoas que estão ainda na Terra.

Mas vamos começar por espíritos. Certamente você vai primeiro se sintonizar com outros semelhantes a você, dado que está num determinado nível que complementa a vida que viveu na Terra.

Pense na vida que deixou e o que você era. Se você tinha alguma religião, esqueça-a. As religiões estão lá no planeta que você deixou para atender as esperanças mal formuladas dos encarnados. Todas elas possuem uma série de regras que só servem para prender os encarnados em dogmas e preceitos que não são mais necessários.

Aqui, você está por sua própria conta e risco e o que fizer é de sua responsabilidade. Não se preocupe se algum ato seu possa estar em desacordo com a religião que tinha. Agora você está livre do peso da carne e poderá fazer muito mais do que antes.

Também não se esqueça de que, agora, você é indestrutível. Nada poderá lhe fazer mal, a não ser que você queira. Não sinta saudades da Terra e nem das pessoas com quem conviveu. Um dia você vai reencontrar essas pessoas, seja no plano físico, novamente reencarnado, ou no plano espiritual, quando para cá vierem.

Se não reencontrar alguém que queria, não se preocupe: provavelmente esse alguém estará em outro nível e não é companhia para você. Os seus verdadeiros companheiros estão dentro do seu nível ou mesmo abaixo dele. São os espíritos que você vai encontrar quando tiver praticado bem o exercício da sintonia.

Também não se preocupe em ter alguma crise de consciência. Tendo deixado lá seu corpo, você percebeu que a morte não existe, que é apenas uma passagem. Isso quer dizer que você nunca vai morrer, terá uma eternidade pela frente para fazer o que bem entender.

E pense que, mesmo que faça hoje alguma coisa que possa parecer errada aos pontos de vista de qualquer religião, a eternidade que está à sua frente servirá para que você possa sanar qualquer ato praticado contra algum desafeto.

Então, sentiu alguma sintonia? Está sentindo uma vibração em sua mente? Certamente trata-se de algum outro ser que está no seu nível e com quem você poderá ter um relacionamento que vai lhe ajudar na prática de sua nova vida.

Concentre-se mais nessa vibração que está sentindo e poderá reconhecer esse novo parceiro, encontrar-se com ele. Com o tempo você poderá instantaneamente estar junto a esse ou a outros que estejam vibrando no mesmo nível.

Muito bem, agora é hora de chamar até si o espírito que sintonizou. Como sua passagem é muito recente, é preciso se acostumar ao seu novo estado para poder se movimentar. Então, o mais prático é chamar até você esse espírito.

Não se preocupe que ele o ouvirá e virá até aqui. De hoje em diante serão companheiros de trabalho, e ele poderá auxiliar você nos próximos passos deste curso. Lembre-se de que este curso é totalmente direcionado a você e às suas necessidades. Ao contrário do que ocorre na Terra, você não participa de uma turma: trata-se de um curso totalmente personalizado e o seu progresso é que irá direcionar o andamento desse aprendizado.

A partir de agora, pratique melhor essa sintonia junto com seu companheiro. Não se esqueça de que esse método fica muito mais forte quando realizado em grupo.

Prepare um relatório do seu aprendizado e de suas dúvidas para a próxima aula.

4. Liberdade

Estou particularmente satisfeito em participar deste curso, tendo um mentor especial para minhas necessidades neste plano. Confesso que fiquei surpreso ao acordar aqui, depois de passar pelo medo de não saber o que iria encontrar no pós-morte. Em minha ignorância pensava que iria encontrar uma luz brilhante e um grupo de seres luminosos me esperando.

Não sei se por causa de meu comportamento nessa última vida, acordei num local totalmente diferente, sem aquelas histórias que ouvi na Terra, sem pessoas conhecidas que estivessem me aguardando para me levar a algum lugar tranquilo.

No entanto, logo que acordei encontrei alguns espíritos que não brilhavam, mas pareciam com pessoas vivas, como se ainda estivesse também vivo. Também não me pareceram pessoas (desculpe-me falar em pessoas, mas preciso ainda me acostumar com a palavra espírito – foi muito recente a minha passagem e estou me adaptando às novas circunstâncias), como dizia, também não me pareceram pessoas ruins, e sim normais, como eu.

Através deles fui informado que meu estágio no corpo que tinha havia acabado, e que agora eu deveria viver um novo estágio, onde iria aprender coisas novas e poder continuar na minha caminhada.

Uma voz em meu cérebro me dizia que estava para começar uma nova etapa – e era a sua voz, Mentor, agora me lembro.

Quando acordei, me sentindo bem melhor, até mesmo mais forte, perguntaram-me o que pretendia, agora que já tinha abandonado o corpo, quais eram os meus objetivos e como eu me sentia.

Devo dizer que me sentia um tanto abobado, mas era com a situação, sem saber exatamente onde estava e o que fazia, mas me instruíram, depois de um bom descanso, a procurar por esta escola, onde poderia ter um direcionamento melhor para os meus propósitos.

Ainda não me acostumei totalmente a esta forma espiritual, mas já pude aprender alguns fatos interessantes. Minha memória, por exemplo, ainda traz muito do que vivi naquele corpo que deixei, e se mostra muito mais acentuada quando me lembro de algum fato, como se os vivenciasse novamente. Não me lembro de tudo, no entanto. Parece que certos fatos estão envoltos numa bruma, ainda inacessíveis ao meu conhecimento.

Sei que não é preciso, neste relatório, contar toda minha vida. Mas também me instruíram os que me receberam, a me focar nos principais aspectos de minha vida pretérita, principalmente no comportamento que tive com determinadas pessoas e como fui tratado por elas.

Assim, fui me lembrando de pessoas que não me levaram a sério, outras que me desprezaram, algumas que me prejudicaram por pura maldade, e essas lembranças me trouxeram um forte desejo de vingança.

Comentei com os espíritos que me recepcionaram dessa vontade de me vingar de quem me prejudicou e foi assim que me indicaram esta escola.

Gostei de saber que agora sou praticamente indestrutível, que não posso ser notado por aqueles que estão ainda vivendo na Terra e que não preciso mais trabalhar, nem me arreentar atendendo ordens de superiores, nem me preocupar em pagar contas. Essa liberdade me dá um prazer imenso.

Você, meu Mentor, me disse que posso utilizar este estágio para resgatar os males que recebi de pessoas com quem convivia e que não preciso, pelo menos por enquanto, ter crise de consciência. Isto não me preocupa atualmente, porque ainda estão bem vivas as lembranças de pessoas que me prejudicaram e de quem quero me vingar. Uma delas é a que mais se sobressai nisso tudo, mas os motivos ainda não me são claros.

Se eu tenho a eternidade toda para me recuperar, este não é o momento para ter crise de consciência.

Com relação ao material que me passou na primeira aula, tenho praticado bastante e sei que vou precisar utilizar esse recurso inúmeras vezes. O primeiro contato eu já consegui no primeiro dia: trata-se de um espírito que tem muito a ver comigo, até parece que somos irmãos.

Com mais exercícios pude perceber outras sintonias diferentes, e algumas até me assustaram, por se mostrarem muito fortes, pesadas. Ainda preciso descobrir de quem são esses pensamentos, mas, para isso, creio que preciso manter o controle sobre o que estou recebendo.

Eu não o conhecia antes, mas, em conversas, vimos que passamos por situações bem parecidas e ele me colocou a par do que anda fazendo para ajustar sua situação com as pessoas que o maltrataram na vida. Está já há mais tempo que eu por aqui e tem conhecimento de coisas que ainda não sou capaz de fazer.

Garantiu-me, no entanto, que logo poderei utilizar melhor meus poderes mentais e que vai me ajudar em tudo.

Ele tem alguns companheiros com quem troca ideias e está providenciando uma reunião com todos, já que muitos estão trabalhando na Terra, atrás dos inimigos ou mesmo tirando alguns momentos de lazer.

Aliás, essa é uma novidade para mim: também podemos tirar nossos momentos de lazer neste plano? E como isso é feito?

5. Teleportação

Pude perceber que você aproveitou bem a primeira lição. Já encontrou um parceiro para lhe ajudar com o que pretende fazer e consegue alguma sintonia com outros espíritos que vibram de maneira semelhante à sua. Com relação aos espíritos cuja vibração você sentiu pesada, por enquanto não se aproxime muito deles. Estão muito abaixo daquilo que você quer e é preciso aprender a separá-los de sua convivência.

Mostre-se orgulhoso e superior a eles, já que não merecem ainda alcançar o nível em que você está. Isso, por si só, irá afastá-los durante o tempo necessário para que você aprenda alguns mecanismos de defesa.

Lembre-se, e isso é importante: se você mantiver sintonia com os inferiores, ficará no mesmo patamar que eles e não conseguirá forças para dominar os seus inimigos.

Para seu conhecimento já treinei espíritos muito inferiores, e o aprendizado não foi bem aproveitado. São teimosos e irascíveis e não possuem um nível intelectual semelhante ao seu. Suas ligações são com marginais terríveis, que ainda vivem no planeta, e que se prestam aos piores crimes.

Não se esqueça de que você quer retaliação sem precisar chegar a extremos. Só assim poderá alcançar seus objetivos.

Esse companheiro que você encontrou já foi meu aluno e, quando você estiver

mais próximo dele, verá que conseguiu todo seu intento. Hoje se sente vingado e está mais aproveitando de sua condição do que propriamente trabalhando.

Os eflúvios que ele consegue captar dos encarnados lhe trazem tudo que necessita para manter os hábitos que tinha na Terra, embora não goste de comentar sobre isso. Gostava de fumar, de beber, de vez em quando utilizava alguma droga, e isso tudo pode ser conseguido através dos que ainda têm esses hábitos. Tudo, porém, precisa ser feito com muito cuidado e a melhor instrução eu já lhe dei: como espírito, você não tem necessidade dos vícios dos encarnados.

Mas isso é assunto para outra lição, no futuro. Por enquanto, continue praticando para aprimorar a sintonia que tem com seu companheiro e, quando se encontrar com os outros, poderá melhorar seu potencial.

Nosso assunto de hoje é sua movimentação. Como percebe, você não precisa andar por aqui. Isso é um tanto difícil para seu estado atual, mesmo porque, na realidade, você não tem um corpo. O que você percebe como corpo é o seu perispírito, feito de um fluido especial que traz a sua imagem tal e qual era na Terra. Você poderá, com o tempo, transmutar essa imagem, se apresentando da forma que bem entender, ou seja: poderá parecer mais jovem, poderá se mostrar diferente do que é. Mas, não podemos apressar seu aprendizado.

Vamos tratar de sua locomoção. Onde estamos, e já lhe falei que chamamos este lugar de Limbo, é o local onde ficam os espíritos que não vão chegar perto dos terríveis seres da luz. Aqui você vai encontrar locais diferentes, até mesmo uma casa para fixar residência. Se quiser, poderá ir morar com seu novo companheiro, e ele vai lhe mostrar todo nosso nível.

Para você chegar a algum local, bastará ter na mente a visualização de onde

pretende ir e, automaticamente, vai estar lá, num segundo. Só é preciso, como lhe disse, conhecer o local. Também poderá se aproximar de espíritos conhecidos, tanto encarnados quanto desencarnados, desde que estes estejam aqui, no Limbo. Para isso, basta se concentrar em quem você quer encontrar.

Este é um processo que poderá demorar um pouco mais para você dominar, e o melhor caminho é juntar-se ao seu companheiro e juntos pensarem na locomoção para um mesmo lugar. Nas primeiras vezes que isso ocorrer você poderá se sentir meio perdido, o que é natural. Depois será tudo mais fácil.

Vou insistir em que não faça sozinho nas primeiras vezes, isso é muito importante, principalmente para não cair nas mãos dos inferiores. Eles não são como você, não têm escrúpulos nenhum, e poderão mesmo mantê-lo entre eles, o que não lhe dará a liberdade necessária para seus planos.

Gostam de trabalhar somente em grupo e não conhecem limites para suas vontades. Não sabem pensar, articular um plano de vingança, indo somente pelos instintos e praticamente atacando os encarnados atrás da irradiação de sentimentos e hábitos dos mais primitivos que ainda moram na Terra e que, fatalmente, vão se juntar a eles quando desencarnarem.

Pense que você é diferente e superior a esses espíritos. Seu objetivo é tramar a vingança certa contra as pessoas que lhe fizeram mal e, para isso, precisa estar muito certo desses sentimentos.

Quando estiver se movimentando pelo Limbo com seu parceiro, você conhecerá outros espíritos que se assemelham ao seu e poderá trocar experiências com eles. Vão lhe falar como conseguiram o que queriam e ajudá-lo a projetar sua vingança.

No entanto, ainda não tente nada, nem procure voltar à Terra no momento. Com o tempo aprenderá que a Terra está a um passo de distância e num momento você poderá estar lá e voltar.

Pode começar a treinar, e boa sorte.

6. Aprendendo

Posso garantir que esta segunda lição foi bem assimilada. Estivemos treinando, eu e Pedro (que é o nome do meu parceiro – pelo menos era esse o nome que ele usava na última vida que teve).

Nosso treinamento, de início, baseou-se em locais próximos, como se estivéssemos numa brincadeira, com Pedro permanecendo em algum local que eu antes já tinha visto, me concentrando nele e no local e, subitamente, lá aparecendo, como num passe de mágica. Confesso que foi divertido.

Pelos locais que passamos vimos outros espíritos, muitos deles parecidos conosco em vestimentas e modo de agir. Não sei se isso é me adiantar no curso, mas nas conversas que tivemos – Pedro me apresentou alguns deles – notei que todos estão empenhados em conseguir algo dos que ainda estão encarnados.

Um deles, que disse se chamar Marcos, contou-me que, tendo já completado mais da metade do curso, já tinha acesso a um encarnado que ficou lhe devendo dinheiro e ele, Marcos, como sempre foi muito ligado a valores materiais, estava usando sua influência para que o encarnado gastasse mais do que podia com coisas supérfluas.

– Aqui eu sei que não preciso do dinheiro, mas aquele que ele utilizou era meu, e ele só não me pagou porque não quis -, disse-me Marcos. Então, para me vingar, estou fazendo com que gaste tudo à toa. E olha que não para aí, não. Ele vai gastar muito mais do que ele me tomou, para pagar os juros e correção que são devidos.

Pedro também me apresentou André, que estava trabalhando contra outro encarnado, que tinha lhe tirado a esposa. André disse que os dois viviam até que bem, pelo menos enquanto esse elemento não havia aparecido em suas vidas. Trabalhavam juntos e começaram a conviver, André e ele se visitando, as esposas criaram amizade.

Mas, num determinado dia, André encontrou esse pretense amigo em sua casa, com sua própria esposa. Constatou que havia algo entre eles e, tomado de uma grande raiva, expulsou os dois de sua casa. Para o falso amigo, aquilo não tinha sido mais do que uma mera conquista e para ele, André, tinha sido o fim do casamento.

Enquanto vivo, nunca ficou sabendo o que tinha ocorrido com sua esposa. Só depois de livrar-se do corpo e estar no Limbo ficou sabendo que ela se perdera na prostituição e nas drogas. Havia sido expulsa de casa e confiava que o amante a manteria, mas o objetivo dele era só obter prazer com ela e prejudicá-lo.

– Mas esse foi o caminho que ela escolheu – me falou – e não tenho nada com isso. Vivia bem comigo, por que é que tinha que se meter com aquele fulano? Expulsei mesmo e faria novamente. Eu deixei o corpo muito cedo, ela ainda está lá. Já a visitei algumas vezes e ela ainda vai se ver comigo. Por enquanto estou cuidando do meu “grande amigo”. Quando acabar com tudo que ele tem, vou atrás dela.

Tudo isso fica cada vez mais interessante e me deixa com uma vontade enorme de começar meu trabalho. Em minha cabeça estão todos aqueles de quem quero me vingar, principalmente algumas mulheres que me enganaram, e isso já serviu como motivo para que eu deseje ainda mais essa vingança.

A teleportação é um meio fascinante de se movimentar, já senti isso. Mas, ao mesmo tempo percebo que deixa a gente um tanto cansado. Segundo Pedro, isso é porque no nosso estágio é mais difícil a locomoção. Falou-me que não somos espíritos de luz, mas também atentou:

– Ou é uma coisa ou outra. Se você fosse um espírito de luz até que poderia ser menos cansativo, mas aí você estaria perdendo o doce sabor da vingança. Uma coisa é se arrepender e perdoar, mas você quer isso?

– De forma alguma – respondi. Os que me fizeram mal, vão ter que pagar!

– Então, a melhor maneira é, pelo menos por enquanto, não se arrepender. Conseguir o seu objetivo. Não esquece que você vai ter muitas vidas pela frente para se arrepender. Quando tiver uma vida que lhe seja melhor, onde possa usufruir das coisas boas da vida, aí sim vai ter tempo de se arrepender.

Voltando ao nosso treinamento, tanto André como Marcos também me ajudaram nos exercícios, e até agora não encontrei mais dificuldades. Consegui saltar da casa de um para a de outro e creio que estou pronto para passar às próximas lições.

Continuo sentindo, no entanto, algumas emanações mais pesadas, vindas de um local que Pedro me mostrou de longe, dizendo que ainda não é hora de ir até lá.

– Lá estão os piores, João. Nós estamos só querendo o que por direito é nosso. Mas aqueles que estão lá são da pior espécie. É um bando de assassinos e ladrões que você não vai querer como amigos. Deixe a energia deles de lado. Pode ter certeza que eles querem você no meio deles, mas não vá de forma alguma.

Como não quero perder de vista meu objetivo, só posso obedecer a esse aviso de meu amigo.

7. Um passeio pelo Limbo

Já se passou um bom tempo desde que comecei o curso. Foram só duas lições, mas os exercícios são demorados, é preciso aprender direito e praticar mais e mais para chegar ao que quero.

Hoje o Mentor nos deu folga, a mim e a Pedro, para andarmos mais pelo Limbo, e Pedro quis me mostrar um pouco do outro lado, aquele lado ainda mais escuro do que aqui.

E isso foi o que ainda não comentei. Na Terra, havia dias de sol brilhante, com poucas nuvens, brisa fresca e paisagens fantásticas para se apreciar. Aqui é muito diferente. Os dias são sempre cinzentos, a gente não vê flores, não vê árvores. É tudo muito sombrio. Até mesmo as casas, onde residem os espíritos, não têm qualquer cor. São sempre cinzentas, e tudo varia do cinza claro ao cinza escuro.

Segundo Pedro, isto é por causa do nosso nível de vibração.

– O Mentor já me disse que há locais onde existe muita luz, mas é um lugar onde todo mundo é obrigado a trabalhar muito para ajudar os outros. Pode até ser que algum dia a gente chegue lá, mas não tenho essa intenção por um bom tempo. Ainda quero me divertir muito e quem está encarnado é um parque de diversões para nós.

– Você vai ver – continuou – quando estiver atrás de alguma vítima, que é diversão pura. Quando conseguir sanar as dívidas dos seus inimigos, sempre vai

ter alguém de quem se aproveitar. Mas é preciso seguir as lições direitinho, senão a gente pode despencar lá naquele abismo negro.

– Abismo negro?

– De onde vêm essas vibrações que a gente vive sentindo, João. Qualquer hora levo você lá perto.

Então, hoje, cobre essa visita de Pedro.

– Você acha que já está preparado?

– Por que não?

– É que a energia deles é bastante forte. A gente não pode ser visto nem sentido por perto, eles podem usar até força bruta pra nos arrastar. Sem contar que os mais fortes, os que se julgam donos do lugar, utilizam a hipnose para prender os espíritos mais sugestionáveis.

– Hipnose? Tem disso aqui?

– É claro. Como é que você acha que os encarnados fazem o que a gente quer? A gente vai sugestionando, aos poucos, insistindo no que queremos e, com o tempo eles ficam totalmente dominados. Não tem outro jeito melhor de trabalhar. Mas,

vamos lá, vamos!

Como nós já tínhamos treinado o suficiente de teletransportação, foi um instante até que estivéssemos num portal bem mais sombrio. Se onde estávamos era cinza, e já assustava, aquilo era de amedrontar. Não era exatamente um portal, era como se fosse mesmo um abismo negro.

Parecia até que a pouca luz que havia do nosso lado fugia para dentro do que Pedro chamara de Abismo. Não dava para ver quase nada. Se fosse mesmo para descobrir o que havia lá, era preciso entrar. Mas, como entrar se de dentro saíam gemidos, uivos, gritos horríveis e palavras (ou seriam palavrões?) em brados?

Olhei assustado para Pedro:

– É daí que vem a energia?

– Você está tão assustado com o que vê que não percebeu a energia forte que vem de lá?

Alertado, detive-me na observação mental da energia, era algo muito, mas muito forte mesmo, que dava a impressão de querer me arrastar para dentro.

– Fique calmo e não se deixe envolver. Afinal, seu nível é o daqui. Se por acaso entrar por esse portal, arrastado pela energia, você ficará preso lá. Não se esqueça de que seu objetivo é outro.

– E esses gritos, uivos, gemidos...?

– São dos espíritos presos. Ali estão os piores assassinos, a escória da raça humana. Perto deles somos espíritos de luz. Nunca avancei mais do que este ponto, onde a gente pode se sentir seguro. Mas sei que lá dentro é o que a gente chamava de inferno, quando éramos vivos.

– Além desses que você está ouvindo – continuou – que são os presos, estão ali as piores bestas que pode imaginar. Segundo o que o Mentor me contou, nem aparência de gente eles têm. Alguns são verdadeiros monstros, uma mistura de animais horripilantes. Aliás, acho que nenhum deles carrega mais a forma humana... Eles deixaram brotar de dentro os animais que foram quando começaram a evoluir. Mas ainda mantêm a consciência que conseguiram, e por isso uivam assim...

– Será que isso é arrependimento?

– Acho que deve ser, João. Eles exageraram na dose... Em vez de ficarem assim como estamos, só querendo justiça, foram fundo na vingança. Depois de algumas encarnações, que não souberam aproveitar direito, vieram direto pra esse lugar, e aí vão ficar até que algum dos espíritos de luz se lembre deles e leve pra algum lugar mais calmo.

– Tem disso também, é?

– Não esquenta com isso agora, João. Você está aqui com espíritos iguais a você,

que querem fazer justiça. Se a gente for esperar a justiça que vem lá de cima, olha lá... Vai ser uma eternidade e você talvez nem saiba que quem te fez mal pagou alguma coisa.

– Olha, eu já estou ficando preocupado... Será que vale a pena me vingar?

– Já falei, não esquentar com isso agora. Vingança tem pra todo lado e eu não vou dar o perdão a quem me fez mal. Fez mal pra mim, vai fazer pra mais gente. Então, tem que sofrer pra ver que fez errado. E, olha bem, se não for eu a castigar, quem me fez mal tem que pagar de qualquer jeito. Aí vem outro espírito e vai fazer o sujeito sofrer. Então, melhor que seja eu mesmo, assim, tiro as minhas satisfações.

– Pedro, será que é isso mesmo?

– Olha só, meu caro, até mesmo os mais fervorosos dos velhos tempos se vingaram. Você ainda vai entender isso. Os que viveram no começo da igreja sofreram o martírio nas mãos dos romanos, porque não queriam abandonar a crença. Foram queimados, torturados, perderam a cabeça e atirados aos animais selvagens. Acha que ficou por isso mesmo? Você estudou história? Já ouviu falar da Inquisição? Então, fique sabendo, a maior parte dos que morreram na época da inquisição foram mortos por quem eles mataram na época do martírio dos cristãos. Se até eles se vingaram, por que é que a gente não pode se vingar?

– Bom, vendo por esse lado...

– É claro que é assim, meu caro. É claro que é assim. Agora, você acha justo sofrer na pele uma série de ataques e deixar por isso mesmo? Eu não acho. E, se

quer saber, não estou nem um pouco preocupado se vou pagar por isso. Mas aí a gente tem que ser meio sacana, entende? Tem que provocar sem se envolver demais. A gente tira o proveito necessário e não fica com tanta dívida.

– Não complica pro meu lado, Pedro.

– Tenha calma que você vai aprender... Mas, vamos voltar. Não é muito bom sentir essas energias tão baixas. A gente pode ficar contaminado.

Tudo isso me deixou um pouco preocupado. Não disse nada a ele, mas deu pra perceber que sua vontade de vingança ficou maior ali na entrada no abismo. Será que só o fato de chegar perto daquele lugar já fazia com que a gente sentisse mais raiva dos inimigos?

Interessante: eu me dei conta que também estava com mais raiva. A proximidade do abismo também incentivou dentro de mim a vontade de me vingar. Só queria, naquele momento, continuar o que estava aprendendo para por em prática minha vingança. E, lá no fundo, já me começaram a surgir algumas ideias para isso...

Pensamos em nossas casas e no mesmo instante já estávamos de novo perto delas. Até que respirei aliviado. O cinzento dali até parecia um céu azul, se comparado ao que eu tinha visto. Agora, é aguardar a próxima aula. Vou ter muito que perguntar ao Mentor.

8. Sugestão e hipnose

Tenho acompanhado seus passos e sei que Pedro lhe levou até a porta do abismo. Ele seguiu minhas recomendações para lhe mostrar em que nível você precisa permanecer. Aquele lugar está muito mais populoso que o nosso, e a grande maioria dos seus ocupantes são espíritos que passaram por aqui e acabaram caindo numa tentação maior. Como consequência, os espíritos de luz os puniram e os deixaram no patamar mais degradado do espiritualismo.

Agora, João, pelo que você me mostrou, já está dominando bem a técnica de teleportação. Esse passo é muito importante, você sabe, já que é seu meio de locomoção, tanto aqui no Limbo quanto quando for visitar os encarnados.

Vamos então aprender mais um passo, que também será de muita importância para os seus planos: trabalhar com a mente dos encarnados. O primeiro ponto que você deve tomar consciência é que eles não podem ver você, a não ser um ou outro médium que tenha a capacidade de ver espíritos. E desses é melhor você não se aproximar, eles podem utilizar em você os poderes dos espíritos de luz e acabar com seu trabalho.

Também há algumas pessoas que podem sentir a presença de algum espírito, mas isso eles demonstram na hora ou até mesmo falam. O encarnado, na maior parte das vezes, precisa demonstrar ter algum “poder” e o primeiro deles é sentir a presença de alguém invisível.

Mas não se preocupe com isso. Para colocar em prática seus planos só é necessário que você esteja por perto de sua vítima a sós, principalmente à noite, até mesmo entrando nos sonhos dela. E isso é fácil fazer. Quando a pessoa

dorme, o espírito dela sai do corpo por um tempo e o sonho geralmente é o encontro com algum desencarnado, principalmente se a pessoa tem a consciência culpada.

É dessa consciência culpada que você precisa se aproveitar. Com o tempo você vai aprender melhor como utilizar o fluxo de energia que você recebe de sua vítima, fluxo que pode ser visto nos chacras, os centros de energia que todos têm. Mas isso é para as aulas futuras.

Como vamos trabalhar primeiro com um deles, e você precisa saber quem é essa vítima: tem que ser bastante conhecida sua, você tem que conhecer suas falhas de caráter, de moral, os defeitos que os encarnados e nós também todos temos. Veja que, para nós, não vamos considerar isso como falhas de caráter, porque elas é que são nossas armas. Precisamos ter essas armas prontas para poder utilizar em nossas vítimas.

Escolhendo sua primeira vítima, que será também a sua primeira experiência como obsessor, é preciso ter paciência para entrar em sua mente. Acompanhe-a durante um certo tempo, sem se envolver com ela, e veja o que está fazendo. O fluxo de energia que virá dela vai lhe demonstrar o que está sentindo, como está seu espírito. E aí é que vai estar o seu ponto focal: na falha.

Aos poucos você irá sugestionando sua vítima, envolvendo-a com sua aura, abraçando-a espiritualmente. E poderá falar no seu ouvido, sempre repetindo as mesmas palavras. Isso vai fazer sua vítima pensar que são seus próprios pensamentos, e irá se acostumar com eles, pensando que são a sua vontade.

Essa sugestão é seu primeiro passo para hipnotizar sua vítima, fazendo-a achar que ela própria é quem está pensando e irá agir segundo esses pensamentos.

Não preciso lhe dizer que as palavras que você disser deverão ser voltadas ao objetivo que você tem em mente. Se, por exemplo, você quiser que ela entre em conflito com alguma outra pessoa, deve sempre falar contra essa determinada pessoa, fazendo-a sentir raiva, inveja ou qualquer outro sentimento que possa criar o conflito.

Pode ser que você encontre junto com sua vítima um outro obsessivo, que já se apoderou dela e a comanda. Se isso ocorrer, sua primeira providência é se tornar parceiro desse obsessivo, fazendo-o ver porque está interessado nessa vítima em particular. Junto a ele, com certeza, encontrará a ajuda necessária, principalmente se falar em meu nome. Não se esqueça de que seu obsessivo foi treinado aqui, no Limbo, e deve ter sido aprendiz ou meu ou de meus iguais, instrutores de outras equipes.

Sobre um fato você precisa ser cuidadoso: se quer atingir seu objetivo de vingança, não poderá sugerir ou hipnotizar demais sua vítima. Uma vez que esteja a situação sob seu controle, afrouxe um pouco, não tenha pressa. Se esse encarnado cair totalmente sob seu poder, perderá a razão, a capacidade de pensar por si próprio, e dependerá única e exclusivamente da sua vontade. Em vez de uma obsessão, haverá uma possessão. Você é quem estará pensando por ele. Aí, fatalmente, toda a culpa recairá sobre você, o que não é bom.

Não se esqueça do que lhe disse no início desta lição: o patamar do Abismo está repleto de espíritos que não seguiram essa recomendação e acabaram destruindo suas vítimas, no afã de vingança.

Sua atividade deverá sempre ser assim: um envolvimento substancial, que trará o encarnado sob seu comando, e um afastamento seu, quando ele terá ainda todas as sugestões que lhe foram dadas, pensando que são ideias próprias.

Poderá acontecer de sua vítima apresentar alguma consciência culpada, depois de algum ato cometido, e você precisa estar alerta, precisa estar próximo, para fazê-la voltar a pensar como antes. Essa consciência culpada poderá fazer com que pressinta que não é próprio de seu caráter agir daquela forma e repensar o que fez, até mesmo se arrepender e voltar atrás.

Aí, todo seu trabalho terá que ser recomeçado.

Mas, não se preocupe. Seguindo os passos direito, você conseguirá sucesso nesse trabalho. Agora, vá. Procure Pedro, que é meu discípulo há muito tempo, e com ele você poderá tirar dúvidas e outras informações necessárias.

Antes de retornar à Terra será interessante participar da reunião com outros obsessores, para que lhe contem as próprias experiências.

9. A reunião

Naquela noite – noite, parecia ser noite, já que tudo sempre era tão cinzento. A diferença é que o cinzento da “noite” era mais escuro – Pedro me levou para minha primeira reunião com os espíritos de nossa turma. Isso acredito que ainda não tenha comentado: os espíritos vingadores, que é como somos chamados, são divididos em turmas que ficam alojadas em locais diferentes, em grupos que não ultrapassam vinte espíritos cada.

Segundo o que me disse Pedro, isso era para que o Mentor pudesse ter um controle maior sobre as atividades de cada grupo e também para criar equipes de trabalho, quando necessário.

– Equipes de trabalho?

– É, quando fica muito difícil para algum espírito vingador conseguir seus objetivos, é necessário criar uma equipe. Assim, com todos buzinando na consciência do encarnado, fica mais fácil conseguir o domínio dele.

As reuniões eram marcadas sempre no período “noturno”, num salão especial para isso: mesa posta com petiscos e bebidas para todos. Isso me surpreendeu. Ainda não tinha visto alimentos e bebidas no Limbo. Nós, espíritos, também precisamos comer?

– De certa forma, não – disse Pedro. – A gente se alimenta de fluídos, principalmente quando estamos no trabalho. E os fluídos a gente pode conseguir

através dos encarnados. Tudo que eles comem e bebem exala um fluído que podemos usar como alimento. Pense que a gente só precisa alimentar nossos sentimentos. O alimento daqui também é feito de uma espécie de fluído, um ectoplasma moldado de acordo com os pensamentos que temos.

Estávamos chegando junto com outros, alguns que estavam mais ou menos no mesmo estágio que eu, ainda aprendendo, e outros que vinham da Terra, onde já estavam trabalhando.

Estranhei não ver nenhum espírito aparentando ser mulher entre eles. Só havia espíritos masculinos.

– Isto é importante para que tenhamos resultado no nosso trabalho – esclareceu Pedro. – Os espíritos femininos ficam em outro local, também separados em equipes. Aqui estamos muito próximos de nossos desejos carnis, e precisamos direcionar esses desejos para os encarnados. Se ficarmos aqui, usufruindo deles, e é uma coisa que podemos fazer, não teremos a força necessária na hora do trabalho.

Pedro me apresentou aos que já estavam lá. Em todos eles eu via a expressão amargurada e surrada de pessoas que sofreram na pele os atos mais estranhos e mórbidos, enquanto estavam vivos, e ali só apresentavam a nítida vontade da vingança.

Era uma reunião estranha: nada de todo mundo sentado, ouvindo uma apresentação ou coisa assim. Formavam-se grupos e as pessoas conversavam. Tudo apenas com a finalidade de passar experiências e melhorar o aprendizado. Foi aí que percebi que o objetivo maior era que nós, novatos, pudéssemos nos integrar.

Ficamos conversando, eu e Pedro, com Marcos e André, que eu já conhecia desde meu treinamento de teletransportação. Marcos estava trabalhando com seu inimigo da última vida, a quem tinha fornecido muito dinheiro e que lhe deu um golpe, em consequência do qual acabou falido e depressivo, depois caiu doente, desencarnando de maneira muito sofrida, sozinho, sem atendimento médico ou de qualquer outra pessoa.

– Quando a gente tem dinheiro, na Terra, todos bajulam, todos são amigos. Aí, quando se perde tudo é que a gente fica sabendo quem são mesmo os verdadeiros. E, olha, João, eu não tinha nenhum amigo verdadeiro. Tomei um golpe enorme desse que era um sócio e que acabou me roubando tudo. Quando se sentiu dono da situação, me expulsou como um cachorro da empresa, ficando com tudo que era meu.

– Burro fui em acreditar nele – continuou. – Eu pensava que estava investindo para que tivéssemos um futuro tranquilo. E não foi nada disso. Deixei que cuidasse dos assuntos administrativos da empresa e, quando percebi, já tinha tudo sob controle. Eu não podia apitar mais nada. Colocou um amigo no meu lugar e simplesmente me expulsou. Lutei como pude para provar que ele tinha me dado o golpe, mas não adiantou nada. Até a justiça lhe foi favorável. Acabei na miséria, com uma depressão terrível, sem condições de me levantar novamente. Depois, caí de cama com uma doença que nem sabia o que era, não me alimentava, fui definhando e morri sozinho, num quatinho isolado, sem uma alma pra me ajudar. Quando acordei, com aquela raiva surda que sentia dentro do peito, me encontrei aqui.

– Agora – prosseguiu – já estou conseguindo minha vingança.

– Como é que você conseguiu se aproximar dele? – perguntei.

– Bom, chegar no encarnado é fácil. Basta a gente se lembrar dele, invocar no pensamento e voltar a ter os mesmo sentimentos que a gente tinha quando vivos. Automaticamente estamos ali, encostados no fulano. E foi fácil me aproximar: ele estava num dos momentos de raiva e dando bronca em seus subordinados, e sempre por causa de lucro, de dinheiro fácil. Deu pra ver um fluxo saindo do coração dele, gosmento, de uma cor amarelo-sujo, e aquele fluxo se estendia, cercando tudo que ele acha que é seu.

– Nós enxergamos esse fluído que sai das pessoas? Aqui eu não vejo nada.

– Isso porque você ainda não se concentrou. Se você se concentrar, vai enxergar, tantos dos vivos quanto dos desencarnados. Mas dos encarnados é mais fácil. Como a gente está no plano espiritual, e o fluxo é formado de matéria do plano espiritual, nós conseguimos ver facilmente. O fluxo dele, então, nem se fala. Aquilo toma conta da empresa toda. Ele procura saber o que acontece do mais baixo até o mais alto, quer tudo nos mínimos detalhes, não perde nada. E sempre fica pisando duro nos empregados, nunca tem uma palavra de elogio. Pelo contrário: sempre que pode, está humilhando.

– Chefe sempre é assim... – comentou Pedro.

– Não, Pedro, nem sempre. Eu mesmo fui chefe de muita gente e nunca agi desse jeito.

– Vai ver foi por isso que ele roubou tudo que era seu.

– É, acho que foi por isso. Eu confiei demais nele. E ele nunca se mostrava esse tirano, sempre se fazia de amigo, camarada, com uma educação de dar inveja. Quando conseguiu o poder na mão, mostrou a face verdadeira. Quando eu cheguei, vi que ele estava conseguindo tudo que queria: dinheiro, poder, essas coisas que a gente só aprende que ficam na Terra quando morremos. Aqui não tem nada disso.

– Como é que você conseguiu entrar na cabeça dele? – perguntei, já curioso com o desfecho da história.

– Nada complicado. Foi só me sintonizar com aquele fluxo... Aquilo era o pensamento dele todo montado. A única coisa que o interessava era ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, juntar mais e mais poder. Uma pessoa assim, egoísta e avarenta, é fácil dominar. Fiquei um bom tempo reforçando nele a ideia de querer mais e mais. Quando senti que dominava completamente o pensamento dele, comecei a implantar nele as dúvidas. Aí contei com uma excelente ajuda.

– Algum espírito daqui? – questionou Pedro.

– Não, de um grupo de fora, mas que estava por lá, já trabalhando com o encarnado. Você sabe, um sujeito assim nunca fez mal só pra uma pessoa, sempre tem outra vítima. E esse espírito tinha sido também uma vítima dele, em tempos anteriores, outra encarnação. Era esse espírito vingador que colocava na mente dele a cobiça. E, como nós tínhamos o mesmo objetivo, trabalhamos juntos. De um lado, ele obrigava o encarnado a querer mais e, de outro, eu ficava colocando as dúvidas na mente dele.

– Que tipo de dúvidas? – eu quis saber.

– “Tem alguém me roubando...” “Eu não tenho empregados confiáveis...”
“Preciso descobrir quem está me roubando...” Isso funciona de uma maneira fantástica. Quem é avarento, sempre tem medo de perder. E aí que entra a grande arma: vai mesmo perder. Com essa dúvida, ele acabou desconfiando do melhor e mais dedicado empregado que tinha, e o mandou embora. O encarnado que substituiu esse demitido não entendia nada de assuntos financeiros, e por esse motivo, era a pessoa certa para começar a afundar o negócio.

– Mas, assim, fácil desse jeito? – eu duvidei de plano tão simples.

– Não, isso foi só o primeiro passo. Depois disso coloquei, com a ajuda de um outro espírito vingador, uma mulher, uma prostituta no caminho dele. Uma dessas capaz de tirar até o último centavo de um homem. Ele foi ficando cada vez mais apaixonado, mesmo a contragosto dava a ela presentes caros, dinheiro, joias... Quando percebeu, já estava mais que comprometido financeiramente.

– E a empresa dele, como ficou? – quis saber Pedro.

– Por enquanto, quase falida. Eu lhe disse, estou quase acabando com ele. Mas, conforme mesmo ensina o Mentor, não posso deixar que chegue ao ponto de um suicídio ou qualquer outra coisa que o leve à morte. Posso me vingar dele, sim, e – quer saber – estou é ajudando o miserável na sua regeneração espiritual. Se não fosse eu a fazer isso, claro que teria outro, mas eu não teria minha satisfação e meu descanso espiritual. Então, estou até ajudando os espíritos de luz. Vou deixá-lo na miséria. Ele vai acabar a vida em algum quartinho sujo e fétido, como eu, mas não vou chegar ao ponto de matá-lo. Vai ter que sofrer, vivendo de esmolas. É isso que ele merece!

– É, Marcos, você tem razão – argumentou Pedro. – Nós estamos aqui por dois motivos: o primeiro é que não estamos ainda perfeitos para entrar naquele

clubinho exclusivo dos espíritos de luz. Eles exigem que perdoemos tudo, que aceitemos tudo, dizendo que o Todo Poderoso vai nos dar a recompensa. E o segundo motivo é este que você disse: querendo ou não, nós acabamos é mais por ajudar os encarnados a pagar por seus erros. Se não fôssemos nós a usar de nosso espírito vingador para que eles possam aprender alguma coisa, quem seria?

– Mas isso não vai pesar sobre nós um dia, Pedro? – era meu lado bom entrando em cena.

– Olha aqui, João: querendo ou não, nós todos temos pecados, erros cometidos durante as vidas que tivemos na Terra. Mas, também, veja que não encarnamos em bons lugares, não tivemos a oportunidade de progredir, muitas vezes tivemos que usar de golpes baixos contra os outros para sobreviver, em algumas vidas até mesmo chegamos a matar pessoas... E isso tudo faz parte da evolução espiritual de todo ser criado por aquele Todo Poderoso.

Pedro mostrava uma irritação estranha, um tom de voz magoado:

– Se Ele quisesse, poderia ter feito a gente perfeitos, mas não fez. E também não deixa a gente com nenhuma opção. Aquela história de “livre arbítrio”, para mim, é uma conversa mole. Diz que nós temos a opção e podemos escolher o caminho. Mas só podemos evoluir se seguir o caminho do Todo Poderoso, não existe outro. Para mim, não existe livre arbítrio. Ou é o caminho que Ele quer ou não é caminho nenhum!

– Você, pelo jeito, é revoltado contra o Todo Poderoso!

– E sou mesmo! Meu lugar era pra ser num nível muito melhor e, no entanto, estou aqui, ainda nessa história de reencarnar, sofrer outra vida, voltar para o Limbo, servir para os espíritos de luz para que alguém sofra na Terra... Já estou ficando cansado disso.

– Bem, então precisa ver como é que você quebra esse círculo vicioso... – argumentei.

– E você pensa que eu não sei como? O que os espíritos de luz querem é que eu me arrependa do que fiz. Como é que vou me arrepender, se o que fiz foi o correto? Se alguém fez alguma coisa contra mim, tem que pagar! Ou estou errado em pensar isso?

– Olha, Pedro, eu não sei muito sobre isso... Estou há muito pouco tempo aqui, nem consigo ainda me lembrar de encarnações passadas, só da última. Mas eu penso que tenho de me vingar de quem me fez mal, não vou perdoar assim tão fácil! – decretei.

Assim, a conversa ainda foi se estendendo por algum tempo, mas sempre se voltando ao tema da vingança. A bebida, que fluía à vontade, foi deixando alguns espíritos mais alegres. Num determinado momento, alguns começaram a sair, já que o outro dia prometia trabalho para alguns, escola para outros...

10. Interlúdio

– E então, Pedro, como está o nosso novo aprendiz?

– Está se adaptando, Mentor. Algumas vezes parece ter algum resquício de bondade, de arrependimento, mas acho que isso é até bom. Assim ele se mantém dentro dos nossos níveis.

– Isso é porque ele passou por poucas e boas na última vida. E foi necessário. Ele já se questionou a respeito das vidas anteriores?

– Não, ainda não. Só comentou que se lembrava de alguma coisa de sua última, mas não de tudo... Alguns assuntos ainda estão nublados...

– Bom isso. Ainda não é o momento. Se ele souber o que fez nas vidas anteriores acabará decaindo. E já foi muito difícil tirá-lo do Abismo. Vamos mantê-lo ocupado com o curso e com seu plano de vingança. Desta forma ele não terá tempo de ficar se perguntando a respeito do passado.

– É, quando o levei ao portal do Abismo ele sentiu alguma coisa, como se estivesse sendo arrastado para dentro. Mas isso foi momentâneo, logo mudamos de conversa e ele se recuperou.

– Continue seu trabalho, Pedro. Ele deve começar a agir.

11. O primeiro retorno

Retornei à Terra com Pedro, passamos o dia lá. Foi muito estranho estar novamente no meio dos vivos, vou ter que me acostumar com isso. A teleportação, acho que por ser mais distante, foi um tanto estranha, foi preciso que me acostumassem de novo no meu corpo... Quero dizer, no meu perispírito...

Encontrei a rua em que vivia, o apartamento onde morava. Pedro me disse que eu tenho acesso livre a todo e qualquer lugar, exceto naqueles onde existe a luz dos espíritos, já que podem me aprisionar. Entrei no apartamento, há gente nova morando lá, pessoas que não conheço. Certamente compraram de meus irmãos. Como não deixei filhos, o apartamento naturalmente ficou para eles.

Mas, foi entrando ali que me dei conta de alguns fatos que me esquecera. Meus pais, por exemplo, desencarnaram antes de mim, e não sei deles até agora. Minha mãe, certamente, está num nível diferente do meu, sempre sofreu muito nas mãos de meu pai. E ele, aquele velho alcoólatra, imagino que deva estar no Abismo. Morreu de tanto beber...

Ele também maltratou muito esposa e filhos durante a vida, nunca teve um gesto qualquer de carinho e atenção. Vivia do trabalho para o bar, do bar para casa, já chegava bêbado e brigando com todos, batendo em minha mãe. Meus irmãos mais velhos saíram de casa logo que puderam, cada um para seu canto. Eu acabei ficando até que minha mãe morresse. Ele, no entanto, desencarnou antes. Para ser franco, nem sentimos quando morreu. Ou até nos sentimos aliviados: finalmente ele tinha ido embora!

Ali no apartamento as lembranças voltaram mais fortes, me lembrei

perfeitamente da maneira como vivia. Depois do falecimento de minha mãe, vendi a casa (naquelas alturas nem sabia onde andavam meus irmãos) e me mudei. Depois, trabalhando, consegui comprar esse apartamento. Claro, não tinha todo o dinheiro, mas os meus “negócios” me trouxeram o lucro suficiente. Eu não me casei, vivia era trazendo mulheres para casa, na maioria prostitutas. Era assim, uma transa e ponto final, tome seu dinheiro e está tudo certo.

Nenhuma delas queria compromisso, e isso era o mais importante para mim. Queria minha vida livre de qualquer compromisso, e assim foi. Só não tinha ideia que ia desencarnar tão cedo. E nem me lembrava, até aquele momento, como tinha sido:

– Foi Paulo! – quase gritei, e Pedro me olhou assustado. – Foi Paulo! Eu me lembro de tudo, agora me lembro! Eu estava bem aqui, perto da janela, a gente conversava sobre o trabalho. Eu tinha feito um negócio aonde ia levar uma grana preta, e ele descobriu.

– Isso é roubo, João! É um desfalque na empresa! Como é que você pode fazer isso? – ele me intimava sobre o desfalque.

– Rapaz, nosso patrão está mais do que rico, esse dinheiro não vai fazer falta nenhuma e, aliás, não está saindo do bolso dele, e sim do cliente.

– Mas ele vai descobrir, e você pode ir preso!

– Só vai descobrir se você contar! Já fiz isso antes e sempre deu certo. Acha que tenho essa vida tranquila só com a mixaria que recebo? Veja bem, apartamento novo, carro zero, as mulheres que eu quiser... O salário que recebo não ia me dar

essa boa vida, não!

– Ah, tá! Então não é a primeira vez? Olha bem pra mim: você vai ter que dividir comigo! Se eu não levar algum nesse negócio, vou abrir o bico!

– Não brinca comigo, Paulo, não brinca... Eu arrisquei minha pele sozinho e vou levar vantagem sozinho. Como é que você quer botar a mão na grana, se não fez nada?

– Pois bem! Se não levar uma parte, amanhã mesmo falo com o chefe!

A discussão foi ficando acalorada, chegamos a nos pegar e, de repente, me vi saindo pela janela. Estávamos no oitavo andar, nem precisa dizer que me arrebentei. Quando cheguei ao Limbo ainda estava atordoado, acho que foi por isso que não me lembrei do fato.

Mas, então, ali, perto da janela, acabei me lembrando de que o culpado tinha sido Paulo, que eu considerava um bom amigo, um bom colega de trabalho. Tínhamos fechado muitos negócios juntos, mas aqueles em que eu levava vantagens eu fazia era sozinho. Paulo sempre foi medroso, se fazendo de honesto...

Então, também descobri que era de Paulo que eu tinha aquela raiva surda, aquele desejo de vingança. Ele tinha sido o culpado por minha morte prematura, e eu ainda tinha muito que aproveitar da vida.

Pedro estava com cara de quem já sabia de tudo...

– Você sabia de tudo isso, Pedro?

– Sabia, João, sabia. Eu só não podia lhe falar nada, era preciso que você se lembrasse sozinho...

– Mas você poderia ter me alertado!

– Não, não podia. Esse tipo de memória tem que vir de quem sofreu na pele, senão a motivação para a vingança não é a mesma. Agora que você se lembrou, tenho certeza que seus sentimentos com relação ao Paulo estão à flor da pele. Quer saber onde ele está agora?

– Quero! Vou estrangular esse fdp!

– João, você é espírito, não pode estrangular ninguém fisicamente...

– Ora, Pedro, é maneira de dizer... Vou me concentrar nele.

Mentalmente fui fazendo a imagem de Paulo. Concentrando nele e na minha vontade de encontrá-lo. De repente me vi frente à frente com o próprio.

– Gozado – ouvi-o dizendo. – De repente me lembrei de João...

Minha vontade era dizer que estava ali, que sabia que ele é que tinha me assassinado, mas sabia que não ia ouvir. Com certeza ele se lembrou de mim em virtude de minha presença.

Olhei para ele: nada lembrava aquele Paulo humilde que eu conhecera. Estava com um terno fino, de grife, todo elegante. Mas aquela não era a sala onde ele trabalhava. Olhei em torno: uma mesa grande, com uma bela placa onde se via seu nome e função: subgerente. Subgerente? Aquele bolha? Como é que conseguiu essa promoção?

– Você vai querer saber o que mais ele aprontou...

– Você sabe?

– Sei, e isso eu tenho permissão para lhe contar.

– Logo depois que você caiu pela janela, Paulo ligou para a polícia, informando do “acidente”. No depoimento, contou a própria versão para a polícia, alegando ter sido legítima defesa e dizendo das suas falcatruas na empresa. Claro, isso gerou uma repercussão danada. Os seus golpes foram descobertos e aqueles que faziam conchavo com você passaram por inquéritos, alguns foram presos, outros – os mais endinheirados, claro – conseguiram se livrar.

– Paulo livrou-se do julgamento com todo esse escândalo, - continuou –, já que a

polícia chegou à conclusão que tinha sido legítima defesa. Afinal, o criminoso era você, e estava morto. Como duvidar da palavra de um sujeito honesto, que denuncia e comprova as atividades de um trambiqueiro? Acabou que todo o teatro criado por Paulo, as manchetes no jornal, os empresários envolvidos, tudo isso renderam a ele o cargo de subgerente.

– Canalha fdp!

– Quer mais? – prosseguiu Pedro – Paulo já estava de olho há muito tempo em você e sabia dos seus golpes. Ele, sozinho, não tinha coragem de fazer a mesma coisa, então armou tudo aquilo: ou você repartia com ele, ou estava entregue. Ele só não contava com o acidente... Porque, afinal, foi mesmo um acidente, mas isso não deixa de fazer dele um assassino.

– Então era isso... Agora ele está todo bonito, numa posição que não merecia, e eu aqui, morto!

– Morto, não, de forma alguma. Está aqui, e muito vivo, só que ele não pode ver você e você pode começar o seu trabalho. Afinal, ele bem que merece um castigo, não é?

12. Iniciando uma obsessão

Depois que descobri – ou melhor, lembrei – tudo que Paulo me aprontou e como se aproveitou de uma situação, minha sede de vingança ficou ainda maior. Minha vontade era partir para cima dele e tomar conta de toda a sua consciência, fazer dele gato e sapato.

Pedro, porém, me conteve, e com razão:

– Você não pode esquecer que tem todo o tempo do mundo, João. Vai com calma. Ele não vai escapar de você. Por enquanto você pode ir se adentrando na aura dele, está vendo como ela é? Esse tom cinza que você vê é o tom da cobiça. Ele ainda não está contente com o que tem. Na certa, está querendo o lugar do chefe, e vai fazer alguma coisa pra conseguir...

Com efeito, a aura dele espraiava um tom cinza sobre o peito, no lugar do coração. E esse cinza escuro ligava o coração ao cérebro, acabando por se espalhar por todo o corpo.

– Ele é puro egoísmo, João. É disso que você tem que se aproveitar. Mas é preciso prestar atenção: geralmente todo encarnado já tem um obsessor, e é preciso saber quem é, se é algum espírito do nosso nível ou não. Vamos lá, vamos descobrir.

Começamos a nos concentrar, pensando em algum espírito que por ali estivesse. Aos poucos, surgiu um vulto ao lado de Paulo, que foi se materializando

(materializando, digo eu?) para nós. Era um vulto sórdido, mostrava isso na expressão. Encurvado, encarquilhado, abraçava Paulo pelas costas, colando-se nele. Olhou-nos, um tanto surpreso por nos ver:

– Quem são vocês? O que querem?

– Irmão – Pedro dirigiu-se a ele – nós temos uma dívida a cobrar desse encarnado.

– Nada disso, ele é meu! Eu o vi primeiro!

– O que é que você está procurando nele?

– Ele está juntando dinheiro, ouro, joias... Tudo que eu preciso! É o que eu quero!

Paramos de nos concentrar e ele foi desaparecendo naquela névoa cinzenta que cobria Paulo. Pedro olhou para mim:

– João, o lugar desse aí é no Abismo. Ele não vai se soltar de Paulo assim tão fácil. Já fez um trabalho grande sobre a mente de Paulo e acha que é dono de tudo o que ele conseguiu. Vamos precisar de ajuda para mandar esse trevoso para o abismo, senão você não vai conseguir o que quer.

– Mas... ele já não está subjugando o Paulo? Não é melhor assim?

– Percebeu que ele não vai deixar você chegar perto? Na certa, outros já tentaram se aproximar, mas esse trevoso não deixa. Ele se julga dono de Paulo e não vai abrir mão. Esse é do tipo que pode levar seu amigo à morte, através de um suicídio ou coisa assim. Percebeu a união da aura dos dois? Esse espírito não vai descansar enquanto não sugar toda a energia de Paulo, achando que assim vai ser dono da riqueza dele.

– É assim que agem os trevosos – continuou – eles se aproveitam das fraquezas dos encarnados para satisfazer as próprias vontades. E esse aí encontrou um campo fértil para suas vontades. Veja que Paulo irradia uma aura de puro egoísmo, de cobiça. É tudo que o trevoso precisa. Esse trevoso, com certeza, foi um banqueiro ou um agiota quando era vivo. Deve ter feito muito mal pra acabar desse jeito.

– Não entendo. Se ele fez tanto mal, não devia estar no Abismo?

– Qual é o espírito que quer ir para lá, João? Lá só vão os que forem presos. Bom, vamos ter que pedir a ajuda do Mentor. Nós não vamos conseguir tirar esse trevoso daí sozinhos... Você vai ficar aqui, acompanhando Paulo, não o perca de vista enquanto eu tomo as providências necessárias.

Pedro desapareceu e eu fiquei ali, observando. Paulo apresentava algumas atitudes meio estranhas, que não eram de seu feitio enquanto eu era vivo e trabalhávamos juntos. Ficava o tempo todo folheando papéis, mexendo no computador, conferindo números. Chegando mais perto pude ver que estava contabilizando suas contas bancárias, investimentos... E pelos números, estava mais rico do que eu nunca consegui em vida.

Num dado momento, aparentando satisfação com o que tinha feito, levantou-se, colocou numa maleta executivo os papéis e saiu da sala. Acompanhei, é claro, eu não podia perdê-lo de vista. Passou pela mesa da secretária:

– Estou indo. Boa noite, Patrícia.

– Boa noite, doutor, até amanhã. – respondeu a secretária, com um sorriso meio amarelo. Parecia ter medo dele.

Paulo desceu até a garagem, entrou um carro importado que – juro – me deu inveja, e saiu do edifício. Claro, eu ali junto, no banco traseiro, observando tudo. Não me concentrei mais no trevoso, por recomendação de Pedro. Como estávamos vibrando em níveis diferentes, ele não podia notar minha presença. Eu o percebia, no entanto, o que me garantia estar num nível mais elevado que o dele.

– Será que tem alguém mais elevado que eu me observando? – perguntei-me, um tanto apreensivo. Se eu percebo o trevoso e ele não me vê, só pode ter alguém em nível mais elevado que eu me seguindo também...

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Pedro, aparecendo ao meu lado.

– Tudo preparado! Esta noite a gente tira o trevoso daqui, mas você vai precisar ficar o tempo todo ao lado de Paulo e tomar o lugar dele.

– Como assim? Vou ter que pegar essa sujeira toda que ele vai deixar?

– Tenha calma. Falei com o Mentor e a milícia do Limbo vai tirar o trevoso durante o sono de Paulo e levá-lo para o Abismo. Enquanto a milícia estiver trabalhando, você vai ocupando o lugar dele e se aproximando. Vai ver que Paulo, enquanto dorme, sai do corpo adormecido, e para ele isso será só um sonho. Seu trabalho será se mostrar a ele e incentivá-lo a querer ganhar mais.

– Entendi. Ele vai perder um obsessor e ganhar um vingador.

– Exatamente. Ele não pode perceber que houve uma mudança de ideias. Na verdade, o trevoso já estava ocupando todo o pensamento de Paulo. Se o tirarmos de repente, pode até ser que Paulo se sinta arrependido, e isso não pode acontecer. Então, vai se sentir despreocupado, e continuar com sua ganância. Basta que você continue incentivando-o a ganhar mais, acumular mais. Bom para você, metade do trabalho já está feito!

Paulo chegou à sua casa, e pude ver que era uma casa de dar inveja a qualquer um. Construída num terreno grande, em bairro nobre, com piscina, jardim, garagem onde estavam dois outros carros... É, enquanto eu morri, ele resolveu a própria vida!

Sua esposa o recebeu, toda apaixonada. Quando eu era vivo, ele ainda não havia se casado. Agora, estava com a esposa, uma mulher muito bonita, morena, corpo bem feito, torneado – do jeito que eu gostava quando vivo. Claro, gosto ainda. Mas essa mulher tinha uma aura diferente, brilhava de outra maneira, bem mais clara que a de Paulo. Tinha uma tonalidade rosa, que chegava próximo do vermelho... Aquilo, pude perceber, era amor.

E amor é uma arma perfeita quando se quer destruir alguém...

Paulo beijou-a amorosamente e, conversando os dois, foram para os fundos onde, num espaço aberto e arejado, estavam dois meninos. Quando viram Paulo, já o convidaram para a brincadeira: jogavam bola. Tinham entre oito e dez anos... Dei-me conta que fazia mais tempo que eu tinha morrido do que pensava antes.

Ele tivera tempo de encontrar mulher, casar, ter filhos, ficar rico... E eu, morto! Ora, ora...

Esquivando-se dos filhos com a desculpa de estar cansado, Paulo sentou-se com a mulher e ficaram conversando, enquanto olhavam os filhos. E a conversa era trivialidade pura, coisa de casais. Eu notava que sua aura se modificava quando estava perto dela. Não se mostrava tão cinza, às vezes trazia alguma coloração mais clara, a aura dela o acalmava e o tirava das garras do obsessor trevoso.

Ele realmente a amava! Mais uma parte do meu plano começava a tomar corpo.

Depois do banho, jantar e rotinas normais de um casal à noite, com as crianças já dormindo, foram os dois para o quarto. O convívio dos dois os permitia, naquela altura do casamento, a deitar e dormir, com alguma desculpa qualquer, sem os arroubos de paixão de um casal mais jovem.

Quando dormiram pude perceber que saíam do corpo. Ela foi a primeira, tinha dormido antes. Afastei-me do quarto, não queria que me visse. Quando retornei,

tinha desaparecido – certamente seu sonho a levava a algum outro lugar – e seu corpo dormia tranquilo. Foi a vez de Paulo se levantar do corpo mortal. Aproximei-me. Olhou-me assustado:

– João! Não, não, não foi culpa minha! Foi um acidente!

E eu só o olhava.

– Juro que foi acidente! Eu não queria!

Depois de muitas lamúrias por parte dele, cheguei mais perto:

– Não se preocupe, Paulo. Eu sei que foi um acidente, que você não queria. Sei que está arrependido, e não quero prejudicar você. Vou até mesmo lhe ajudar. Vou ficar ao seu lado. Afinal, sempre fomos amigos, não fomos?

– Você sabe que sim, que sempre fui seu amigo!

Enquanto eu o entretinha com as minhas “verdades”, percebi Pedro chegando com o que ele chamava milícia: quase uma dúzia de espíritos mal encarados e mal formados, alguns com aparência de animais os mais grotescos, carregando algum tipo de armas estranhas que eu nunca tinha visto. Foram para o canto do quarto onde se refugiava o trevoso e o agarraram. O trevoso gritava, uivava, gritava palavrões, mas não adiantou. Acabou por ser levado pela milícia.

– Pronto, agora ele vai ter o que merece – disse Pedro.

Paulo não o via. A facilidade do espírito está exatamente aí: podem se mostrar ou não.

– Agora ele está por sua conta – continuou. – Vou deixar você por esta noite com ele. Aproveite e consiga ocupar o lugar do trevoso, mas não altere em nada os objetivos de Paulo. Quando ele acordar, vai até se sentir melhor sem a presença desse trevoso e vai continuar com todas as ideias. E você vai ser o comandante dessas ideias.

13. Reportando ao Mentor

Tem já alguns dias que me mantenho ao lado de Paulo e o estou inseminando com as ideias de juntar mais e mais, continuando exatamente o trabalho que o trevoso vinha fazendo. De certa maneira, houve uma mudança. Paulo agora anda mais seguro, toma as atitudes com mais energia. Acredito que seja minha influência, que não o deixa abatido. O trevoso sugava demais suas energias, eu faço de maneira diferente: incentivo suas atitudes.

Esse é exatamente o meu objetivo: fazê-lo subir na vida. O tombo será maior.

Descobri que ele também anda fazendo algumas falcatruas no trabalho. Uma parte dos clientes que eram meus apaniguados, com sonegação de impostos, lavagem de dinheiro, agiotagem, coisas assim, que eram praticamente minha rotina quando vivia, agora fazem parte da clientela de Paulo.

Não posso dizer que não tenha sido bom aprendiz: a maneira como ele conduz essas violações é até melhor que a minha. Claro, nesse tempo todo muita coisa mudou na Terra, há muito mais programas que facilitam a vida de quem quer lucrar. Quanto mais os bancos e instituições criam defesas, mais os programadores se aprimoram. Puro jogo de gato e rato.

Pelo que pude perceber, a esposa de Paulo, Suzana é seu nome, não conhece nada do lado criminoso do marido. Para ela, ele é o santo dos santos, sempre amoroso, fiel, o marido que ela pediu ao Todo Poderoso. E por esse lado também me cientifiquei que ele é mesmo fiel. Seu objetivo é ficar cada vez mais rico e conseguir mais e mais poder, tanto junto aos clientes como junto aos donos da empresa. Mantém sua vida pessoal ilibada, sem um deslize.

Por esse lado não me dá o menor trabalho. Agora é hora de começar meu plano. Pude perceber que ele sente atração por Patrícia, a secretária, e aquele sorriso amarelo no primeiro dia em que a vi não era medo: era reflexo da atração que ela também sente por ele.

Nesses dias acabei por melhorar minha percepção da aura dos encarnados, e a de Patrícia se apresenta numa cor vermelho-púrpura quando se aproxima de Paulo. Uma paixão um tanto doentia, de desejo reprimido. Essa cor se transforma numa mistura com verde-escuro quando, por exemplo, tem que passar uma ligação da esposa de Paulo, ou quando ele pede que faça alguma coisa em que ela está envolvida.

Existe ali paixão e existe ciúme. Prato feito para fazer meu trabalho.

Comecei a insinuar no pensamento de Paulo a imagem de Patrícia, fazendo com que ele a olhasse de forma diferente, e não demorou para que ele começasse a prestar atenção nela. Claro, contido como ele é, não tomou ainda nenhuma atitude direta. Mas mudou o tratamento que dá a ela, está mais atencioso e menos autoritário.

Ela também percebeu isso e agora o trata com mais carinho, sempre reservada como convém a uma secretária. Mas os detalhes não passam despercebidos a Paulo: a sala sempre organizada, os papéis arquivados, a mesa sempre limpa. Pronto: Paulo já tem mais olhos para Patrícia.

Se não fosse parte do meu plano, até que seria um envolvimento bom. Os dois se combinam. Ela se dedica única e exclusivamente a ele. Defende-o como uma leoa, seleccionando ligações, agendando seus horários, não permitindo

interrupções em momentos que verifica serem mais importantes, e ele, por sua vez, notou que a dedicação de Patrícia aumentou depois de prestar mais atenção nela.

O que preciso agora, antes de dar continuidade ao plano, é não perder de vista Paulo e conseguir influenciar Patrícia para que aconteça o envolvimento dos dois. Ainda me falta a experiência para isso, tenho um certo receio de deixar Paulo sozinho, mas preciso também influenciar Patrícia.

14. Mantendo a ligação

Você está começando agora a etapa mais importante de seu trabalho, João: sua ligação mental com um encarnado. Já que escolheu o responsável pela sua desencarnação, e considero isso de suma importância, já que foi uma ação premeditada por seu antigo parceiro, deverá se dedicar com afinco à sua vingança. Não se esqueça: sua vingança será o começo da redenção de seu ex-parceiro.

Sabemos que arrependimento é algo que não passa pela cabeça dele, está cada dia mais envolvido com as trapaças e avolumando mais e mais sua fortuna. O tempo que você passa com ele, durante o dia, já lhe assegura manter o domínio sobre o pensamento de Paulo. E esse domínio se estende pelo resto do tempo dele. Em sua casa, a principal preocupação é a esposa e os filhos, e ela tem uma grande proteção dos espíritos de luz, visto que o ama verdadeiramente.

Não é muito bom para o seu trabalho se envolver com a esposa e os filhos. Poderá acontecer de você se defrontar com um espírito de luz e ele tentar interromper sua interferência junto a Paulo.

Você não pôde perceber na sua primeira noite na casa de Paulo, quando se apresentou a ele, mas os espíritos de luz estavam lá. Não notou que Suzana deixou o corpo e desapareceu? Pois é, ela foi viver sua vida astral num ambiente propício à sua fé, por isso não permaneceu enquanto você se manifestava a Paulo.

Nós não podemos interferir diretamente com a família dele, João. As iniciativas serão do próprio Paulo, sem que você entre na casa.

Enquanto essa interferência não chegar à casa dele, fique tranquilo, eles deixarão você em paz, mesmo porque sabem que você está trabalhando para que Paulo encontre o caminho da luz, e é isso também o que Suzana, a esposa quer. Ela sabe que ele não carrega nenhuma religiosidade, e isto é uma mágoa que carrega do marido, porque cresceu em ambiente voltado para a religião e tem princípios morais alicerçados em sua fé.

Para Paulo, no entanto, a fé só existe para as coisas materiais, você já percebeu.

Nos próximos dias você poderá trabalhar um pouco mais com Patrícia, incentivando-a a tomar alguma atitude com relação a Paulo e ele deverá se mostrar receptivo. Já está num bom caminho para isso.

Outra coisa em que você já está progredindo é na percepção das cores da aura, isso é importantíssimo para saber em que emoção poderá influenciar. Assim, para Paulo, é lógico que é a cobiça, aquele egoísmo exacerbado que ele tem. Em Patrícia, procure incentivar a sensualidade. Ela já é naturalmente sensual, aliás, como a grande maioria das mulheres, e essa qualidade deve ser manipulada para atrair Paulo.

Sua ligação mental com ele já está bem mais firmada e não precisa ser motivo de preocupação. Enquanto você mantiver essa influência diária sobre ele, não haverá perigo nenhum: ele está sob seu poder. A ligação mental vai permanecer e você sentirá se houver alguma interferência.

Caso sinta alguma interferência, concentre-se nele e fique ao seu lado. Pode acontecer de algum espírito trevoso novamente se aproximar, um fato que considero até meio difícil, visto que já tiramos um dele e isso cria um certo

obstáculo aos trevosos. A notícia de nossa atuação corre entre eles e a grande maioria dos trevosos teme o castigo por suas falhas. Claro, a menos que pensamentos negativos de Paulo os atraiam, mas isso não vai acontecer tão cedo.

Pelo que posso ver, ele está feliz, bem mais feliz do que antes, e não terá pensamentos depressivos. Isso vai manter sua influência.

Agora você pode ter algum tempo de descanso, entre seus parceiros do Limbo, depois prossiga com seu trabalho.

15. O trabalho de André

Naquela noite eu e Pedro fomos a mais uma reunião dos vingadores. Pedro gostava mais desse título do que obsessores.

– Estamos fazendo o que fazemos para que os encarnados paguem por seus erros – dizia. E também tirando nossa forra.

No mesmo lugar em que tinha sido realizada a anterior, estavam lá os espíritos chegando. Os grupos se formavam e nós nos juntamos a André e Marcos, já nossos conhecidos. Senti que já tinham mais intimidade com Pedro do que com outros.

– Pedro nos ajudou no início – me disse André. Nós chegamos aqui ainda sem saber direcionar nossa energia, tivemos as primeiras aulas e foi Pedro quem nos acompanhou.

– E o seu trabalho, como vai, André? – quis saber dele.

– Está melhor do que eu esperava. Lembra que lhe falei do encarnado que conquistou minha ex-mulher? Pois é, é nele que estou trabalhando. Algumas coisas são muito estranhas, depois que a gente desencarna, João. Durante a vida sempre fui muito amigo de Bento, e tinha muita consideração por ele. Trabalhamos juntos muito tempo, montamos uma empresa e nossa vida corria bem. Não éramos ricos, mas não faltava nada.

– Nessa história toda – continuou – acabamos por ter uma amizade também fora do trabalho. Nós nos juntávamos nos finais de semana, chegamos a comprar uma chácara para isso. Até que aconteceu o que lhe falei, flagrei os dois juntos e tivemos uma briga feia, saí da empresa, expulsei minha mulher de casa. Nós não tivemos filhos, ela não queria. Deu naquilo: acabou caindo na prostituição, primeiro com alguns ricos, enquanto tinha ainda a beleza de que era dona, depois foi decaindo, usando drogas. Hoje está no fundo do poço, mas não tenho pena. Principalmente depois do que vim a saber.

– Tinha algo mais sério na história?

– Tinha, e como. Ela já conhecia Bento, desde antes de nosso casamento. Tiveram um caso quando eram solteiros, e foi ela quem o trouxe, quem o apresentou. Eu confiei plenamente nele, tanto é que não demorou até termos a empresa. Eles reataram o romance que tinham e eu fui enganado o tempo todo. Não queria ter filhos? Era por isso: e se, de repente, o pai fosse Bento? Era essa sua relutância.

– Na empresa ele começou a manter um domínio muito grande – prosseguiu. – Eu sempre cuidei mais da área técnica, era minha profissão. E ele cuidava da administração. Não posso dizer que não fosse bom no que fazia, sempre me prestava contas. Só descobri alguns deslizes dele depois que desencarnei. Usava sempre dinheiro da empresa para suas conquistas. Minha ex-mulher não foi a única.

– O velho e conhecido garanhão... – comentei.

– Só que sua sede de conquista não era apenas com as mulheres, ele sempre quis

ser o centralizador, o senhor da situação. Se isso não interferiu em nosso trabalho foi porque estávamos em áreas diferentes. Mas ele se metia com outras empresas também e as prejudicava. Nós tínhamos contratos de serviços com grandes indústrias e a nossa empresa vencia quase sempre as concorrências.

– Somos os melhores, é por isso, André! – era o que ele me dizia.

– Mas ele nunca me contou que tinha um conchavo com as pessoas que contratavam: sempre corria algum dinheiro por fora. Era assim que nós ganhávamos as concorrências. Dessa forma, ele prejudicou muitas empresas menores, muitas faliram, foram dezenas de desempregados.

– Foi nisso que você começou o trabalho?

– Era o ponto fraco onde eu podia atacar – comentou André. – Nas idas e vindas de Bento a uma das indústrias, descobri um encarnado que o olhava furioso. Era o antigo dono de uma empresa que tinha falido e ali trabalhava novamente como empregado.

– Mas como ficou sabendo?

– Pelo vingador que o acompanhava. Contou-me de seu trabalho com o encarnado e o desejo de vingança que ele tinha contra Bento. Juntos, influenciámos o encarnado a dizer o que sabia a um dos gerentes da indústria. Porque ele sabia das propinas, mas não tinha como provar. Esse gerente, sempre muito “Caxias” com a empresa, levou a história a sério e descobriu tudo.

– Boa estratégia.

– Resultado da história: Bento perdeu todos os contratos com a indústria e os empregados envolvidos foram demitidos sumariamente. Como envolvia acionistas, abriu-se inquérito policial e o caso acabou nos jornais. As outras empresas também rescindiram os contratos e Bento ficou na pior. Teve que fechar aquilo que montamos com tanto sacrifício e se mudar da cidade.

– Aí sua vingança estava terminada?

– Engano seu, João. Era só o começo. Depois de feito tudo isso, passei o relatório para o Mentor e ele me autorizou a conhecer as nossas vidas anteriores. Foi ali que vi que não era a nossa primeira encarnação juntos. Bento tinha sido pior na vida anterior, escravizando os empregados. E o pior: eu tinha sido um dos empregados escravizados.

– Mas isso foi na época da escravidão?

– Não, João, foi depois. Nós trabalhávamos como colonos numa fazenda que ele tinha, era um barão do café. Aconteceu alguns anos depois do fim da escravidão. Mas ele era escravagista e não aceitava ter que pagar salários aos colonos. Usava e abusava de seu poder e conseguia ficar com a maior parte do que nos era de direito.

– Pedro – dirigi-me a ele. Eu também vou querer saber das vidas anteriores. Acho que no meu caso também tem coisas a descobrir.

– Na hora certa, João, não se apresse – respondeu-me Pedro, um tanto lacônico.

– Tudo tem a hora certa, João – retomou André. – Eu também não havia me preocupado com vidas anteriores, até que o Mentor me mostrou isso. O meu trabalho não tinha acabado ali porque Bento não reconheceu os erros feitos e ainda esbravejava contra o pessoal que o prejudicou. Nunca pensou nem um pouco nos que sofreram por conta de seus atos. Achava que ele é que estava sendo injustiçado.

– Sim, mas o que fez você depois? – eu quis saber.

– Ora, já estava tudo mais fácil. Depois disso venho fazendo com que ele não consiga mais nada de valor. Deixo ele começar alguma coisa e, quando ele pensa que daquela vez vai dar certo, começo a interferir. Ou é alguém que ele prejudicou, ou alguém de fora mais ambicioso que ele. No ramo em que estávamos a concorrência é muito grande, não é difícil um destruir o outro. E agora, Bento é o lado fraco.

– E você vai prosseguir até quando nisso?

– Meu objetivo com ele é fazer com que desista de qualquer coisa. Vai chegar a um ponto que ele vai perceber que existe alguma coisa que interfere em tudo que faz. Só que não vai poder fazer nada contra. Muitas vezes me mostro a ele em sonhos, do jeito que era na última vida e na imagem de colono da vida anterior. Ele sempre se assusta, sempre acorda com medo, suando frio. E essas imagens ficam na cabeça dele o dia todo. Está perdendo a concentração, está ficando mais velho e cansado. Logo-logo ele vai perceber que não adianta tentar mais nada: tudo que ele fizer eu vou prejudicar.

– Ele chega a perceber sua presença? Você se mostra a ele?

– Não, não chego a me mostrar, a não ser em sonhos, mas deixo que perceba minha presença. E acaba sendo um peso muito grande para ele. Ultimamente já vem pensando em não montar mais nenhum negócio, nenhuma empresa, porque já meto na cabeça dele que não vai dar certo.

– E ele está vivendo de quê, atualmente?

– Arrumou um trabalho que dá pra se manter. A mulher também tem que trabalhar para dar conta das despesas da casa. Estão falidos e assim vão ficar até o final da vida. O patrão atual de Bento o explora na medida necessária para minha vingança: salário baixo, muita exigência, pouca confiança nele, sempre lhe dando bronca. Para uma pessoa que dominou tantos, isso é um bom castigo.

– Mas a mulher dele também merece isso?

– João, ninguém passa por nada de graça. Ela foi sua esposa na época da fazenda, onde eu era colono, e era uma megera com as mulheres e crianças. Todos tinham de fazer o que ela queria. Só não havia mais a chibata e o pelourinho porque éramos livres, e não escravos. Mas ela também está pagando por seus erros.

– É, a coisa é severa. Eu fico me perguntando se a gente não vai ter que passar por poucas e boas depois de nossas vinganças... – soltei, meio sem querer.

– Como o Mentor disse – interferiu Pedro – nós estamos até ajudando os encarnados a tomarem um rumo. Isso faz parte do jogo, João. Ou você pensa que nasceu santo em alguma vida?

Naquela noite fui embora preocupado...

16. Interlúdio

– Como é que você o está sentindo, Pedro?

– Ele é perseverante, não posso negar, Mentor. Mas houve um pequeno deslize por parte de André, sobre vidas anteriores, e João ficou bastante curioso.

– Não se preocupe com isso. Na hora certa ele terá as informações necessárias. Não foi assim com você?

– Foi, e hoje me sinto bem melhor por ter sabido na hora certa, e não antes do tempo. Se aquelas informações estivessem na minha memória antes, acho que teria feito alguma besteira.

– Essas informações sempre estiveram na sua memória, Pedro, só estavam inconscientes. É assim que precisa ser com João, também, e como foi com André e os outros. Fatos anteriores só prejudicam o andamento dos trabalhos que devem ser feitos. Mas, agora você deve acompanhá-lo. Cuide bem dele, não queremos que volte para o Abismo.

17. Influenciando Patrícia

Trabalho noturno. Foi isso que Pedro disse, tínhamos que pegar Patrícia à noite para melhor influenciá-la. Paulo, àquelas alturas, já estava completamente subjugado, poderia passar bem uma semana sem que eu voltasse até ele e seu amor ao dinheiro continuaria o mesmo.

Agora percebo como são fracos – ou melhor, como somos fracos todos nós, principalmente quando encarnados. Não enxergamos um palmo adiante do nariz e nos sentimos donos de tudo...

Fomos até o apartamento de Patrícia. Na verdade uma quitinete, toda arrumadinha, todas as coisas em seu devido lugar. Mostrava ser uma garota primorosa: alguns enfeites, mas não muitos para que pudessem ser notados, flores num vaso sobre a mesa. Ali era copa e cozinha. Separados por um bonito biombo estava o quarto. Ah... cama de casal, a garota já devia prever as coisas...

Ela estava já deitada, numa camisola vermelha, transparente. Os cabelos soltos sobre o travesseiro... Olhos perdidos no teto. Parecia pensar longe.

– Está sonhando acordada com Paulo, pode ter certeza... – comentou Pedro.

– Só pode. Percebeu a aura dela como está mais vermelha? Bem na altura do peito... se estendendo até o ventre...

– Isso se chama paixão, João. Agora, note, você só precisa se concentrar um pouco: tem mais alguém no quarto com ela.

Fiz isso. Concentrei-me e, aos poucos, foi se formando a imagem de um outro espírito que ali estava. Era uma figura horripilante, com olhos esgazeados, fixando-se no corpo que estava deitado. Suas mãos grandes se esticavam para agarrar o corpo de Patrícia. Seu rosto exprimia um desejo incontável. A boca sugava a cor vermelho-púrpura que saía da altura do peito de Patrícia. Mas ele se concentrava mais no ventre dela, para onde a energia fluía.

– Que tipo de animal é esse, Pedro? – eu estava um tanto assustado.

– Esse é um dos espíritos que deveriam estar no Abismo. É um íncubo, vive de sugar a energia sexual dos encarnados. Os íncubos tomam a forma masculina para seduzir as mulheres. E também existem os súcubos, que tomam a forma feminina para arrastar os homens aos prazeres do sexo. Patrícia está num dos seus momentos solitários, sonhando com Paulo, e esse sujeito que está aí incentiva esses desejos.

– Não devemos chamar a milícia?

– Não, meu caro, não vamos precisar. O único mal que esse sujeito faz é desencaminhar para o sexo promíscuo qualquer pessoa em que se encosta. Mas, nesse caso, ele vai nos servir. Enquanto estiver por perto, vai estar alimentando os seus desejos e os dela. Nesse caso só precisamos acompanhar para que ela não desvie o foco dos seus desejos.

– Ele não percebe nossa presença, não é?

– Não, João, não percebe. Seu nível é muito primário, muito abaixo do nosso. Ali só vivem os instintos, não há uma percepção maior do que está à volta. Ele só sente os desejos dela e ali se alimenta. Veja, para você agora está mais fácil: durante o tempo em que estiver por perto, tanto dela quando de Paulo, é só incentivar pensamentos para troca de olhares, para algum contato físico entre os dois. Se houver um pequeno contato, pode acreditar: vai sair faísca! – e Pedro gargalhou, como se antecipasse as cenas eróticas que estavam por vir.

– Vá, João, procure o espírito de Paulo, ele deve estar no mundo dos sonhos. Traga-o aqui – comandou.

Concentrei-me em Paulo e num segundo estava no seu quarto. Com efeito, lá estava ele, rodeando um cofre que mantinha no quarto, como se estivesse pegando em dinheiro. No seu sonho, estava. Chamei-o.

– João, você aqui? Olha, eu estava trabalhando, verificando os lucros que tivemos... – Aparentemente, no seu sonho, ainda trabalhávamos juntos.

– Venha comigo, Paulo, tenho algo a lhe mostrar.

Segurei em seu braço e, concentrando-me novamente, carreguei-o até o quarto de Patrícia. Ela, já cansada do ato que havia praticado, estava pegando no sono. Seu espírito aos poucos flutuou sobre o corpo, olhando em volta, como se procurasse um motivo para sonhar. Pedro e eu nos mantivemos invisíveis a eles, deixando que sonhassem à vontade.

Quando o viu, primeiro se mostrou assustada, mas percebeu seu interesse: afinal, também no sonho estava com a camisola vermelha, que mostrava boa parte de seu belo corpo. Ele se aproximou e a abraçou, com a correspondência plena por parte dela. No mundo dos sonhos não existem as complicações que criamos no dia-a-dia...

Os dois emitiam ao mesmo tempo um luxuriante fluxo de energia vermelho-púrpura que chegava a rodear os dois corpos. Havia ali muito desejo, desejo carnal. O íncubo chegava a uivar alegremente junto aos dois, sugando freneticamente a energia que expeliam.

– Está vendo, João? – comentou Pedro com acentuado prazer. – Não precisamos fazer muito. Está tudo encaminhado. Vai querer assistir a cena toda ou podemos voltar ao Limbo?

– Tem razão, Pedro, esse tipo de cena a gente conhece bem. Vamos voltar.

Naturalmente, depois de sonhar o suficiente um com o outro, as coisas poderiam ser diferentes no outro dia. E eu estaria perto para acompanhar.

18. Conversa com o Mentor

Retornando ao Limbo fui convocado pelo Mentor. Pedro foi cuidar de suas coisas e fui até o centro de estudos.

– Mandou me chamar, Mentor?

– Mandei. Está na hora de fazermos juntos uma avaliação dos seus progressos. Tenho acompanhado o que tem feito e vejo que você tem futuro como vingador.

– Eu lhe agradeço, Mentor, mas ainda tenho muitas dúvidas com relação ao que nós, vingadores, fazemos.

– Entendo. É natural que tenha suas dúvidas, e devemos esclarecê-las, na medida do possível. Antecipando uma questão que você levantou com Pedro, preciso lhe informar que sua curiosidade com relação a uma vida anterior logo será satisfeita. Ainda é cedo para isso: vamos precisar de um resultado satisfatório nesse trabalho que vem desenvolvendo com Paulo e Patrícia.

– Entendo, Mentor, que ele seja culpado de muita coisa, prejudicou minha vida de encarnado, acabou com meu casamento, e tenho certeza que merece o que estou fazendo. Mas ela, Patrícia, o único defeito que parece ter é o desejo por Paulo.

– Veja, João, Patrícia não é só isso. Ela teve uma vida muito desregrada antes

dessa e se entregou aos vícios possíveis em sua época. Usou muitos alucinógenos, se entregou ao sexo promíscuo, vivia de libertinagem. Era uma fase onde os adolescentes queriam o amor livre, queriam se sentir donos de suas próprias vidas. A Terra vivia a década de 1960, e você deve ter aprendido na história o que foi aquilo. Ela desencarnou muito cedo, em virtude de seus desregramentos, aliás como muitos jovens daquela época.

– Mas isso pode ser levado em conta pela imaturidade que ela tinha, não pode?

– Poderia, João, se ela tivesse um mínimo de consciência de que agiu errado, mas não teve até o momento do desencarne. E não tem ainda hoje vontade de reprimir esse desejo insano que sente, transformando-o em sentimentos mais nobres. Alguma coisa vai melhorar em sua atual vida, mas acredito que ainda deve demorar. Ela terá que sofrer as consequências de seus atos imaturos.

– Você viu o espírito das trevas que a acompanha, não viu? – continuou ele. – Esse espírito a acompanha desde a última vida, época em que muitos desses animais ficaram soltos pela Terra. De lá até hoje mais e mais se juntam a eles, sempre levados pelos mesmos motivos: droga, sexo, crimes. E esse vai continuar com ela ainda um bom tempo.

– Só que na outra oportunidade em que encontramos um desses trevosos, você mandou a milícia atrás...

– Porque aquele estava atrapalhando os planos de desenvolvimento que temos para Paulo. E já tinha feito a parte que lhe cabia, não era mais necessário...

– São coisas que não entendo, Mentor. A impressão que tenho é que os

encarnados estão todos seguindo um plano traçado deste lado da vida. Não se dizia do livre arbítrio, que o homem tem liberdade de escolher seus caminhos, essas coisas todas ensinadas nas religiões?

– Um dia você vai entender, João. O momento certo de entender a consciência é quando você se apropria devidamente dela. Enquanto o encarnado precisar ser conduzido, ele será.

– Só que nessa história toda eu estou fazendo algo que as religiões dizem que é errado. Estou conduzindo Paulo a uma atitude condenável...

– Se por um lado você está certo, por outro deve entender que Paulo não vai aprender se não houver pedras em seu caminho. Para ele tudo está fácil demais até agora. E também não carrega um mínimo de senso crítico para saber que suas atitudes são condenáveis. Ele está prejudicando muitos outros encarnados e deve ser contido. Está na hora de Paulo começar sua colheita.

– Colheita...? – quase que resmunguei, duvidando.

– Querendo ou não, João, todos colhem o que plantam.

– Isso quer dizer que eu também vou colher frutos azedos na próxima vida, não é, Mentor?

– Você vai acabar entendendo isso tudo, João. Por enquanto, seu trabalho é esse. O resultado de tudo será conduzido pelo seu comportamento diante das situações

que serão apresentadas.

– Naturalmente então, estou passando por um teste...

– Veja mais como aprendizado, João. Estamos mantendo algumas limitações para verificarmos seu progresso. Por exemplo, ainda não poderá saber quais foram suas vidas passadas. Isso seria perigoso no momento. Você já sabe que Pedro e André tiveram liberadas as informações sobre vidas pregressas, mas também para eles houve o tempo certo.

– Hoje, no entanto – continuou – o único motivo que deve conduzi-lo é seu trabalho. Entenda que estamos aqui para lhe ajudar, para aprimorar suas atividades e o seu potencial. Entendido?

Como entender? As dúvidas ainda passavam pela minha mente, afinal o que é que eu estava fazendo?

Vingando-me de um encarnado.

Pronto, já que estou aqui, vou fazer o que é preciso.

19. Um primeiro contato

No dia seguinte fui verificar o resultado do sonho que propiciei a Paulo. Acompanhei-o desde cedo, ao sair de casa. E aquela sua casa me deixava um tanto temeroso. Alguma coisa lá dentro impedia que eu tomasse qualquer atitude. Havia alguma barreira que não consegui entender, talvez se devesse à esposa de Paulo, Suzana. Ela parecia ter uma força que resistia a qualquer influência.

Mas com Paulo era diferente. Dentro da casa ele poderia até ter a defesa da esposa, mas fora tudo mudava. Quando entrou no carro já pude perceber mudanças em seu comportamento. Não ligou o carro: ficou pensando e sua aura já se modificou. Junto ao cinza-escuro que sempre apresentava, havia um vermelho-púrpura se juntando, criando uma mistura inimaginável de tons. Senti quase que fisicamente os desejos que ele alimentava.

Pensava em Patrícia, com certeza.

Aproveitei a oportunidade e comecei a murmurar o nome dela em seu ouvido, acercando-me e envolvendo sua cabeça. Isso alimentou sensivelmente sua vontade.

Chegando ao escritório, cumprimentou Patrícia com um tom diferente na voz:

– Bom dia, Patrícia! – parou um pouco e a olhou diretamente nos olhos – Humm, você está diferente hoje... O que houve?

Como ele nunca agira assim antes, ela se mostrou assustada:

– Como diferente, doutor?

– Não sei... Mudou o cabelo... Está mais bonita... É assim mesmo que deve ser, Patrícia. Precisamos mostrar sempre uma boa aparência.

Entrou para sua sala deixando atrás uma Patrícia totalmente reluzente. A aura dela expelia um vermelho vivo, misturado ao púrpura do desejo. As palavras de Paulo, as primeiras gentis desde que com ele trabalhava a deixaram esfuziante de alegria.

Entrou atrás dele:

– O senhor precisa de algo, doutor? Hoje sua agenda está cheia...

E desfilou os compromissos do dia, enquanto ele a olhava de cima embaixo. Notou suas pernas... Ela sempre usava saias ou vestidos com dois ou três dedos acima do joelho, nada que fosse fora do normal, mas que a deixavam mais provocante... Sua aura foi ficando mais rubra e se dirigia à aura de Patrícia, que se sentiu estranha.

Enquanto encarnados não percebemos esses toques de aura, essa troca de energia, e ali eu podia ver como funciona na realidade qualquer emoção que

temos com relação aos outros ou que têm com relação a nós. Os fluídos das auras se tocavam e criavam um torvelinho, com as cores dos dois misturadas. Ela parou de enumerar os compromissos, um tanto perturbada, e olhou para ela:

– É... é isso que temos para hoje, doutor.

Os olhos de Paulo passeavam por ela quando respondeu:

– Sim, vamos começar a trabalhar.

Patrícia deu a volta e retornou ao seu posto de trabalho já se sentindo mais dona da situação. Seu andar foi mais voluptuoso que o normal, provocante. Paulo a seguiu com os olhos, sentindo crescer dentro de si o desejo por aquele corpo que devia ser “maravilhoso, ela nua na cama...” pensou.

Pronto, a isca tinha sido jogada.

Pedro, subitamente, apareceu ao meu lado:

– Ahá, parece que o jogo deu resultado!

– Foi mais fácil do que pensava. Ela já veio hoje mais atraente, notou? O sonho desta noite foi fatal para os dois! – rimos.

Fomos até a mesa de Patrícia. Estava trabalhando, mas não tão concentrada como antes. Às vezes parava, ficava com o pensamento solto e sua aura brilhava mais e mais. Estava no ponto para a cantada de Paulo.

Para mim foi surpreendente ver como é fácil dominar dois encarnados ao mesmo tempo. Basta que sejam colocados pensando num mesmo objetivo. Se ambos têm algum pensamento em comum, o trabalho já está quase completo. Agora precisava encontrar um meio de se encontrarem em ambiente menos profissional, para que o plano desse certo.

E não foi difícil, durante o dia. Bastou atrasar um cliente – e Pedro me ajudou nisso – para atrasar também o almoço. Paulo geralmente almoçava em casa e isso fazia com que não tivesse muito espaço em seu tempo para programas fora do trabalho. Com o atraso, foi obrigado a almoçar na cidade e, claro, como Patrícia também se atrasara para o almoço, foram juntos.

O estreitamento de relações estava começando. O que eu não podia forçar é que acontecesse muito rápido.

– Não force muito a situação, João. Os dois têm que se sentir seguros para o primeiro encontro – lembrou-me Pedro. – Os dois já estão se sentindo atraídos. Deixe fluir...

Claro, quem é que não sabe que quanto mais difícil uma conquista melhor ela se torna?

Quando retornaram ao escritório a atitude de ambos era bem mais tranquila, com sorrisos e gentilezas de ambos os lados. A proximidade acontecia como eu planejava.

Com a tarde transcorrendo e o trabalho avolumado pude perceber entre os dois muito mais vontade de se sentirem próximos, até com alguns toques entre eles, contato que incendiava as cores de ambos.

À noite, em casa, Paulo se manteve distraído, e isso não era seu costume. Seu pensamento estava fixo em Patrícia e Suzana percebeu certa diferença em seu comportamento. Paulo alegou cansaço pelo trabalho e foi para a cama. Não houve o tempo que ficavam juntos vendo os filhos brincando, conversando sobre o dia.

Deitou-se, mas não dormiu em seguida. Seu pensamento acompanhava as curvas de Patrícia. Seu corpo ardia num desejo incontido... Pela primeira vez desde que se casara praticou um ato solitário, no banheiro.

Suzana era muito sensível às mudanças. Alguma coisa estava diferente em Paulo naquela noite e ela ainda não atinava o que fosse. A dúvida já estava plantada em seus pensamentos.

Para mim tinha sido um excelente dia de trabalho!

20. Reencontro

De volta ao Limbo me deparei com André. Estava parado na porta de minha casa, a me esperar. Apresentava um semblante triste, acabrunhado...

– Algum problema, André? – quis saber.

– Rapaz, preciso conversar com alguém... Não quero ainda levar ao Mentor e nem a Pedro, estou precisando de uma opinião de alguém igual a mim.

– Mas o que houve?

– Fui atrás de Melissa, a minha ex-mulher.

– É, eu me lembro de que você disse que queria encontrá-la novamente, mas quando terminasse seu trabalho com Bento...

– Foi, eu precisava primeiro acabar com aquele canalha. Como o trabalho está quase no final, e Bento já não consegue mais nada na vida, fui procurar Melissa.

– Pelo jeito, encontrou...

– Pois é, encontrei. E num estado lastimável. É isso que está me angustiando... Eu queria me vingar dela, mas do jeito que está acho que nem preciso fazer nada...

– Vamos entrar, vamos conversar.

Acomodados na pequena saleta que havia em minha casa, André me contou o que havia ocorrido:

– Lembra que lhe falei que ela tinha decaído, estava vivendo na prostituição, usando drogas? – havia um pesar angustiante em suas palavras – Foi pior do que pensei o reencontro com ela.

Eu só assenti com a cabeça. Deixei que falasse. A angústia de André extrapolava seu perispírito, emanava dele uma dor forte...

“Quando me concentrei em Melissa, me encontrei num quartinho sujo, mal iluminado, um cinzento pior do que esse que a gente vê aqui. Ela estava esparramada na cama, nua, parecia que estava inconsciente. Tinha ao lado da cama um criado-mudo com um litro de vodca, um copo, umas pedrinhas amareladas e um cachimbo. Estava entregue ao álcool e drogas. Usando crack, a pior delas.

Ali no quarto, e nem precisei me concentrar para ver, estavam dois trevosos. Um sugava constantemente os peitos dela, o outro se deitava sobre seu corpo e usufruía dela como se estivesse vivo, e ela gemia como se estivesse sendo possuída por um encarnado. A aura dela estava tão escura que quase nem apresentava mais tons, era de cinza para preto... De vez em quando um vermelho

sujo aparecia entre suas pernas, se misturando com um verde musgo, muito escuro, no peito... Cheguei a pensar que estivesse desencarnando...

Os trevosos não perceberam minha presença, eu só queria acompanhar e não me deixei notar. Melissa, diversas vezes, pegava as pedras de crack, acendia no cachimbo, tomava um gole da vodca na própria garrafa e voltava a se entregar. Para os trevosos, um prato cheio, sugavam a energia dela ao extremo.

Finalmente a mistura de álcool e crack a venceram, e ela desmaiou. Seu espírito escapou do corpo de uma maneira desesperada, ela gritava, pedia socorro... E eu ali, parado... Eu não podia me mostrar a ela. Tinha vontade de abraçá-la, de protegê-la... Mas eu não conseguia...”

Nesse ponto André estava soluçando. Percebi o quanto tinha amado aquela mulher que o traíra...

– André...

– Não, não fala nada... Deixa eu contar...

Esperei o tempo que ele quis. Afinal, tempo era o que mais tínhamos. André se recompôs aos poucos. Quando conseguiu conter aquele choro que me calou no fundo da alma – e eu estava um tanto atônito, não sabia que atitude tomar – continuou:

– Fiquei ali a noite toda, vendo o espírito dela ser tomado pelos trevosos. Depois

que ela saiu do corpo eles se sentiram mais fortes e sugavam o que podiam dela. Rodeavam, a tomavam, e ela chorava, gritava, se sentia perdida entre aquelas mãos nojentas que abraçavam seu corpo. Eles faziam com que ela entrasse em orgasmo seguidas vezes... Mas era alguma coisa que Melissa não queria, ela não queria!

“Ela lutava contra eles e não conseguia nada, estava entregue às mãos daqueles trevosos...

“Quando amanheceu, ainda esperei. Queria ver o que acontecia na vida dela. Acordou muito tarde, com a ressaca normal de quem passa a noite assim. Vi que se aprontava para mais um dia – ou noite – nessa vida que levava. Acompanhei-a até fora do quarto, no local em que vivia: uma pocilga, uma boate de quinta categoria. Barzinho sujo, mulheres em fim de carreira, assim como ela.

Seus traços não lembravam em nada a Melissa que foi minha mulher. Estava um trapo, com olheiras que maquiagem nenhuma podia esconder, magra, com ossos aparecendo no rosto, no corpo que ela cobria com um vestido surrado.

Arreventou comigo, João! Eu queria me vingar dela, mas ali eu vi que não precisava fazer nada: ela já tinha feito por conta própria...”

André enfiou a cabeça entre as mãos e acompanhei seus soluços. Aquele choro vinha do mais fundo de sua alma. Comecei a sentir pena... Antes que eu me manifestasse, no entanto, surgiu a figura do Mentor:

– André, venha comigo!

– Mentor...! – tentei argumentar algo, mas não pude.

– Deixe comigo, João. Eu cuido dele. – e, dirigindo-se a André: - Venha comigo, André. Vamos cuidar desse problema.

Ainda sem conseguir controlar o estado emocional, André foi amparado pelo Mentor e desapareceram.

Estonteado, eu não conseguia entender o que estava se passando. De repente, um dos vingadores estava arrependido. E tinha vindo me procurar. Afinal, o que estava acontecendo?

Perdido em dúvidas, comecei a pensar no que estava fazendo, na minha vingança contra Paulo, na interferência junto a Patrícia: será que eu estava agindo da melhor maneira? Afinal, eu tinha desencarnado e quando me dei conta estava no Limbo, estava entre os espíritos que tinham motivos para se vingar. Eu me tornara um vingador, e pensara que isso era importante.

De repente, um vingador, como eu, estava ali, aos prantos, tentando-me dizer que desistira da vingança, e essa vingança era contra sua ex-esposa, a mulher que o traía em vida.

Assim, assombrado com tantas questões, nem notei a presença de Pedro:

– E aí, parceiro!

– Pedro...

– Calma, não se preocupe com André. Isso acontece. Ele terminou seu trabalho por aqui.

– Não estou entendendo nada...

– Olha, João, ele encontrou a ex-mulher num estado muito mais crítico do que pensava sua vingança. E isso abalou seu espírito, ele não pode ficar mais por aqui.

– Para onde o Mentor o levou?

– Sinto muito, João, não posso lhe dizer, pelo menos por enquanto. Só é preciso que você entenda uma coisa: quando um vingador chega a esse estágio, não pode ficar mais conosco. Tem que ir para outro nível. Para nossos objetivos ele não atende mais. Por enquanto, fique calmo, voltamos a conversar. Preciso, agora, ir tratar com o Mentor.

Dúvidas e dúvidas fiquei remoendo. De qualquer maneira eu não podia fazer nada àquelas alturas dos acontecimentos. Tinha visto algo inusitado, algo que nunca pensara antes: um arrependido. Essa era a palavra: um arrependido!

De qualquer maneira, de minha parte não havia arrependimento algum, isso eu não sentia.

Se Pedro me garantiu que iríamos conversar, eu não tinha alternativa a não ser esperar.

21. Interlúdio

– Afinal, Mentor, o que houve com André?

– Ele chegou ao final do estágio por aqui, Pedro. Temos que liberá-lo. E você entende o que estou dizendo. A situação em que ele encontrou a ex-mulher o deixou assim. Ele ainda a ama, e contra isso não podemos lutar. Com esse sentimento que tem por ela, só podemos deixar que se vá.

– Vai ser mais um dos que reencarnam para resolver os problemas antigos...

– Você já sabe que esse é um processo natural. Melissa está prestes a desencarnar, o organismo dela não suporta mais a ingestão de tanto álcool e drogas. Ela está um trapo, como se costuma dizer. E o desencarne dela não demora.

– Bem, isso já aconteceu antes com alguns vingadores...

– Já não é mais conosco, Pedro. Agora é por conta dele próprio.

– Imagino o que vai acontecer. Ela vai nascer com um monte de problemas físicos e emocionais e ele vai ser o pai ou tutor ou protetor, até que ela melhore um pouco...

– Pedro, não seja assim tão sarcástico. Você sabe como funciona... Pode não ocorrer nada disso, os planos para André no futuro podem ser outros...

– Não me venha dizer que vou ter de acompanhar o trabalho desse pulha arrependido!

– Não, fique tranquilo, essa responsabilidade não será sua. Você terá de acompanhar João: é ele o responsável pelo trabalho que André estava fazendo. E André será para João o início de uma outra fase da sua vida...

– Dá a impressão que você está querendo que eu também me arrependa e fique como André! Logo vou ter de suportar também João se arrependendo! Mentor, eu acho que não estou aqui só para suportar esses vilõezinhos baratos...!

– Está sim, e eles não são vilõezinhos baratos, você sabe disso. Sua permanência aqui depende de suas atitudes. Até agora eu pude contar com você, e espero poder continuar.

– Tudo bem, enquanto me puder livrar da reencarnação, estou ao seu lado. O que vamos fazer?

– Com relação a André, nada. Ele já foi encaminhado ao nível necessário. Vai passar por uma revisão de suas atitudes e, se concordar, ainda terá trabalho pela frente, mesmo sem encarnar. Não sei se vai conseguir, depende dele. Ele ainda é muito chegado a uma vida desregrada, mas isso não é problema nosso, já é outro departamento.

– Os espíritos de luz o aceitaram?

– Você sabe como são eles, sempre dão uma segunda, terceira, enésima chance. O arrependimento de André possibilitou sua reencarnação, mas só isso não será suficiente. Ele ainda está muito apegado ao nosso nível.

– Então, vai acabar voltando para nós...

– Depende dele, Pedro.

22. Novo trabalho

Retornei ao acompanhamento de Paulo. Como pensei, Suzana estava desconfiada de que algo de errado havia com o marido, mas – prudente como era – não externou nenhum comentário. Cumpriu sua rotina pela manhã e, quando ele saiu para o trabalho, pegou o telefone:

– Mãe, alguma coisa está acontecendo com Paulo e ainda não sei o que é. Ele veio ontem diferente, estava distraído... Nunca foi assim.

A mãe, do outro lado, a tranquilizou:

– Pode ser o cansaço, filha, afinal ele trabalha demais. Espere para ver o que acontece hoje...

– Está bem... Vamos esperar...

A conversa continuou, mas não me interessava. Minha obrigação era seguir Paulo, e assim o fiz. No escritório, quando chegou, seu tratamento com Patrícia foi atencioso, até mais que no dia anterior. Suas auras novamente voltaram a se tocar e o brilho que mostrava apresentava bem a atração que sentiam um pelo outro.

Só que ali havia atração física, somente. Não era a mesma aparência da aura que ele tinha quando junto de Suzana. Dava claramente para perceber, entre as auras

que apresentavam, a real finalidade do sexo: complementação pura e simples entre pessoas que verdadeiramente se amam, como entre Paulo e Suzana de um lado, e satisfação de desejos carnis, como entre Paulo e Patrícia. Eu não poderia ter lição melhor sobre sexo.

Pensei em minha última vida na Terra: não havia surgido um grande amor entre as mulheres com quem me relacionei. Era puro desejo carnal.

Como estava correndo tudo bem, pude deixá-los. Àquela altura, o progresso dessa atração já não estava em minhas mãos. Poderia influenciar Paulo ainda mais, mas não era tão necessário apressar as coisas. Afinal, eu tinha todo o tempo do mundo...

Na minha cabeça, no entanto, ainda estava a conversa com André. Retornei ao Limbo e fui procurar o Mentor:

– Mentor, ainda estou preocupado com André...

– Vamos, vamos andar um pouco enquanto conversamos.

Sáímos pela rua cinzenta.

– Como está se sentindo com relação a Paulo?

– Está tudo correndo bem, Mentor, tanto que pude deixar que ficassem à vontade. A atração entre eles só precisa ser reforçada agora por meio de sonhos. Pode levar alguns dias até que aconteça um encontro físico entre eles.

– E como está sua vontade com relação à vingança, João?

– Maior do que nunca. Não vou querer saber o que ele anda aprontando com os clientes, de onde está tirando o dinheiro, acredito que isso não interessa. Mas continua fazendo os mesmos negócios sujos. Para mim só o que interessa é estragar os seus planos. E já tenho em mente o que fazer. Patrícia, até agora, não sabe dos negócios escusos que ele mantém, tudo é feito a portas fechadas. No momento certo, ela vai ter conhecimento.

– É, me parece um bom caminho...

– E a esposa já está desconfiando, bastou um dia de comportamento diferente, e lá foi ela ligar para a mãe.

– Na última vida você não se casou, João, não se lembra o que é conviver diariamente com uma mulher: elas têm um sexto sentido muito aguçado. Sem contar que têm uma proteção maior dos espíritos de luz, principalmente quando se tornam mães. Uma mulher como Suzana percebe as coisas de longe. Tome muito cuidado em não interferir diretamente com ela, a proteção que Suzana tem é bem mais forte por ser fiel, por amar os filhos e o marido e, principalmente, porque frequenta um daqueles centros espíritas.

– Ah, ela tem religião, é?

– Bom, segundo os seguidores, o espiritismo não é bem uma religião, trata-se de uma união de filosofia, ciência e religião. É uma doutrina. Como você não chegou a se ligar em religiões na última vida, não sabe nada a respeito. E, principalmente por isso, por não saber nada a respeito, não interfira diretamente.

– Não vi nenhum espírito acompanhando Suzana...

– E não vai ver, a menos que eles queiram isso. Estão num nível diferente do seu, eles podem nos acompanhar, mas não temos acesso a eles a não ser que ocorra o que houve com André: o arrependimento. Quando acontece isso, sempre há um espírito de luz para acompanhar.

– Então, o levaram?

– Você tem o direito de saber, afinal tornaram-se amigos aqui. Ele foi levado pelos espíritos de luz e agora está num centro de reabilitação. Vai reencarnar, assim que estiver pronto. Mas não terá uma vida tranquila, afinal cometeu falhas e vai ter que superar essas falhas. A principal obrigação que terá será com Bento e Marta, ainda desencarnado. E vai precisar ser bem consciente, para apoiar a reencarnação de Melissa.

– Também ela vai reencarnar? Mas ainda está viva...

– Por pouco tempo, João, muito pouco. E irá sofrer muito, tanto durante o desencarne quanto depois dele. Deixou-se envolver tanto com a prostituição e os vícios que o seu perispírito está totalmente transformado. Mas você terá a

oportunidade de acompanhar o processo, juntamente com Pedro.

– Ela virá para o Limbo também?

– Não, o lugar dela, pelo menos por enquanto, será no Abismo. Está praticamente sem consciência do que lhe acontece e não irá melhorar durante muito tempo. Pela maneira como está envolvida com os trevosos, é para lá que vai.

– Mentor, e Bento? Afinal, André estava trabalhando com ele... Como vai ficar a situação dele e da esposa?

– Veja bem, João, esse é um trabalho que precisa ser continuado. Bento ainda não se conforma com a própria situação e está revoltado com os fatos. Mas não chegou ao ponto que precisamos: é necessário que saiba que agiu errado e que está sofrendo as consequências de seus atos passados. Vai precisar de um novo vingador. Você quer ser esse vingador?

– Mentor... – fiquei surpreso por um momento – ... bem, André merece que faça algo por ele...

– Vou lhe dar o conhecimento de sua vida anterior, João. Verá que não é necessário se envolver com algumas mulheres que pretendia, deixe-as em paz, já estão envolvidas com trevosos por demais. Por isso mesmo quero que acompanhe o desenlace de Melissa. Vai ver que uma vingança sua contra as desafetas de sua vida é de menor importância. Seu trabalho com Paulo está indo bem, mas tome cuidado com o que virá pela frente. Faça sua parte e somente sua parte.

– Ele vai acabar se suicidando?

– Não, mas prevejo que cometerá um crime maior... Por enquanto não posso lhe dizer de que se trata e tudo dependerá das escolhas de Paulo e Patrícia. Agora, descanse um tempo. Sei que espíritos não precisam disso, mas não deve acumular-se demais com as energias recebidas de Paulo. Enquanto estiver em repouso receberá as lembranças de sua vida anterior. Não se assuste com o que verá...

23. Uma vida anterior

Em minha cama, subitamente uma espécie de sono se apoderou de mim. Não conseguia me manter acordado e essa era a primeira vez desde que estava no Limbo que algo assim ocorria.

O ambiente se modificava, estava em outro lugar e tempo, na Terra. Era como se tempo tivesse andado para trás. Estava no começo do século passado, percebia pelas roupas, pelos veículos na rua, mulheres com vestidos compridos, chapéus... Os homens com ternos estranhos. Era essa a minha vida anterior?

Estava entrando num prédio imponente e fui percebendo, lembrando aquilo tudo: eu trabalhava para um senador da República, cuidava dos interesses políticos dele e também, é claro, dos inimigos políticos. Sentia dentro de mim uma grande segurança, uma forte prepotência. Alguns fatos foram me vindo à memória e eu me regozijava com eles.

Vezes sem conta cuidei dos assuntos do senador, que sempre queria um resultado rápido e certo, mesmo que custasse a vida de alguém. E tudo envolvia dinheiro e poder. Esse poder me dava a segurança e o dinheiro que recebia dele gerava a minha prepotência.

Uma vida de nababo... Era isso que eu tinha. Ao meu serviço, alguns homens que não tinham qualquer escrúpulo, neles a marginalidade imperava e não se preocupavam se a vítima só iria passar por uma surra ou se chegariam ao extremo de tirar-lhes a vida. O envolvimento maior era com o jogo do bicho, que já estava bem difundido na capital, o Rio de Janeiro, logo após o fim da monarquia. O senador era um dos chefões, mas não podia aparecer, então

tomávamos a frente do negócio e nos reportávamos a ele.

Ou melhor, eu me reportava. Os meus comandados nem tinham conhecimento da identidade do chefe. Só faziam o que eu determinava, e eu seguia as ordens do senador. Nós éramos sua “equipe técnica”.

Não faltavam também as negociatas, propinas que o senador recebia pelo apoio a alguns industriais da época, que começavam a implantar seus negócios e precisavam do conchavo dos políticos. Ou mesmo dos barões do café, a nata da sociedade de então, com seus jogos de manutenção do poder.

As lembranças vinham aos borbotões – tinha sido uma vida intensa e mesquinha. E ali, como espírito, podia perceber as figuras escuras junto aos subordinados, a presença dos trevosos. Junto a mim também.

Então, eu também tinha sido do nível inferior. Custava a crer que tivesse vivido aquilo.

Tinha uma família, me lembrava. Uma mulher que me servia, totalmente submissa e a quem eu maltratava para mostrar minha superioridade. Ela me parecia familiar, embora não conseguisse atinar quem seria. E um filho, em quem eu descontava às vezes minha raiva com surras que julgava merecidas. Fruto de um condicionamento que tivera quando criança: me lembrava que tinha sofrido surras imerecidas do meu pai, naquela vida.

Mas o filho me brotou facilmente à memória: era Paulo! Ali, como criança, mais uma vez minha vítima.

Com a surpresa me recuperei totalmente, voltei à ativa num susto.

Sentado numa cadeira, ao meu lado, o Mentor.

– Então, lembrou-se de tudo?

– Sim, sim! Então Paulo, na minha última vida, estava se vingando de mim?

– Pois é. Na vida em que você foi o pai, você não soube respeitá-lo, não o levou em consideração. Para você, era só mais um que deveria lhe lambar os pés.

– Aquilo tudo... a presença dos trevosos! Agora tudo é claro: eu fui do mesmo nível que eles, e quando deixei o corpo fui levado ao Abismo!

– Exatamente, João. Foi de lá que o resgatamos, depois de muito sofrimento de sua parte. Esse sofrimento livrou seu espírito de outros castigos, mas não foi o suficiente para retirar a carga de resgates que você tem ainda pela frente. Boa parte disso foi a traição de Paulo, sua morte trágica, para que você passasse pelo mesmo sofrimento causado a outros daquela época.

– Mas, então, Paulo não merece o que estou fazendo com ele...

– Engano seu. Depois que você desencarnou, ele seguiu seus passos, tornou-se também um testa de ferro, só que do filho daquele senador a quem você servia. Ele também carrega culpas, não pense que seja só você. Mas os sentimentos que ele carregou com relação a você o fizeram se aproximar e cometer o seu assassinato da última encarnação. Aquilo estava latente, pelo modo como você tratava sua esposa e pelas surras e castigos impostos a ele. Sempre odiou aquilo tudo.

– Mas, Mentor, se for assim, será sempre um círculo vicioso. Quando é que isso irá acabar?

– Sempre acaba como André, João. Você viu o que houve com ele, arrependeu-se, vai reencarnar para viver uma outra vida onde poderá resgatar culpas de outras vidas. Se conseguir se manter na linha, estará em outro nível. Mas isso é próprio de cada espírito: cada um tem a sua hora. Seu trabalho com Paulo é para que ele evolua espiritualmente, não se trata de uma vingança de sua parte. Mas ele também terá que fazer escolhas, não é meramente o fato de fazê-lo perder a fortuna conseguida na vida atual que o fará melhor.

– Então Pedro não tem razão ao nos colocar como vingadores?

– Há os dois tipos aqui, João. Quem está querendo se vingar e quem está ajudando a recuperar. Cada um tem seu caminho. Você escolhe o seu. E depende muito das emoções que você carrega quando está trabalhando. Caso esteja com sentimentos negativos para com o encarnado, estará sobrecarregando seu carma. Se estiver empenhado em ajudá-lo a resolver seus problemas, estará ganhando pontos.

– Mentor, infelizmente ainda sinto raiva de Paulo. Mesmo sabendo que o maltratei quando foi meu filho, ele não tinha o direito de me matar na última

vida e ficar com tudo que era meu!

– Está vendo? Você está escolhendo o caminho...

– Mais uma coisa, Mentor: quem foi minha esposa naquela vida? Ela me parecia familiar, mas não pude reconhecê-la.

– Você não a reconheceu porque ela evoluiu muito nas vidas que teve. Agora está bem protegida pelos espíritos de luz e fugiu totalmente a qualquer espécie de controle para os de nosso nível. Ela é Suzana, a atual mulher de Paulo.

24. Melissa desencarna

Suzana, esposa de Paulo na vida em que ele estava, tinha sido minha esposa quando fui pai dele, na vida anterior àquela em que ele foi o responsável pela minha morte... Como são estranhas as coisas, depois que desencarnamos é que descobrimos quem somos realmente. Ao mesmo tempo que temos uma família, participamos de outra através das encarnações, ora como pai, ora como filho... Bem, pelo menos até o momento eu não me lembrava de ter nascido mulher em alguma dessas vidas...

Isso até que serviu de ensejo para uma longa conversa com o Mentor, onde procurei saber um pouco mais a respeito dessa doutrina. Quando vivo, nunca me importei com religião, sabia da existência dos centros espíritas, dos terreiros de umbanda, das igrejas católicas e evangélicas, mas creio que minha própria maneira de ser das últimas vidas não me dava ensejo para me unir a qualquer delas. Nunca precisei de ajuda das igrejas.

– Proliferam todas as formas de religião, João – disse-me o Mentor – e não pense que esta ou aquela seja a verdadeira. Religiões são caminhos para conter as falhas humanas. O medo do castigo depois da morte é que segura muita gente. Mal sabem que não há perdão: quem planta, tem que colher o que plantou.

– Mas isso não é mal para eles, não saberem o que existe depois da morte?

– João, cada religião atende a um nível de evolução espiritual. Se o encarnado acredita que o Todo Poderoso vai lhe dar riquezas se ele for fiel e pagar o dízimo, suas próprias atitudes fazem com que consiga dinheiro, mas sua consciência ainda continua pensando que é sua permanência dentro de uma

agremiação religiosa que faz isso. Por outro lado, isso vai conter também seus desregramentos, o que ajuda na evolução.

– Bom, quando era vivo sabia de pastores que ficaram ricos, milionários, pregando nas igrejas...

– Pois esses são os que levam a responsabilidade. Podem até fazer o bem, mas utilizam-se da ignorância dos menos evoluídos e usurpam, roubam os menos favorecidos. Esses pastores, certamente, terão algum lugar muito hospitaleiro no Abismo... Mas deixemos a conversa para depois, agora é preciso trabalhar e, desta vez, eu e Pedro vamos acompanhar.

– E para onde vamos?

– Está chegando a hora de Melissa desencarnar. Seu corpo já não aguenta mais as drogas e o álcool. Ela se destruiu...

Num instante nos vimos no quartinho imundo que André tinha comentado. Melissa estava lá, na cama e, ao lado, no criado-mudo, o litro de vodca, as pedras da maldita droga e o cachimbo, com um isqueiro ao lado. Muito devagar ela às vezes levantava a garrafa e tomava um gole, como agindo em câmera lenta. Os dois trevosos permaneciam ao seu lado, sugando seu fluxo de energia.

Saía de seu ventre um fluxo amarelo-sujo, que tomava alguns ares de vermelho escuro, enquanto dos outros chacras outros fluxos não menos asquerosos brotavam. Aquilo tudo era manjar para os trevosos, que se deliciavam com isso, literalmente babavam sobre ela, uma gosma fétida que, felizmente para Melissa, era espiritual e não alcançava o corpo físico. Mas se incorporava aos fluxos

emitidos por seus chacras.

Num dado momento seus olhos se abriram, como se estivesse muito alerta. Tomou do cachimbo, utilizou mais uma das pedras e sugou avidamente.

O redemoinho formado em seu corpo todo, caindo da cabeça até os pés, mostravam que aquilo já estava no final. Eu já tinha visto fluxos de energia nos encarnados que faziam parte do meu trabalho, mas nunca um daquele jeito, tomando aquelas formas desnorteadas, rodeando sem chegar a lugar algum. Serviam apenas para os trevosos ao seu lado que, avidamente, a aspiravam.

Enquanto tudo isso ocorria, e nós – eu, Pedro e o Mentor – ali, observando, vimos a chegada de uma milícia. Outros trevosos, muito mal encarados, mas que não chegaram a notar nossa presença. Afinal, o nível deles era inferior ao nosso.

Aguardavam ao lado da cama, enquanto os obsessores de Melissa ainda desfrutavam os últimos estertores daquele corpo. Melissa tentou mais uma vez acender uma pedra, mas não conseguiu. Suas mãos penderam para o lado e ela se retesou toda... Estava desencarnando.

E não foi uma morte simples. Os estertores demoraram vários minutos, o espírito tentava escapar da carne e não conseguia. Após isso ocorrer algumas vezes, dois dos milicianos a puxaram de vez, enquanto os obsessores eram agarrados por outros para serem levados ao Abismo.

O que saiu do corpo de Melissa me deixou estarecido: aquele corpo que mostrava ter sido um dia muito bem feito, muito belo, estava ali deitado, esquálido, pálido. Seu espírito já não era mais de um ser humano: os milicianos

estavam arrastando um ser totalmente desfigurado, que em nada se assemelhava a uma mulher. A droga transformara seu perispírito de mulher em uma fera, algo parecido com um réptil, uma pele esverdeada e cheia de escamas, mas o rosto tinha traços de lobo, um animal acuado, com medo mas, ainda assim, com vontade de atacar...

Debatia-se de forma selvagem para não ser levada pelos milicianos. Livre do corpo, já não estava mais sujeita às fraquezas de seu organismo, era uma besta-fera com todo seu poder.

Sem piedade, os milicianos a arrastaram e desapareceram.

Sobre a cama restou um corpo. Melissa tinha partido.

– Podemos ir... – o Mentor parecia perturbado.

– Ela vai passar um bom tempo no Abismo, pelo jeito... – comentou Pedro, também parecendo perturbado.

Aliás, estávamos todos. A visão, mesmo para nós, que nos considerávamos vingadores e poderíamos chegar a extremos se quiséssemos, o desencarne de um espírito tomado por drogas e álcool não era nada agradável. Pela minha mente passaram fugazmente os tempos em que eu estivera no Abismo. Sabia o quanto Melissa iria sofrer, antes de reencarnar. E sabia também que não se livraria tão fácil da transformação a que se submetera quando tinha escolhido aquela vida.

Com certeza iria nascer com alguma deficiência mental ou física...

Deixamos o quartinho fétido e imundo, onde só sobrara uma casca de alguém que tinha sido gente...

25. Bento em crise

Não podia me esquecer de André. A cena que vi, com todo aquele choro, havia me perturbado. A visão de Melissa, dominada pelos trevosos, também calava fundo em meu espírito. Pensava comigo: “Será que também vou ter uma crise de arrependimento dessas algum dia?” Mas não, minha consciência, meu perispírito, dizia que não, que dificilmente eu iria cair numa dessas. Afinal, tenho clareza de pensamentos, uma linha de conduta que não vai permitir que eu entre nesse rol. E também porque nunca fui dado a crises de choro, pelo menos nas vidas que me lembro.

O Mentor havia me passado uma obrigação a mais: devo esquecer as pequenas vinganças com algumas mulheres, que só me trariam alguma satisfação passageira, e me concentrar em coisas mais importantes. Além de Paulo e Patrícia, precisava acompanhar o caso de Bento.

Havia me deixado satisfeito. Aparentava um voto de confiança que me faria permanecer no Limbo por mais tempo. Afinal, eu havia chegado há pouco, vindo de uma vida depois de uma passagem pelo Abismo, e essa lembrança me castigava. Muitas vezes voltava a sentir na pele os castigos impostos no Abismo, e aquele era um lugar que nunca mais eu pretendia visitar. Segundo o Mentor, nunca precisaria voltar se não chegasse a extremos no meu trabalho de “recondução do encarnado”.

Ah, tá! A vingança agora virava um trabalho de recondução. Sem problemas, não importa o nome que se dê, continua sendo um trabalho de vingador. Pelo menos enquanto eu me sentir com os poderes necessários para tal.

O meu aprendizado melhorava a cada dia. Ao lado da teletransportação, do domínio mental do encarnado que fosse meu alvo, também estava desenvolvendo, e muito bem, o conhecimento dos fluxos energéticos de cada um. Primeiramente, já tinha a certeza: tons escuros podiam ser trabalhados; tons claros demandavam cuidado.

Os primeiros já estavam envolvidos com ideias que não seriam bem vistas ou aprovadas pelos espíritos de luz. E ali era o campo fértil para nossos trabalhos. Recordava sempre as palavras do Mentor:

– Não interfira com os portadores de fluxos energéticos claros e brilhantes, estes são apoiados pelos espíritos de luz. Você não os vê, mas eles sabem de sua presença e podem lhe acompanhar.

Meu trabalho não era com esses e eles não me interessavam, a não ser Suzana, principalmente depois da descoberta – ou lembrança – de que havia sido minha mulher em vida anterior. E Suzana me parecia um ser estranho, diferente dos que havia encontrado em meu trabalho: ela não passara por fases de vingança ou por crises de arrependimento. Simplesmente estabelecera um caminho a seguir e o seguia.

Então, a evolução espiritual não é só através do arrependimento...

Mas o Mentor havia dito isso, não havia dito?

“Depende das escolhas”.

Pensando nisso, concentrei-me em Bento. As memórias entre espíritos são trocadas de tal forma que a simples concentração no encarnado fez com que a imagem dele, transmitida a mim por André, me levasse à sua presença.

Uma casa pobre, de periferia, numa favela perdida entre lixo, entulho e esgoto correndo pelas ruas. Era o lugar onde se encontrava Bento e sua mulher. O outrora orgulhoso e quase milionário estava ali, entregue às traças.

Precocemente envelhecido, sua aura mostrava angústia e uma certa dose de desespero. Suas conversas com a esposa não passavam de monossílabos. Sua vida estava sendo uma tortura, podia sentir isso em seus pensamentos, e culpava a vida, culpava os outros, culpava André. Todos tinham culpa na sua queda, menos ele próprio.

A esposa, Marta, nos fundos da casa, cuidava das poucas tralhas que lhes restavam, entre panelas e pratos, e preparava o pouco que possuía na despensa... Despensa... Um armário velho, com portas que não fechavam direito, onde se podia ver poucos mantimentos. Mostrava-se totalmente desanimada, e parecia rezar.

Pelas cores que percebia em Bento, não havia muito a fazer. Dali ele não se ergueria financeiramente tão cedo. Nunca mais teria as facilidades que o dinheiro proporciona, nunca mais teria um carro reluzente, uma chácara onde passar o final de semana, um cartão de crédito.

Suas cores se modificavam e, das angústias que eu percebia, começaram a surgir redemoinhos mais fortes, ainda em tonalidades escuras. Sobressaltei-me: aquilo era o desespero! E ele não podia cair nessa, pelo menos enquanto estivesse sob os meus cuidados. O desespero poderia levar o trabalho à ruína total, principalmente se ele cometesse o suicídio. E suicídio era uma responsabilidade

que não eu não deixaria cair em minhas costas.

Certas atitudes, porém, ainda não eram de minha alçada. Eu precisava do Mentor. Concentrei-me fortemente nele, emitindo um pedido de ajuda, e eis que, juntamente com Pedro, ele aparece ao meu lado.

– Já percebi, João. O peso da vingança de André está sendo muito forte para a personalidade de Bento. E você chamou na hora certa. Veja ali, os trevosos se preparando.

Com efeito, quatro dos trevosos estavam se aproximando dele, sugerindo que tomasse uma atitude. E essa atitude, para os trevosos, seria por um fim à vida. Assim, teriam mais um companheiro para suas torpes ações. Se houvesse o suicídio de Bento, na solidão em que estava, dificilmente algum espírito mais elevado o encaminharia a algum local de recuperação. Sua alma estava demais angustiada e nunca se lembrava de qualquer coisa que o pudesse ligar a um espírito mais elevado, fosse de luz ou mesmo do nosso nível.

– Pedro, você e João, influenciem Marta para que venha até ele. Por enquanto é a única que pode dar uma trégua a esse peso que ele carrega. Vou atrás da milícia!

Desapareceu. Eu e Pedro nos acercamos da esposa. Eu tinha razão: ela rezava. Mas suas preces eram voltadas para o egoísmo de suas vidas, ela só pedia, pedia... Aquilo até poderia atrair mais algum trevoso.

Quase a abraçando começamos a murmurar em seus ouvidos palavras incentivando-a a dar atenção a Bento. Tomada de algo que a ela parecia intuição, parou o que estava fazendo e foi para fora, onde estava Bento. Vendo seu rosto

angustiado, abraçou-o:

– Nós ainda vamos sair dessa, Bento, vai ver...

– Não vejo saída, meu bem, não vejo... Está muito difícil, não consigo nada. Veja só, a gente tinha tanto e hoje vive aqui, nesta maldita pobreza, como se não tivéssemos valor algum... Ah, se não fosse aquele desgraçado... Minha vontade é ir atrás dele e fazer com que pague por tudo que me aprontou...

Referia-se ao ex-empresário, que o denunciara. Para ele, a culpa era do outro, não era capaz de ver que o tinha prejudicado muito mais, principalmente porque o outro sempre agira de maneira mais honesta que a sua. O que lhe rendera uma boa posição dentro da indústria, enquanto Bento havia sido sumariamente expulso de qualquer negociação.

Enquanto os dois conversavam sobre as agruras da vida, os trevosos não puderam se aproximar. A força da união dos dois os impedia. E, claro, com o abraço da esposa, Bento deixou de pensar no suicídio, expulsou a ideia: não queria causar esse mal a Marta.

O Mentor retornou, desta vez com três equipes milicianas. Vendo-os, os trevosos logo tentaram a fuga, mas era impossível fugir daqueles cães de caça. Foram dominados, mesmo tendo lutado ferozmente contra os milicianos, e desapareceram. Mais três para o Abismo.

– Vamos ter que vigiar Bento de perto, João. Ele é fraco demais para o castigo que está sofrendo. Não podemos deixar que essa depressão o faça cometer essa loucura. O caminho dele não é esse.

– Podemos ter uma solução, Mentor. Marta, quando a trouxemos para Bento, estava rezando. Percebemos que era uma oração egoísta, para atender as necessidades dos dois, mas de qualquer maneira, era uma oração. Podemos, talvez, levá-la até um terreiro de umbanda...

– Ótima ideia, Pedro! O tipo de ajuda que precisam só poderá vir de lá. Pelo menos para que saia da cabeça de Bento essa ideia...

26. Interlúdio

De volta ao Limbo eu e Pedro nos detivemos numa conversa. Marcos, que já há algum tempo não víamos, também estava presente.

– E aí, Marcos, como vai seu trabalho?

– Praticamente resolvido. A empresa já está falida, ele já perdeu a mulher, está na mesma situação em que me deixou no fim da minha.

Contamos a ele a situação de Bento.

– Não, não, com o meu “grande amigo” isso não vai acontecer. Mesmo porque está numa cadeira de rodas. Tão afoito era com relação a dinheiro e poder que, quando perdeu tudo, sofreu um derrame e ficou entevado. Nem se quisesse poderia tomar uma atitude dessas. Está agora morando com um parente que se apiedou dele, e não há nem a necessidade da minha presença. Considero meu trabalho feito, e o Mentor já me liberou para outras atividades...

– Ora, pensei que fosse voltar para a Terra...

– Ainda não quero isso, João. Ainda não é hora. O Mentor já me informou que poderá haver até uma reencarnação compulsória, sendo eu obrigado a retornar, mas até chegar essa hora, não preciso me preocupar. Estou aqui, agora, para ajudar vocês no que for preciso. Depois que André se foi eu já percebi que o

trabalho aumentou.

– Pois é, agora teremos de dirigir Marta a um terreiro de umbanda.

– Andei visitando alguns, acompanhando meu encarnado – lembrou Marcos. – Essa foi uma das alternativas que ele tentou para reverter o quadro, mas, claro, interferi também. Os exus que ele convocou só fizeram se aproveitar das bebidas e comidas oferecidas.

– Ele chegou a apelar para isso, é?

– Quando viu que não tinha mais jeito, que todas as suas tentativas fracassaram, partiu para um terreiro de umbanda. Aliás, nem umbanda era, a mãe de santo trabalhava somente com exus. Se ele tivesse um pouco de bom senso veria que, se trabalho de macumba desse resultado, essa mãe de santo já estaria rica...

Nós nos divertimos com a estupidez humana... Não sei, estupidez? Será que eu, se encarnado fosse e me visse na mesma situação, não apelaria também para algo do tipo?

– Nessas visitas – continuou Marcos – algumas coisas pude entender, outras não. Comentando isso com o Mentor, e diante da necessidade de vocês visitarem um terreiro, ele vai nos dar uma aula...

– É, será interessante.

27. Nova aula

Depois de sabermos que o andamento de nossos trabalhos estava a contento, isto é, Paulo ainda sonhando com o belo corpo de Patrícia; esta, por sua vez, sentindo uma desmesurada atração sexual por ele; e Bento e esposa pelo menos apaziguados, pudemos nos reunir com o Mentor para nos preparar para a próxima missão: o terreiro de umbanda.

– De imediato – começou ele – preciso esclarecer que o terreiro de umbanda não é nada mais nada menos que um dos centros espíritas disponíveis na Terra para atendimento dos encarnados. Um grande número deles, que não está envolvido com religiões mais arraigadas em dogmas ou seitas evangélicas, procuram os centros para tentar solucionar problemas pessoais.

“Lembrem-se de uma coisa importante: entre os que fazem o culto aos orixás, os deuses trazidos da África pelos negros, existem muitas vertentes. Há a umbanda e a quimbanda, e são conhecidas por diferentes nomes, dependendo da região onde vocês estejam. Pode ser candomblé, pode ser vodu. Mas isso não interfere. Só é preciso saber que umbanda e candomblé trabalham com os orixás de maneira mais religiosa, como se fosse mesmo um desmembramento do espiritismo puro, embora também se utilizem dos trabalhos dos exus e pombas-gira. E a quimbanda e macumba utilizam somente os espíritos mais baixos para atender seus caprichos e desejos.”

Um fato que os encarnados demoram a entender – e isso é um trunfo para nós – é que os centros espíritas não são para resolver problemas pessoais, e sim para encaminhá-los a um processo de evolução espiritual, que demanda tempo e dedicação. Todos querem que seus problemas sejam resolvidos de imediato e, para isso, muitas vezes não medem esforços em atender essa ou aquela tendência espiritual, que também podem levá-los a se comprometer com espíritos de baixa

índole moral.

Já alertei vocês muitas vezes sobre os espíritos de luz, que podem interferir em seus trabalhos e até mesmo levá-los ao plano da regeneração e não posso prender qualquer vingador em nosso plano. Bem viram o caso de André, ele entrou numa área que nós não podemos trabalhar. Seu arrependimento o levou daqui.

Preciso lhes dizer, no entanto, que também nos centros espíritas e até mesmo num terreiro de umbanda vocês poderão encontrar espíritos que tentarão, com os meios que possuem, encaminhá-los ao outro plano. Como vocês fazem parte de um grupo específico, isto é, espíritos que têm uma consciência mais aberta, não agindo como os trevosos, poderão persuadi-los de que seu trabalho não está sendo digno, que o melhor é abandonar o que fazem e segui-los.”

– Podem tentar nos convencer, mas não obrigar... ou podem nos reter como a milícia faz com os trevosos? – perguntei.

– Não, João, a milícia trabalha de forma diferente. Os trevosos são espíritos que só agem por instinto, buscando sempre a energia que emana dos encarnados. Esses que a milícia carrega são o desgarrados, que ficaram livres depois do desencarne, mas o lugar deles é no Abismo.

“O trabalho que vocês fazem é de outra categoria: vocês têm consciência e querem proporcionar um castigo a quem lhes tenha feito mal. E também já expliquei muitas vezes que esse castigo, se não for aplicado por vocês, será feito de outra forma, por outros talvez mais perigosos que vocês.

Trabalhamos de maneira a castigar devidamente e, desta forma, estamos também

auxiliando na evolução dos encarnados que nos fizeram mal. João, você sempre questionou se irá ou não também colher os frutos de seu trabalho, e isto você já sabe que sim. Faz parte da evolução de qualquer um. No entanto, desde que aja dentro dos princípios, também poderá ter pontos favoráveis a seu favor. Mas isso é para o futuro...

Nosso ponto de esclarecimento, hoje, são os terreiros de umbanda, vamos voltar ao assunto. Como disse, os centros espíritas são para a educação dos encarnados, e não são muitos os que querem verdadeiramente um conhecimento aprofundado. Querem solução dos problemas e acreditam que os exus e pombas-gira podem resolvê-los. Como os espíritos de luz perceberam essa necessidade ao longo do tempo, acabaram por estabelecer os terreiros, onde trabalham espíritos de luz, mas também contam com a presença de espíritos de nível inferior, que buscam a vingança em troca de benefícios dos encarnados.

Vocês encontrarão, diferentemente dos centros tradicionais, todos os tipos de manifestações e poderão vê-los, ao contrário do que ocorre durante o trabalho normal, quando os espíritos de luz se tornam invisíveis. Lá estarão, lado a lado, tanto os de luz, que se apresentam como caboclos e pretos velhos, como os que se denominam pombas-gira e exus, esses disponíveis para qualquer troca.”

– Mas, como podem conviver juntos os de luz e os inferiores?

– Exatamente para atender toda espécie de pedido, Marcos. É como se fosse um pronto-socorro espiritual. Muitos deles prometem mundos e fundos e acabam nada fazendo. Veja um exemplo prático: se Patrícia fosse lá para fazer algo que prendesse Paulo, acha que conseguiria? Se Paulo não quiser, nenhum espírito o obrigará. E o encarnado ficará no prejuízo com suas compras de velas, bebidas e outros apetrechos solicitados pelos “guias”, que nada mais são do que espíritos de baixo nível, ainda propensos a ingestão de fluídos que os satisfaçam...

– Isso me faz pensar no trabalho que dão esses trevosos... – comentei.

– Não se esqueça de que você também esteve no Abismo e que também agia como um deles. O fato de estar aqui hoje só ocorreu em virtude do sofrimento que passou para se libertar da sua necessidade dos fluídos. E sempre existirão esses espíritos, João. A Terra está ainda num período muito turbulento, e muitos desses trevosos estão retornando à vida na carne. Resultado disso: crimes, drogas, sexo, violência gratuita, e isso feito indiscriminadamente. Mas a nós compete somente uma parte do trabalho, e vamos ficar em nosso nível.

– Se os encarnados soubessem a verdade disso tudo... – foi a vez de Pedro se manifestar, sempre sarcástico.

– Vai demorar, Pedro, e muito. O espiritismo, como doutrina, ainda não floresceu por diversas razões. Uma delas é o preconceito das igrejas tradicionais, que a consideram religião do demônio. Um demônio que podem cansar de procurar pela eternidade, nunca irão encontrar o que não existe... Outra razão é o ego dos que se dizem conhecedores da doutrina espírita, se arvorando de donos da verdade, quando são simplesmente portadores de capacidades mediúnicas para unir o material ao espiritual. São poucos os que seguem os preceitos, e isso é que exige que façamos nosso trabalho.

– Quando era vivo nunca cheguei a me envolver com qualquer religião... Acho que vou fazer isso na próxima. – era Marcos, planejando.

– Não será tão fácil, meu caro. Cada uma delas tem tantas regras absurdas que você só irá regredir se seguir todas. Algumas chegam a criar verdadeiras lavagens cerebrais nos mais incautos... O importante, e isso o encarnado ainda não percebe, é ter conhecimento.

“Só que são poucos os que se dedicam a conhecer verdadeiramente uma doutrina. Veja um exemplo, já que estamos falando de espíritos – e principalmente por sermos espíritos discutindo religião: uma das regras espíritas é “Fora da caridade não há salvação”. E como entendem muitos dos encarnados essa frase? Dar esmolas, pura e simplesmente, sem se preocupar com o resultado do que tirou do bolso. E, quando dão esmola, se alguém lhes pergunta:

“– E se o fulano usar o dinheiro para comprar bebida em vez de alimentos?

Já houve resposta desse tipo:

– Aí é problema dele, eu fiz a minha parte...

E atribuem ao ato o status de caridade...”

A aula terminou em risadas.

28. No Terreiro

Designados a trabalhar juntos pelo Mentor, eu e Marcos nos dirigimos primeiro à casa de Paulo naquela tarde, para acompanhar o progresso de minha influência. Como prevíamos, ele estava ansioso por um relacionamento extraconjugal, estava no seu cerne, como homem, e Patrícia ainda era seu alvo.

Seu casamento com Suzana já entrara em uma rotina fatal. Ela, evidentemente, sofria calada. Era próprio de sua personalidade. Mas eu não podia me ater a isso, senão acabaria com pena e isso só iria atrapalhar os planos. Meu foco deveria continuar sendo Paulo.

Vimos também Patrícia, ainda no trabalho com ele, e verificamos as mudanças no tratamento entre os dois: estavam se mostrando mais íntimos mas ainda não haviam chegado ao ponto que eu planejava. Havia ainda, em Paulo, um vago receio de envolvimento, que deveria ser tratado à noite, quando estivesse dormindo.

Na Terra era sexta-feira, dia próprio aos cultos de umbanda, e rumamos ao barraco de Bento. Sua esposa, durante a semana, já havia procurado uma senhora da vizinhança que lhe indicara um terreiro ali mesmo, na favela, onde havia função às sextas, e convencera Bento a ir com ela.

Meio relutante ainda, ele se preparava para ir com ela. Nossa presença e principalmente nossa influência sobre sua mente, o fizeram tomar a decisão.

– Afinal, mal não faz. Quem sabe esse pai de santo possa dar um jeito nisso?

Sua aura já não apresentava os mesmos sintomas de desespero que vimos na visita anterior e essas alterações, também parte do plano elaborado por André, o faziam ter novamente esperança de que algo pudesse dar certo. Mas a minha posição com relação a ele deveria ser a mesma de meu amigo arrependido: eu deixaria que tivesse esperança e a destruiria depois. Assim estaria cumprindo a vontade de André.

Como nunca tinham visitado um terreiro de umbanda, a senhora, amiga de Marta, os acompanhou, indicando como deveriam se comportar, mostrando quem era o pai de santo e quem eram os médiuns que incorporavam os outros guias.

O terreiro de Pai Francisco, nome do espírito que incorporava no médium do local, era um grande salão, com cadeiras e bancos a um lado, onde os consulentes esperavam, uma área espaçosa no centro para as danças e incorporações mais espetaculosas e, finalmente, ao fundo, as cadeiras um pouco mais suntuosas, onde ficavam o Pai Francisco e a esposa do médium, que também era médium e recebia o espírito de um caboclo.

Eu e Marcos podíamos ver, além do ambiente físico, a presença dos espíritos que ali já se encontravam, aguardando a vez de se manifestar. Ao lado do mentor estava um espírito alto, aparentando uma nobreza que tivera em vida, pele negra e já enrugada como se fosse velho, portando um cachimbo de onde saía uma fumaça branca e cheirosa, nada lembrando a fumaça de charutos e cigarros. Pelo que pudemos observar, tratava-se apenas de um apetrecho para compor a figura, já que não o vimos levar o cachimbo à boca nenhuma vez. Do outro, um outro espírito cuja aparência era de um indígena, com grande cocar na cabeça, quase como se vê nas estatuetas representativas dessas entidades.

Pelo salão, circulando as pessoas encarnadas, vários outros, todos se comportando de maneira debochada. Havia três se apresentando como do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Os que se mostravam como homens rodeavam as mulheres encarnadas, abraçavam-nas e cheiravam seus cabelos. Quando alguma pressentia qualquer coisa diferente, que se manifestava em arrepios, riam às gargalhadas. E as que se mostravam como mulheres, por sua vez, se ocupavam dos homens, também os abraçando, afagando-lhes o corpo.

Pai Francisco percebeu nossa presença e acenou, nos chamando..

Aproximamo-nos.

– Vieram de onde, meus filhos? O que procuram aqui?

Explicamos a história de Bento e da esposa, informando que nós é que tínhamos encaminhado os dois para atendimento.

– Estou vendo. A condição espiritual que ele apresenta não é nada boa – comentou, olhando para Bento. – Vou chamá-lo primeiro. Isso, só por ser chamado, já vai lhe dar algum ânimo. Mas ele tem muito que pagar ainda, percebo isso. Vamos convidá-lo a vir aqui outras vezes, só assim ele vai manter a cabeça livre de pensamentos ruins.

– Nós agradecemos, Pai Francisco.

Tal como disse, quando incorporou pediu a um dos ajudantes que lhe trouxesse

Bento e Marta. Este, muito espantado, dirigiu-se ao médium que lhe deu alguns passes, conversou por um certo tempo e Bento, cada vez mais espantado, procurava saber como é que o tal médium tinha conhecimento de seus problemas, de suas amarguras.

Enquanto isso ocorria, os outros espíritos se incorporavam nos seus médiuns de costume, os exus e pombas-gira faziam a costureira algazarra, com brincadeiras e jogos de palavras, enquanto atendiam moças que queriam reatar com namorados, vizinhas que queriam de vingar de falatórios, pequenos comerciantes que queriam mais lucro e por aí fora.

Todos os incorporados, menos os mentores do local, faziam uso de bebida alcoólica e fumavam enquanto atendiam, mostrando bem o nível em que estavam. E, para mim, foi mais uma surpresa: eles pareciam viver num meio termo entre o que estávamos e os trevosos. Possuíam consciência dos fatos mas, ao mesmo tempo, não conseguiam ficar longe dos fluídos que emanavam de bebidas e fumaças de cigarros e incensos.

Depois de atendidos, Bento e a esposa sentaram-se e aguardaram o final do trabalho. Sua aura já estava bem mais tranquila, tinha recuperado um pouco da esperança, embora ainda não mostrasse um brilho maior. Para nós, no entanto, era o que bastava: tirar de sua cabeça a ideia de suicídio.

Também nós aguardamos o final dos trabalhos, embora sem participar de qualquer ato. Os espíritos presentes nos notaram e alguns olhavam com certo desdém, mas a presença do mentor do terreiro os impedia de tomar qualquer atitude contra nós. Várias vezes percebemos Pai Francisco nos observando e sempre havia a impressão de que queria nos dizer algo.

Sua forma de atender era totalmente diferente dos espíritos de exus e pombas-

gira. Tinha uma postura muito mais séria e compenetrada, buscava saber o que cada um estava buscando e suas palavras e passes acabavam por trazer um bom resultado, percebíamos isso pelas auras dos consulentes.

Enquanto isso, Bento e Marta conversavam baixinho, falando do ocorrido:

– Parece que é sério mesmo, não é, querida?

– Você viu? Nós nem precisamos falar nada e ele chamou você primeiro! E falou tudo o que está acontecendo! Isso mostra que é sério. E você, como está se sentindo?

– Estou bem, parece que ele tirou um peso que estava sobre mim. Vamos ver se daqui pra frente as coisas melhoram...

– Vamos voltar aqui outras vezes, não vamos?

– Quero voltar. Acho que Pai Francisco vai me ajudar muito.

Deixamos que conversassem depois de verificar que ele até se expressava melhor do que antes. E isso atiçou mais nossa curiosidade com relação a Pai Francisco.

Percebíamos nele um olhar penetrante, quando nos observava, e esse olhar

parecia nos convocar, nos chamar...

29. Pai Francisco

Terminados os trabalhos, com todos os consulentes atendidos, as pessoas se retirando e os médiuns a conversar animadamente, com comentários sobre as pessoas que lá estiveram, Pai Francisco veio até nós. Pai Francisco que digo é o espírito, não o encarnado. Com o médium não me preocupei em saber o nome.

– Esta é a primeira vez que comparece a um terreiro, João? – perguntou-me.

– Sim, foi a primeira vez. Quando encarnado nunca tive vontade nem oportunidade. Achei interessante o que acontece aqui.

– Eu já tinha visitado um, com um encarnado de quem cuidava – interveio Marcos. Mas era bem diferente disso tudo. Lá só havia exus e pombas-gira. Não havia alguém para conduzir os trabalhos.

– Acontece muito disso, Marcos. É um trabalho sem fim. Há pessoas que começam bem pelo caminho da mediunidade mas acabam se perdendo. Em vez de estarem trabalhando pelo bem das pessoas, misturam-se com espíritos zombeteiros – são esses que vocês viram aqui. Estão em nível diferente dos trevosos, mas se comprazem mais com os fluídos do que os que estão no nível de vocês.

– Mas sua presença aqui... Não me parece que seja zombeteiro ou que esteja em nosso nível...

– É meu trabalho, João. Eu escolhi esse trabalho. Na verdade não tenho a aparência que mostro neste terreiro.

Dizendo isso começou a se transformar. O velho negro e enrugado foi dando lugar a uma luz brilhante, que chegava a nos cegar.

– Senhor! – exclamei. – O senhor é um espírito de luz!

– Sou, João, sou o que vocês chamam de espírito de luz. Mas, não se preocupe, não vou me apresentar em minha forma, isso poderia perturbar muito tanto a você quanto a Marcos. Vou manter a aparência de velho.

A luz foi desaparecendo e ele retomou a forma do velho negro.

– Como pode explicar isso, senhor? – nessas alturas, um respeito muito grande se apossara de mim e não havia outro tratamento a lhe dar.

– Vai chegar sua hora de entender isso também, João. Nós, aqueles que vocês consideram espíritos de luz, também temos nossos trabalhos, missões a cumprir. E podemos escolher onde trabalhar. Como vivi no meio desse povo, pobre e carente, resolvi optar por isso.

– Mas... e a presença dos zombeteiros? – indagou Marcos.

– Eles são necessários. Também são espíritos em crescimento, mas ainda não alcançaram o grau para trabalhar de outra forma. Ainda precisam dos fluídos, ainda estão muito presos à Terra. Dessa forma, podem usufruir dos fluídos, podem ajudar algumas pessoas e se preparar para uma nova encarnação.

– Só que, pelo que eu sei, eles vivem de mentiras, enganando os encarnados... – argumentou Marcos.

– Alguns, sim. Em outros terreiros, em outros centros isso pode acontecer. Os que estão aqui sabem que devem trabalhar de acordo com o que determino. Claro que não vou deixar que usufruam de comidas e bebidas a eles doadas pelos consulentes sem que façam alguma coisa. Pedidos infantis como os de mulheres querendo homens de volta não são aceitos aqui. Eles conversam com os consulentes a respeito, pedem suas ofertas, mas dizem o que deve ser dito. Muitos chegam mesmo a dar conselhos úteis. Esse acompanhamento eu faço de forma muito criteriosa.

– Fica difícil entender sua presença aqui... – comentei.

– Veja isso como um pronto-socorro, João. Esse pessoal que você viu aqui hoje, e muitos outros que nos procuram, não encontram outro meio para acalmarem seus espíritos, mesmo porque estão buscando soluções imediatas. Não se trata de pessoas de nível mais elevado, e que são poucas no mundo, que querem estudar a doutrina e evoluir. São pessoas desesperadas, que precisam arrumar o que comer no dia seguinte. E o alimento que podemos dar a elas é a esperança. Como foi feito com Bento e Marta.

– Nosso Mentor não nos disse que seria assim, que o encontraríamos aqui,

Senhor!

– Não, nem poderia. Vocês, assim como os outros que se autointitulam vingadores, têm um receio instintivo dos que chamam espíritos de luz. Se soubessem que iríamos nos encontrar possivelmente teriam criado alguma barreira. Mas era importante que nos víssemos, mesmo porque o trabalho de vocês hoje salvou uma alma de um grande castigo.

– O suicídio, conforme nos ensinou o Mentor, é o fundo do poço para um espírito – citou Marcos.

– Exatamente, meu filho. É o pior crime que alguém pode cometer. É a negação de tudo aquilo que o Todo Poderoso deseja de suas criaturas.

– Bem, o Senhor não nos chamou para nos levar para o outro lado, não é?

– Não tenha medo, João, não irão a lugar algum que não queiram. A decisão do caminho é de cada um. Se vocês estão satisfeitos nesse nível, nele permanecerão até que alguma coisa faça isso mudar.

– O arrependimento, como André? – eu quis saber.

– Ou a consciência, como Suzana... – falou calmamente. – De uma ou de outra maneira vocês chegarão onde é necessário.

30. Interlúdio

– Levaram um grande susto!

– Era necessário, Pedro.

– Mentor, esse Pai Francisco é seu amigo?

– Quando vai aprender, Pedro? Se somos todos irmãos...

– Não, não foi isso o que quis dizer...

– Estamos todos trabalhando juntos, é isso que você precisa entender. A única diferença é que o local de trabalho de Francisco é naquele terreiro, e o meu é aqui com vocês.

31. Paulo e Patrícia

Quando deixamos o terreiro eu e Marcos passamos pelo barraco de Bento, somente para verificar se a situação se mantinha. Ele dormia a sono solto e Marta, ainda acordada, rezava e pensava no que tinha acontecido. Isso era perceptível pela sua aura. Não sabíamos ler pensamento, mas a aura, com a experiência que vamos criando, nos conta tudo.

Como tudo corria bem e já era noite alta na Terra, nos encaminhamos à casa de Paulo. Suzana já dormira há muito e seu espírito não se encontrava mais ali. Certamente fora se encontrar com os de nível superior, onde costumava ir quando sonhava, e era um lugar cujo acesso nos era interdito.

Paulo, em espírito, também não estava ali, embora seu corpo estivesse. Deveria estar sonhando, e com Patrícia.

Com efeito, concentrando-nos na casa de Patrícia, lá os encontramos, os dois espíritos num abraço sensual, suas auras se misturando. Mostrou-me claramente que já era hora de dar um empurrão. Era o que faria no dia seguinte.

Retornamos ao Limbo para relaxar um pouco. E era estranho, já estávamos acostumados a encontrar momentos de relaxamento naquele ar cinzento, até meio carregado. Afinal, ali era nossa casa, pelo menos por enquanto. Encontramos com Pedro e ficamos a conversar sobre o ocorrido, sobre a situação de Bento.

Ali ficou acertado que iríamos nos dividir: Marcos estaria olhando Bento e eu daria prosseguimento ao cerco de Paulo e Patrícia, mas ainda mantendo nosso trabalho em equipe.

No dia seguinte acompanhei Paulo em sua casa. Não me aproximara tanto, visto que Suzana estava preparando o café da manhã e apresentava um semblante triste. Sobre ela pairava uma luz que não tinha visto antes, e isto prenunciava a presença de algum espírito de luz, que a consolava – certamente.

Paulo saiu com um beijo distraído na face de Suzana e entrou no carro. Ouvi-o dizer:

– Vai ser hoje!

Ocasão propícia para me aproximar dele e incentivá-lo a tomar a decisão. Aquela história já estava demorando muito para a minha pressa de vingança. Enlacei sua aura e incuti nele o desejo por Patrícia.

Chegando ao escritório, cumprimentou-a:

– Bom dia! Não marque nada para o almoço. Pretendo levar você a um lugar.

O sorriso dela tinha o poder de fasciná-lo. E esse mesmo sorriso tinha sido a resposta que ele esperava.

A manhã transcorreu como devia: olhares sugestivos, algumas palavras mais carinhosas e o meio-dia chegou rapidamente. A vontade dos dois excedia qualquer limite, qualquer trabalho, qualquer outro evento que pudesse haver.

Perto do horário, Paulo ligou para a esposa, avisando que um compromisso inesperado não lhe permitiria almoçar em casa. A contragosto, ela aceitou a explicação.

Saiu de sua sala:

– Vamos, Patrícia!

– Tem algo especial para esse almoço, doutor?

Olhou-a com volúpia:

– Tenho sim. Nossa agenda está livre até a tarde, vamos aproveitar o dia!

E era assim: propositadamente, Paulo não havia marcado nenhum compromisso para aquela tarde e avisara seu subordinado direto que tinha uma reunião importante. Levaria Patrícia, então ele que cuidasse de algum problema que pudesse surgir.

– Para onde vamos, doutor?

– Você vai ver, Patrícia...

Um restaurante bucólico, em meio a um parque, ambiente propício para a conquista. Ou para a concretização dela, já que vinha trabalhando a moça em banho-maria há vários dias.

Eu acompanhava de perto cada palavra, cada gesto, cada toque. Paulo se esmerava com ela, dava toda atenção. Ao lado dela, sequioso, o íncubo que era seu companheiro, sugava a energia erótica que os dois emanavam. Um toque na mão de Patrícia, com algumas palavras carinhosas, e ela cedeu. O beijo que trocaram criou o redemoinho de energia vibrante, voluptuosa, e o íncubo quase sucumbia aos fluídos.

O passo seguinte, após o almoço, foi seguir a um motel, ali perto.

Como não me interessavam os detalhes do encontro amoroso, retornei ao Limbo. Aquela tarde, tanto para o íncubo quanto para os dois, certamente seria memorável.

32. Novos vingadores

– João, vamos encontrar o Mentor.

Assim que cheguei, Pedro me chamou. Fomos até a sala de aula, era lá que tínhamos as reuniões. Marcos já estava presente e mais alguns dos vingadores que eu já conhecia, mas com quem não criara muitos laços: Tiago, Lucas e Felipe.

Os três formavam uma equipe que, segundo Pedro, era necessário ao trabalho que exerciam. Tinham se envolvido com alguns criminosos, quando vivos, e foram torturados e mortos por eles. Agora agiam para se vingar. Qualquer hora eu iria saber direito essa história.

Outros três, Mateus, Bartolo e Tomé, estavam envolvidos com suas atividades e não haviam comparecido, mas isso parecia ser de menor importância para o Mentor:

– Recebemos dois novos vingadores. É preciso que os acolham bem.

Isso não havia acontecido na minha chegada. Só depois é que entrei em sintonia com Pedro. Teria ocorrido alguma mudança no Limbo? Como pressentindo meu pensamento e vendo meu semblante curioso, o Mentor informou:

– Tadeu e Matias acabaram de deixar os corpos na Terra, João. Não vieram do

Abismo, como você. Vieram diretamente para cá, já que a conduta de ambos não os obriga a ir para lá. Estão, por enquanto, nos alojamentos, recebendo os cuidados necessários. Ainda não acordaram e não posso prever que consigam isso ainda hoje. Sempre há os que demoram um pouco mais para se dar conta que abandonaram o corpo.

Demorou-se um pouco mais numa conversa sobre nossas atividades.

Depois da conversa com o Pai Francisco comecei a notar alguns detalhes no Mentor. Ele parecia ter a mesma postura, era como se fosse um pai para todos nós. Preocupava-se com o que fazíamos e nos indicava sempre um caminho alternativo, deixando, no entanto, que fizéssemos a escolha.

Como não tinha percebido antes? Estávamos diante de um espírito de luz, e eu ainda pensando que fosse também um vingador!

– Alguma novidade com Paulo e Patrícia, João?

O brilho em seus olhos quando me fez a pergunta o denunciou. Ou ele se mostrou? Dentro de mim houve uma emoção difícil de definir, mistura de segurança, de amparo, de bem-estar... Olhando dentro dos olhos dele eu podia perceber que ele sabia tudo isso.

E não precisava que eu contasse. Seu pedido para que falássemos era apenas para motivar a conversa, para que ficássemos à vontade, e isso fazia sempre. Comecei a entender muita coisa, a rever muitos fatos ocorridos desde que ali chegara.

Suas perguntas sobre a posição que tínhamos, e ele fazia perguntas a todos, era um medidor de nossas emoções. E sua presença era sempre certa, em todos os momentos.

Contei-lhe até o ponto que havia visto, quando deixei os dois no motel, e minha saída estratégica. Vi que gostou da minha atitude, embora sem comentar. Depois falamos novamente sobre Bento e Marta. Apoiou nosso trabalho em equipe, dividindo as tarefas.

– Muito bem, Marcos. Se quiser continuar nesse trabalho, a escolha é sua. Sabe, no entanto, que terminou o que havia planejado...

– Sei, Mentor. Mas ainda não quero sair daqui. Não tenho ideia do que fazer.

– Sua melhor alternativa seria retornar à Terra, reencarnar. Posso lhe encaminhar para isso.

– Ainda não, Mentor, por favor. Eu... eu não estou preparado para isso. – dava para sentir um pouco de medo em sua voz. – Quero continuar aqui, vou ajudar João e, se precisar, posso fazer outras coisas. Não me deixe ir ainda! – e esse apelo veio do fundo de sua alma.

– Não se preocupe, Marcos, terá o tempo necessário para pensar no assunto. De nada vai adiantar que os fatos se precipitem. Tudo deve acontecer na hora certa. Continue acompanhando João e, os dois, acompanhem com cuidado Bento e Marta. Ele não pode sentir novamente desejo de suicídio, ainda tem muito a

fazer na vida em que está.

– Estranho – falei – eu sou um vingador. Estou fazendo meu trabalho com Paulo, mas acabo tendo de cuidar de Bento, que era problema de André...? Vou virar anjo da guarda agora? Nós dois vamos ser anjos da guarda de Bento?

– O trabalho de André já está feito, João. De você é necessário que cuidem para que a situação dele permaneça como está. Ele é inteligente o suficiente para subir novamente na vida, voltar a ter dinheiro e, se isso ocorrer, outra vez vai tomar atitudes erradas. É preciso que ele fique numa situação de carência para aprender na vida em que está vivendo. Senão, todo o trabalho de André será perdido.

– Mas nosso trabalho é de vingança ou de redenção, afinal?

– Já deveria estar ciente disso, João. Sabe muito bem que são ambos. E todo esse trabalho com Bento e Marta é necessário para que possa depois manter o que tiver feito com Paulo.

Nessa hora eu queria ter uma bola de cristal...

33. Tiago, Felipe e Lucas

Como tudo corria bem, aquela noite foi para uma nova reunião, com as comidas e bebidas que nos lembravam da vida na Terra. Em nossos trabalhos, mesmo de forma inconsciente, evitávamos usufruir dos fluídos dos encarnados. Isso poderia afetar o nosso objetivo de vingança.

Mas também tínhamos o direito de nos divertir. Nessas reuniões podíamos mesmo nos sentir mais alegres, bebendo, comendo e conversando, como se estivéssemos num bar da Terra, aquele da esquina, com os amigos.

Não imagino de onde vêm os fluídos das bebidas etéreas que tomávamos, mas causavam o mesmo efeito de alguns copos de cerveja. Alteravam nosso humor, nos deixando mais soltos, mais falantes. Seria mais uma artimanha do Mentor?

Ali já nos conhecíamos todos. Eu, Pedro e Marcos de um lado, e Tiago, Felipe e Lucas de outro. Parecia estranho, mas sentíamos falta de André. Os novos ainda não haviam surgido.

– Não se recuperaram ainda – informou Pedro. – Como disse o Mentor, pode demorar.

Inconscientemente juntamos os grupos, nos sentimos mais próximos depois da conversa com o Mentor. Falamos de nossos casos, eu e Marcos, e os três, envolvidos que estávamos com os fluídos das bebidas, também se abriram para suas histórias. Pedro, somente, é que ainda mantinha segredo das suas vidas na

Terra. E não tínhamos tanta liberdade com ele para perguntar sobre isso. Tinha sido um preceptor nosso, de todos que ali estavam. Havia uma espécie de aura de “chefe” nele.

Tiago, Lucas e Felipe tinham sido irmãos na última vida na Terra. Tiago desencarnara com 25 anos, Lucas tinha 23 e Felipe 20. E ali também aparentavam essa idade. É mais fácil aos espíritos manter a aparência da época do desencarne.

Nasceram numa cidade de interior, onde não havia motivação econômica ou educacional para se desenvolverem. E acabaram se mudando para Campinas, cidade maior, ainda no interior, já que o pai proibira que fossem para a capital, São Paulo. Assim, julgava, estavam mais próximos e poderiam sempre visitar os pais.

Tiago foi o primeiro a ir, arrumando um emprego que lhe dava condições de sobrevivência, trazendo depois Lucas e Felipe. Era o primogênito e, como a grande maioria deles, se julgava responsável pelos menores.

Moravam numa pensão, já que o dia todo era dedicado ao trabalho, e se apoiavam, tanto nas horas boas como nas ruins. As boas diziam respeito à amizade que tinham como irmãos, mas que também levavam às ruins. Traziam uma índole voltada para a valentia, qualquer banalidade era motivo para discussões e brigas com quem os afrontassem. Julgavam que poderiam resolver tudo na violência.

Mas a cidade já se tornara um grande centro e, como todos os grandes centros, também violenta.

Embora não gostassem muito de envolvimento com estranhos, os momentos de lazer os levava a um bar da periferia, próximo à pensão onde moravam, frequentado tanto por trabalhadores quanto por marginais. Os jogos de sinuca eram sempre muito disputados e, conseqüentemente, conheceram novas pessoas, tornando-se amigos de algumas delas.

Não viam, é claro, o lado espiritual do bar que frequentavam e os trevosos que ali costumavam ir para se deliciar com os fluídos dos encarnados. E havia ali fluídos para todos os gostos dos trevosos: algumas prostitutas frequentavam o bar, tanto para oferecer os seus dotes quanto para comprar bebidas e drogas, os homens às vezes exageravam na bebida e nas drogas...

Os três, é claro, utilizaram os préstimos das prostitutas, mas a educação que tiveram não os deixou se envolver com drogas. A melhor droga, segundo Tiago, era um bom copo de cerveja ou então uma caipirinha.

Por vezes, durante os jogos de sinuca, saía alguma discussão, disso tomavam parte com prazer. Estava na índole dos três trocarem socos e pontapés com quem tentasse intimidá-los, mas quase sempre o dono do bar acalmava a situação, mantinha a ordem de forma autoritária. Por esse motivo mantinha aquele bar longe da má-fama que percorria os outros, muitos fechados diversas vezes pela polícia em batidas motivadas pela busca de drogas ou de denúncias dos vizinhos.

Mas o dono do bar não podia proteger – e mesmo não queria isso – ninguém que entrasse em confusão fora de seu estabelecimento. Isso já havia sido pretexto para uma gangue formada por traficantes eliminar concorrentes e intimidar a vizinhança.

Eram eles os donos do pedaço! Não se atreviam a desafiar o dono do bar, sabia que ele tinha “costas quentes” com a polícia, mas ainda tinham o bairro todo

para mostrar quem eram!

Foi numa dessas ocasiões, em que foram pegos pelos três irmãos enquanto tentavam estuprar uma das prostitutas que lhes devia dinheiro de drogas. Já noite, os três voltando para a pensão um tanto bêbados, ouviram a mulher gritando num beco. Àquelas horas, nenhum vizinho se atreveria a sair, dada a fama dos gangue.

Por pura valentia, aprumaram e partiram para a briga. Mas os marginais estavam em cinco, e eles eram três. Acabaram levando a pior, com Felipe e Lucas mortos ali mesmo com socos, pontapés e facadas pelo corpo, enquanto Tiago foi levado a um hospital. Tiago não passou daquela noite, também desencarnou.

Felizmente o nível em que estavam em sua evolução e também os eternos pedidos de proteção de sua mãe, impediu que fossem levados ao Abismo. Mesmo porque o que fizeram foi em defesa de outra vítima. Porém as atitudes que tomaram durante a vida impedia que fossem encaminhados aos espíritos de luz. Como nós, estavam a meio caminho.

Assim, foram trazidos para o Limbo, onde estavam trabalhando com a gangue que dera fim às suas vidas. Já tinham chegado ao final do trabalho com dois que foram eliminados por outra facção, outra gangue. Estavam bem acomodados no Abismo, contou Tiago.

Os três restantes não seriam páreo para eles.

Sentiam ainda um ódio surdo dos assassinos. O fato de terem auxiliado na eliminação de dois não aplacou a sede de vingança.

– Mas o Mentor não diz que não podemos ajudar em assassinatos?

– Tivemos a oportunidade de colocar uma gangue contra a outra, foi só isso – disse Tiago. – Não tomamos parte na morte deles, foi uma consequência dos trevosos que acompanhavam os caras. Você acha que quero ir para o Abismo, depois de ter passado também por lá?

Percebi que, no fundo, ainda havia algo de bom nos três. Uma união muito forte e, mesmo com toda a violência que tentavam mostrar aos outros, lá dentro, no fundo de cada um, havia algo que me fazia falta: amor.

34. A decisão de Suzana

Nosso trabalho, meu e de Marcos prosseguia.

Com Bento só era preciso cuidado para que não caísse novamente nas garras dos trevosos. Sempre que seu otimismo e esperança com relação ao futuro decaíam estávamos lá para influenciá-lo e a Marta para que fossem procurar Pai Francisco.

Com Paulo e Patrícia deixávamos que o íncubo completasse os laços que tinha com ela e que já estavam envolvendo Paulo. Tanto envolveram que atraíram para ele um súcubo, o trevoso que toma a forma feminina para atacar os homens. Enquanto eles se envolviam fisicamente, os trevosos, em suas formas estranhas que mais assemelhavam a uma mistura de bode com ser humano, se entregavam aos fluídos que expeliam, gritando e uivando através do prazer meramente carnal a que Paulo e Patrícia se entregavam.

Suas aventuras amorosas beiravam as raias da insanidade. Muitas vezes chegavam a se unir no escritório de Paulo, sobre a mesa ou mesmo no tapete, e isso nos intervalos entre entrevistas ou reuniões.

As fofocas sobre os dois começaram a circular pela empresa e chegaram aos ouvidos do gerente geral, que o advertiu sobre o caso. Mas, claro, como o gerente também era adepto de prazeres fortuitos com a secretária ou qualquer mulher que lhe desse atenção, o assunto foi amenizado entre ambos, servindo a advertência para que os encontros ocorressem fora do ambiente de trabalho.

Suzana, no entanto, sofria com o distanciamento do marido. Já estavam casados há vários anos, os filhos estavam beirando a puberdade e essa era a primeira vez que ela se sentia traída.

Aconselhava-se com a mãe, rezava, continuava frequentando o centro espírita para amenizar a dor que sofria, solicitava auxílio aos guias espirituais, mas isso em nada alterava a situação.

Finalmente acabou por se decidir: teria uma conversa franca com ele. Se estava apaixonado por outra mulher, o melhor seria a separação. Não estava disposta a partilhar o mesmo teto com uma pessoa que a traía. Conversou longamente com a mãe sobre o assunto e, apoiada por esta, voltou para casa: não passaria daquela tarde.

Quando Paulo chegou, beijou-a distraidamente, como vinha acontecendo. Desviou-se do beijo e se afastou:

– Quando é que você vai me dizer que tem outra?

A expressão de Paulo o denunciou. Apanhado de surpresa, sua reação demorou o suficiente para que ela continuasse:

– Paulo, somos adultos e sabemos o que está errado. Sempre fomos sinceros um com o outro e não posso aceitar uma situação que está me fazendo sofrer. A isso, é melhor que a gente se separe. Vou hoje mesmo para a casa de minha mãe, levarei os meninos.

Ele sentou-se, abobado que estava com a postura de Suzana.

– Querida...

– Paulo, sabe que eu não sou mulher para fingir que está tudo bem. Vamos terminar tudo de uma forma sincera.

– Você... você não falou nada para os meninos, falou?

– Claro que não. – sua voz não se alterava, não mostrava a perturbação que sentia e seu tom cordial pareciam punhais sendo enfiados no peito de Paulo. Ele sofria mais do que imaginara.

Não sabia que decisão tomar. Ele, sempre tão resoluto, estava ali parado, como que algemado diante da situação. Finalmente, tentou argumentar:

– Olhe, Suzana, não é bem assim...

O olhar que ela lhe dirigiu fez com que tomasse outra decisão:

– Está bem. Está bem. Eu vou sair de casa. Não é mesmo justo que eu lhe engane, você não merece isso. Amanhã mesmo procuro um flat, um hotel, qualquer lugar onde possa ficar. Mas, por favor, não fale nada disso com os meninos. Se puder, deixe para termos a conversa juntos e explicar que vamos

nos separar mas que continuamos juntos para educá-los.

– Como quiser, Paulo, como quiser.

Quando os meninos chegaram da escola puderam notar algo estranho no ar, uma certa tensão, mas foram dissuadidos por Suzana e partiram para as brincadeiras de bola, depois para os computadores e, finalmente, à noite, depois que foram para o quarto, Paulo tentou puxar assunto:

– Vai ser mesmo assim?

– Você me conhece bem, Paulo, e sabe que a decisão está tomada, não tem volta. Se vai permitir que eu fique nesta casa, é você quem deve sair. Considero justa a decisão, principalmente pelos meninos, para que a rotina deles continue a mesma. Não, não será a mesma, já que você não estará aqui todos os dias, mas vai ajudá-los na readaptação a uma nova vida, sem o pai.

– Não vou deixar de vê-los... – sua voz chegava a tremer.

– Não, claro que não. Você é o pai. Pense que a única mudança que haverá daqui para a frente é que vai vê-los com menos frequência, quando seu tempo der uma folga ou nos finais de semana. Não quero complicar nada, Paulo. Se encontrou outra, não posso lhe prender. E é uma situação que não posso aceitar, de forma alguma. Sempre só pensei em sua felicidade, se é hora de deixá-lo ir, o que posso fazer?

A postura de Suzana deixou Paulo arrasado. Não dormiu no mesmo quarto onde, por tantos anos, partilharam uma vida. Foi deitar-se no quarto de hóspedes, mas não dormiu. Nem mesmo a presença da súcubo, lhe lembrando Patrícia, conseguia acalmar seus pensamentos.

Suzana, em seu quarto, também não dormia. Havia uma dor profunda em seu peito, sentia que uma parte de sua vida havia morrido. Mas sabia que não havia outra decisão a tomar. Não resistiu: lágrimas rolavam pelo seu rosto. Não eram lágrimas de desespero, eram de amargura.

Lentamente uma luz foi surgindo sobre sua cabeça, crescendo, envolvendo seu corpo todo, como se fosse tomada no colo por alguém. Um cansaço também lento foi lhe tomando o corpo todo, sentiu um calor tépido sobre o peito, como se uma mão pousasse ali.

Adormeceu...

35. Matias e Tadeu

Mais um passo havia sido dado com relação a Paulo. Como iria reagir nos dias seguintes era problema dele. Para Suzana, era caso encerrado, mesmo sofrendo com a separação. O Mentor, ao nos encontrarmos, comentou:

– Vamos esperar a reação de Paulo, João. Por esses dias ele terá mais uma surpresa. Claro, nesses momentos você precisa estar mais próximo dele, acompanhe cada passo que ele der. Não se preocupe com Suzana, que ela está bem amparada.

E, mudando de assunto, dirigiu-se a nós dois, eu e Marcos:

– Venham, me acompanhem até o alojamento. Vou lhes mostrar Matias e Tadeu. Ainda não acordaram, espero que isso ocorra hoje com Tadeu. Matias levará ainda algum tempo.

Entramos no alojamento. Estavam ambos acomodados em leitos próprios para convalescentes, como num hospital da Terra. A situação de Matias me exasperou. Aparentava seus trinta anos, cabelos pelos ombros. Trazia o corpo todo marcado, com equisemas por todos os lados. Certamente morrera espancado, além de perfurações de facas. Era por isso que demorava mais a se recuperar.

Bem, eu havia dito corpo – o correto seria perispírito. As marcas da vida terrena sempre ficam no perispírito, demoram a cicatrizar como os ferimentos do corpo

físico, principalmente depois do desencarne. Havia alguns aparelhos ligados a ele, diferentes dos encontrados em hospitais da Terra, mas que serviam para uma recuperação mais rápida.

Tadeu, já mostrando mais idade, talvez sessenta ou mais, estava adormecido, sem qualquer espécie de aparelho ligado ao seu perispírito. Não trazia sequelas, apenas um fluxo mais escuro sobre o peito, o que mostrava que poderia ter desencarnado por alguma doença possivelmente cardíaca.

– Assim que acordarem se juntarão a nós. Aí vocês poderão saber melhor sobre eles.

– O que houve com Matias, Mentor? – perguntei.

– A morte de Matias foi muito dolorosa. Ele sentiu cada golpe recebido, demorou a desencarnar. Seus carrascos foram exímios na tortura. Mas, veja, João, não sinta pena antes de conhecer os motivos. Matias não passou por isso gratuitamente.

– Quando acordar será necessário muita paciência com ele. Vai se mostrar muito revoltado. Por muito pouco estaria no Abismo, e não aqui. – continuou. – Mas a nós não cabe nenhum julgamento, mesmo porque cada um de nós sabe muito bem que também erramos. Caberá, sim, mostrar compreensão e amizade. Afinal, ele vai participar de nosso grupo por muito tempo.

Depois de mais alguma conversa, retornando às nossas atividades, retomamos nosso caminho para Paulo e Patrícia e para Bento e Marta. A única alteração havia sido com Paulo, que tinha se acomodado num flat, onde poderia estar mais

à vontade com Patrícia.

Seu arrependimento fora superado pelo desejo. Vimos claramente a presença do súcubo no flat, apaixonada pelo ninho de amor que havia conseguido através de Paulo. Ela passava a impressão de vitória e, em seus pensamentos mais instintivos que racionais, tudo fora fruto de suas investidas.

Para mim era interessante que pensasse assim, a atenção toda sobre o caso iria ser desviada para ela. Ainda estava livre do Abismo mas, quando terminasse o problema todo, a milícia teria mais um trabalho a fazer.

Suzana, por seu lado, já tinha tomado algumas providências: uma advogada contratada por ela já havia entrado em contato com Paulo para definir o processo de divórcio. Mesmo consciente de suas falhas, Paulo ainda queria argumentar com ela, mas a advogada foi taxativa:

– Dr. Paulo, só temos duas opções: ou fazemos um divórcio amigável ou iremos ao litigioso. Para sua condição profissional, no entanto, eu lhe aconselho que faça o amigável. Em nada irá atrapalhar sua vida profissional e será muito mais rápido.

Patrícia, intimamente, estava feliz com a situação. Havia pensado que, caso e quando a esposa de Paulo descobrisse, poderia surgir um escândalo. Em vez disso, tudo foi acertado sem problemas, mesmo com a coação sobre Paulo. Agora, o que queria era desfrutar dessa paixão avassaladora que tinha por ele.

Deixamos que os encarnados cuidassem de seus assuntos. Teríamos um pouco de tranquilidade nessa noite, uma reunião tranquila com os amigos. Afinal, nós, os

vingadores, também tínhamos o direito...

Nessa noite estavam todos presentes, inclusive Mateus, Bartolo e Tomé, que estavam trabalhando nos últimos tempos. Certamente eles teriam muito a contar. Enquanto nós nos relaxávamos com as bebidas e petiscos, apareceu o Mentor, trazendo Tadeu que, embora não totalmente recuperado do sono que procede à morte carnal, já podia se movimentar. O Mentor o apresentou a todos.

Tadeu estava ainda descentralizado. O Mentor, como comentou conosco, o informara de seu novo estado e foi difícil para ele entender. Enquanto vivo nunca tivera qualquer espécie de ligação com religiões, e não acreditava na vida após a morte nem na existência do Todo Poderoso. Nada melhor do que acordar depois da morte para contestar a ideia.

Como o Mentor costumava dizer:

– O dia em que o encarnado perceber que não adianta nada acreditar nisso ou naquilo, vai começar a tomar consciência.

E emendava:

– Na Terra, quem dá crédito são os bancos e as empresas que vendem a prazo. E o homem não é nem uma coisa nem outra, como se arvora a querer dar crédito ao Todo Poderoso? Seria mais fácil que deixasse de ser tão arraigado às suas mesquinhas posições e buscasse o conhecimento.

A constatação de Tadeu de que nada acabara com sua morte o deixou consternado. Parecia ter sido um homem de posições intransigentes, não admitindo contestações. De repente, tudo que proclamava do alto de seu orgulho tinha caído por terra.

Sentia-se mesmo envergonhado.

Mas isso passa, com o tempo.

36. Planos de vida

Ainda estávamos na reunião e o Mentor nos acompanhava, um fato raro, mas que nos dava grande prazer. Sua presença amenizava um pouco as culpas que porventura nos acometesse.

Enquanto os três irmãos – Tiago, Felipe e Lucas – e os companheiros Mateus, Bartolo e Tomé conversavam com Tadeu, procurando integrá-lo mais rapidamente, o Mentor, com Pedro, nos chamou a um canto.

– Preciso colocá-los a par de algumas coisas, Marcos e João. A respeito de Suzana.

Imediatamente despertou meu interesse. Afinal, ela tinha sido minha esposa em outra vida, e o fato de haver arruinado seu casamento me deixava com um sentimento de culpa que não é interessante para nenhum vingador.

– Ela terá algum problema, Mentor?

– Não, João, não terá. O tempo vai amenizar a dor do fim do casamento e, além do mais, ela tem os filhos para criar. O fim do casamento foi até providencial para ela. Você sabe que os espíritos, antes de reencarnar, fazem planos e projetos para a vida que vão levar na Terra, acompanhados pelos integrantes da equipe responsável pelas reencarnações...

– É, pelo menos foi isso que o senhor nos ensinou...

– Esta vida em que eles estão, Paulo e Suzana, havia sido planejada pelos dois de outra maneira. Paulo estava convicto de que poderia levar uma vida mais regrada, principalmente para atender aos anseios de Suzana. Ela o ama profundamente, tanto como mãe que foi na vida anterior, quanto esposa nesta. Os dois reencarnarem para o casamento era o objetivo para o ingresso dos filhos, que precisavam de um lar sólido.

– Mas Paulo não conseguiu...

– Infelizmente ele não se portou como ele próprio queria. A facilidade de conseguir dinheiro e posição social, que seriam os meios para educar devidamente os filhos, afastou-o do caminho planejado. Mas as crianças vieram mesmo assim, por causa de Suzana. Ela está praticamente sem nada a resgatar na Terra e esta vida é para completar sua caminhada pelas encarnações. Tanto é que seus filhos são Índigo.

– Índigo? Nunca ouvi falar em gente índigo... – questionou Marcos.

– São espíritos mais evoluídos que retornam à Terra, Marcos. Esses espíritos têm um objetivo muito mais espiritual do que físico em sua estadia nas encarnações. São preparados para ocupar posições de destaque e encaminhar os encarnados para novos níveis. Esses espíritos reencarnam para revolucionar os sistemas que ainda comandam os países e as pessoas.

– Então, Paulo deu uma mancada e tanto!

– Isso é próprio dos espíritos mais sugestionáveis, infelizmente. Paulo se propôs e reencarnou com toda a vontade para isso, mas diversos fatores, que deveriam ser provas, ele não conseguiu superar. Inclusive chegou ao extremo de provocar o acidente que foi o seu desencarne, João. Em vez de suprimir, ele aumentou a carga negativa do carma que carrega.

– E agora, Suzana vai criar os filhos sem ele... Isso não vai prejudicar os meninos?

– Os espíritos de luz encontram os melhores caminhos, João. Para Suzana, quando se acostumar à ausência de Paulo, será bem melhor: toda a sua atenção será voltada à educação dos meninos. E eles, já muito conscientes de tudo que os rodeia, até mesmo por causa no nível em que estão, serão capazes de entender as condições mentais do pai. Terão por ele o mesmo respeito, mas sabem que não irão seguir o mesmo caminho.

– É uma pena que eu não possa acompanhar...

– Na verdade, você também cometeu suas falhas nas encarnações passadas, sabe disso. Se tivesse seguido seus planejamentos antes de todas as vidas, estaria no mesmo patamar de Suzana...

– Está propondo que eu me arrependa, Mentor?

– Arrependimento não é uma proposta que possa ser negociada, João, e Suzana não precisou passar por isso. Com ela foi diferente: ela foi criando a consciência

através das vidas que viveu e chegou onde está por mérito próprio. Ser responsável pela educação de espíritos índigo é o resultado de seu trabalho por um sem número de vidas em que trabalhou sério.

– Bom, a gente sabendo disso, pode melhorar nas próximas...

– Fácil de falar, Marcos... Só que, enquanto encarnado, você não se lembrou em nada do que planejou para a vida que iria levar. Como eu também não. A gente lembra quando volta para cá, mas aí a vida já passou... – argumentei.

– Exatamente isso, João. Essa perda da memória serve para que o espírito crie seu caminho para o crescimento. As oportunidades surgem e vai depender de cada um as melhores escolhas. Se você escolhe o certo, vai crescer...

Pedro, até então calado e ouvindo o Mentor, mostrou seu lado crítico:

– Eu não concordo com isso. Veja só, eu poderia já estar bem longe daqui. Se lembrasse na vida o que tinha planejado, já estava bem melhor.

– Você é um espírito excepcional, Pedro, tem grandes méritos e sabe disso. O grande problema seu é a teimosia. Essa sua teimosia o acompanha há séculos, séculos mesmo. Foi a característica de personalidade que você não conseguiu trabalhar através das encarnações. Agora, por exemplo, já deveria ter se decidido por uma nova vida. No entanto, fica protelando ao máximo. Vai chegar o momento em que ela será compulsória, você será obrigado a ir.

Pedro não questionou. Calou-se, com cara de desagrado.

A conversa foi desviada para outros assuntos, e acabamos por nos unir ao grupo que dava as boas-vindas a Tadeu.

Este, já mais enturmado e mais consciente da situação que vivenciava, além de influenciado por alguns copos etéreos, divertia-se com o grupo.

Por meu lado, fiquei com a conversa do Mentor martelando na consciência. De uma coisa eu estava ciente: não tinha por que me arrepender. Pelo menos, todas as atitudes que tomei nas vidas que me lembrava, tinham sido as mais convenientes para mim. Mas eu só via a conveniência a meu favor. Sabia que Suzana, por exemplo, via antes a conveniência alheia, depois a sua. Foi isso que fez com que ela evoluísse mais rápido?

37. O Tadeu político

Àquelas alturas eu já visualizava os fatos de uma maneira diferente. Quando me dei conta de minha situação, morto na Terra e vivo aqui no Limbo, estava sendo direcionado a uma Escola de Obsessão. Foi isso que o Mentor me disse no início. Mas tudo foi de tal forma acontecendo que eu ficava intrigado. Ao mesmo tempo em que estava obsediando alguns encarnados e, com isso, me sentindo vingado, o Mentor estava colocando ideias sobre consciência, sobre evolução.

Faria isso parte da grade curricular?

Lembrava a situação de André. Fez o que devia para se vingar de Bento e, ao encontrar Melissa, vendo seu estado deplorável, esqueceu o seu objetivo, desistiu dele e partiu para o nível acima (ou ao lado?), onde estaria sendo preparado para uma nova etapa. Teria eu de me arrepender também, ou tomar consciência? Mas minha consciência me dizia que estava agindo certo, que estava contribuindo para a evolução de Paulo.

O Mentor mesmo me garantia que ele precisava de obstáculos no caminho, senão não iria aprender...

Estava andando pela rua cinzenta com esses pensamentos quando encontrei Tadeu e Pedro. Como fazia com todos, Pedro fazia as vezes de anfitrião para Tadeu. E, para mim, ainda era um espírito um tanto enigmático. Sua função junto ao Mentor me aguçava a curiosidade. Talvez um dia eu soubesse algo mais a respeito dele.

– Como está, João? – cumprimentou-me.

– Cuidando das minhocas que o Mentor me coloca na cabeça...

Riu alto, como era seu costume.

– Venha, vamos andar mais um pouco. Tadeu está se ambientando, assim vocês também conversam e, quem sabe, você trata melhor suas minhocas...

E fomos, trocando ideias. Tadeu, muito curioso, queria saber quem eu fora, o que estava fazendo ali no Limbo, queria saber detalhes do meu trabalho...

– Desculpe ficar lhe perguntando, mas eu também vou ter muito trabalho. E você nem imagina quantos inimigos tenho pela frente...

Assim, fiquei sabendo um pouco de sua história.

Na última encarnação Tadeu nasceu numa fazenda, filho de latifundiário. Seu pai plantava soja, milho, algodão e comercializava tanto no Brasil quanto no exterior. Desde cedo foi educado para ser o senhor, e não o empregado. Estudou agronomia, para continuar o trabalho do pai, mas a política estava no seu sangue. Na escola já vivia envolvido com grupos estudantis, acabando sempre por liderar os membros da equipe.

Com o respaldo do pai, que sempre precisou de favores políticos para manter sua posição de grande produtor – e também com as constantes retribuições financeiras aos políticos que representavam sua região – acabou se elegendo vereador, o caminho natural para início de carreira.

De vereador a prefeito foi questão de tempo, e assim por diante, chegando ao posto de deputado federal. Claro que, em meio a isso tudo, muitos conchavos foram feitos, muita verba pública foi desviada, muitos empresários desonestos foram beneficiados. Além, é claro, do envolvimento com o crime organizado e as tão naturais acusações infundadas que levaram inocentes à prisão. No entanto, como ele mesmo disse:

– Isso tudo era normal. Sem dinheiro não se faz nada na política. O poder vem do dinheiro.

Tadeu mostrava-se ainda bastante prepotente, como era quando na Terra. E sua vontade de vingar-se, principalmente por ter abandonado o posto numa ocasião em que já estava tentando voos mais altos, nutria-se a cada pensamento ou lembrança que tinha. Seu sonho era o senado e, quem sabe?, um dia a presidência do país. Esse tinha sido o sonho também de seu pai, mas ele havia desencarnado anos antes.

Em meio às atividades políticas nunca deixou de dar a atenção devida à fazenda, que foi complementada com novas áreas adquiridas por meios nem sempre honestos. O favorecimento e apoio que tinha em sua região lhe criara condições para se apropriar de outras fazendas, quando os proprietários não tinham condições de pagar empréstimos. Isso, porém, nunca o preocupou. Sua ambição era ilimitada.

De repente, um dia, sem mais nem menos, um infarto fulminante o derrubou. Eu não me enganara: o fluxo que vi, quando ele ainda estava no alojamento era proveniente de problema cardíaco.

Confessou que ficara sem chão ao se ver no Limbo. Tudo aquilo que construía ficara para trás e isso não o conformava. Lembrava de muitas pessoas que ainda estavam encarnadas e de como o tratavam quando em vida, e sabia que muitos só o respeitavam pelo seu poder.

Inimigos políticos tinha aos montes. E era contra esses que pretendia, agora como vingador, municiar suas armas. Mesmo porque sabia de inúmeras negociatas e armações que aprontaram enquanto vivia. Seu objetivo era desmascará-los, ainda vivos, e acabar com a raça da oposição. Afinal, havia deixado herdeiros. Um filho que nunca se interessou pela vida pública e, como ele, havia estudado agronomia e se dedicava à fazenda. E uma filha, essa sim!, que era da mesma estirpe que a sua: lutadora, política de nascença!

Sua intenção de arrasar com quem se colocasse no caminho da filha era a mais sensata, segundo dizia.

– Afinal, ela é nova e já é deputada! Estava para ganhar um ministério. Daí para presidente da república é um passo. E vou acabar com seus adversários. Morri, mas não estou morto! Não perdem por esperar!

Essa filha havia sido a preferida desde criança, quando notou que o menino era mais interessado em estudar e trabalhar somente na fazenda. Sua grande mágoa: quando a esposa lhe disse que estava grávida, já havia planejado todo o futuro do rebento. E quando soube que era menino, mal podia esperar que nascesse para lhe ensinar como viver!

Não havia sido como esperava, mas a filha veio para complementar sua vida e o futuro planejado para o menino passou a ser o dela.

De uma coisa mais se vangloriava: em toda sua vida nunca precisou destruir fisicamente um inimigo político. Suas armas sempre foram o dinheiro e o poder que possuía. Era assim que os aniquilava.

E esse trabalho ia continuar fazendo dali, do Limbo, enquanto pudesse!

38. Interlúdio

– Tem certeza que Tadeu está no lugar certo, Mentor?

– Por que essa pergunta, João?

– Ele fez mal a tanta gente, não deveria ter ido para o Abismo?

– João, não podemos ficar julgando as pessoas. Tadeu se livrou do Abismo por alguns motivos óbvios: primeiro, nunca matou ninguém, pelo menos nessa última vida. Foi um político, está certo, mas utilizando de suas atribuições também ajudou muita gente. Nem todo o dinheiro usurpado foi para o seu bolso. Além do poder de decisão que tinha, e que usava muito bem, também amparava pessoas que lhe eram caras, ou mesmo outras de quem precisava do voto para manter seu posto.

– Do jeito que o defende dá a impressão que ele está a um passo de ser espírito de luz...

– O grande problema que ele teve foi o meio em que vivia, João. Muito raramente no meio político alguém consegue permanecer ileso, íntegro. Para conseguir seus objetivos, sempre era preciso mancomunar-se com pessoas interesseiras, que pensam primeiro em seus próprios bolsos.

– Para a grande maioria deles – continuou – o povo é só um complemento.

Sempre se esquecem de que estão na posição de líder para auxiliar os mais necessitados, para trabalhar pela coletividade.

– Agora ele vai ajudar a filha a ser como ele era?

– Ele pensa que sim... Mas a filha tem algo que Tadeu, no seu egocentrismo, não atinou: ela é honesta e séria em seus propósitos. E as mudanças sempre vêm, João, sempre vêm...

39. André reaparece

Passou-se algum tempo desde a separação de Paulo e Suzana. Chegaram a um consenso para o divórcio amigável e Suzana ficou com a casa onde residia e alguns imóveis do patrimônio de Paulo, que lhe serviam de renda para a sobrevivência.

Ela se recusara a receber uma pensão mensal do ex-marido. Não queria depender dele em qualquer circunstância, mostrando bem sua personalidade irrepreensível. Se o casamento acabara, cada um tinha que cuidar de sua vida. Seu único contato com Paulo era nos finais de semana, quando ele ia visitar os filhos. Com relação a isso Suzana não se importava se ele ficaria na casa com os meninos ou se os levava a algum lugar.

A única coisa que não aceitava era que Patrícia estivesse presente. Considerava que sua presença na casa criaria constrangimento e isso não era bom para o clima familiar que sempre mantivera ali.

Paulo lhe deu razão nisso e, mesmo quando saía com os meninos, não levava Patrícia. Sentia falta dos filhos e considerava aqueles momentos só dele e das crianças. No fundo, havia nele um grande arrependimento pelo que causara e tinha vontade de voltar atrás. Mas, consciente que estava da posição irreduzível de Suzana, aceitava o que ela queria sem discutir.

– Talvez um dia... quem sabe... – sempre se esperançava, mesmo sabendo que esse futuro almejado nunca chegaria.

Esse arrependimento de Paulo também provinha por conta da rotina vivenciada com Patrícia. A paixão foi arrefecendo, já não era a mesma do início, e isso porque era apenas uma paixão, entre eles nunca houvera a cumplicidade do amor que há num casamento. Muitas vezes Patrícia o flagrava pensativo, percebia que tinha saudade da família.

Nessas horas usava de todos os artifícios para mantê-lo conquistado, com roupas provocantes, atenção redobrada e os mimos próprios que a mulher utiliza para seduzir o homem desejado.

Nisso havia a grande colaboração do casal que os acompanhava, o íncubo e o súcubo. Eles não se satisfaziam com pouco, e a paixão de Paulo e Patrícia era o prato cheio para satisfazer suas vontades.

Eu me mantinha por perto, agora sempre acompanhado por Marcos, e ambos fazíamos com que a relação fosse mantida.

Fazíamos mais: durante o trabalho acabamos por fazê-lo confiar em Patrícia nos assuntos mais secretos, onde ele conseguia a maior parte do dinheiro que ganhava na empresa. Ela estava sabendo das propinas, dos empresários corruptos e da ligação de Paulo com todos. Num dado momento era praticamente ela quem administrava os negócios escusos de Paulo

Até disso ele se arrependia, de haver confiado nela nos momentos de paixão. Agora, mesmo que lhe passasse pela cabeça terminar o romance, não poderia. Estava preso a ela.

O fato me deixava mais tranquilo. Paulo até que me dera menos trabalho do que

eu imaginava.

O nosso foco, então, se voltava para Bento e Marta. Mesmo ausente, sentíamos entre nós alguma coisa de André, havia sido uma ligação muito forte e hoje aparentava ser inquebrantável. Sua presença era praticamente tangível, era como se fizesse parte da equipe.

Assim, enquanto Paulo e Patrícia estavam seguindo o plano que eu fizera para eles, nossa dedicação maior era o casal Bento e Marta.

A situação financeira dos dois continuava a mesma, mas conseguiam se manter, chegando ao final do mês com contas pagas, com mais alimento na despensa. Lá uma vez ou outra sobrava um dinheiro qualquer que economizavam para trocar um móvel ou um eletrodoméstico. Mas, lembrava-nos sempre o Mentor, ele não poderia ter acesso a quantias maiores que possibilitassem alteração no quadro em que viviam. Isso era de primordial importância e, dizia ele:

– No momento certo vocês saberão por quê.

Essa história de mistérios que o Mentor sempre nos imputava já não preocupava muito. Já estávamos acostumados, então ficávamos na execução do trabalho. Mesmo porque a segurança com que ele passava as informações sempre nos tranquilizava. E mais: minha certeza de que era um espírito de luz ali entre nós ficava maior a cada dia, embora ele, quando questionado sobre isso, sempre conseguia desviar o assunto.

Mas sua postura paterna não nos enganava mais. Já sabíamos que a equipe de vingadores era uma ferramenta utilizada para direcionar os encarnados e

tínhamos segurança em cometer nossos pequenos deslizes, como se estivéssemos sendo educados por avós e não por pais.

Desta maneira, com Bento e Marta nós éramos mais companheiros do lado cinzento dos espíritos do que propriamente obsessores. O trabalho todo tinha sido feito por André, a nós bastava manter a linha que ele impusera.

Quando Bento se sentia mais desanimado, e isso ocorria quase toda semana, infundíamos nele a vontade de ir ao terreiro. Tanto foi assim nos primeiros meses que quase não precisávamos gastar energia para lembrá-lo. Ele próprio sugeria a Marta que fossem.

E, numa determinada noite, enquanto conversava com Pai Francisco, este lhe apresentou uma surpresa.

– Meu filho – disse ele – existe alguém querendo se comunicar com você.

Bento se assustou. Desde que começara a frequentar o terreiro, sempre conversava somente com Pai Francisco. Já vira pessoas recebendo mensagens, mas não atinava que isso pudesse acontecer com ele.

Tanto eu quanto Marcos também estávamos curiosos.

Vimos então uma luz mais clara, mas não tão brilhante quanto a que Pai Francisco nos tinha mostrado ao se revelar. Essa luz se aproximou da esposa do médium e ali se estabeleceu, tomando todo o corpo dela. Claro, nós víamos isso,

mas os encarnados não.

– Bento, meu caro amigo... – as palavras saíam da boca da médium mas tinham uma tonalidade conhecida nossa.

– O que faço, Pai Francisco? – Bento se dirigiu ao médium, em vez de responder.

– Este é um amigo seu, que deseja um contato.

– André?

– Então se lembra de mim, Bento...

Bento não conseguiu dizer nada. Caiu num choro copioso, muito mais angustiado do que aquele que presenciei em André. Marta, ao seu lado, não sabia que atitude tomar. Já havia visto Bento desanimado, vira-o angustiado, mas nunca tivera a oportunidade de presenciar uma cena como aquela. E foi ela quem se dirigiu a André:

– Peço perdão, ele não vai conseguir nem falar nem ouvir o que tem a dizer...

– Só vim dizer que não guardo mágoa nenhuma pelo que ele me fez. Ele já está sofrendo as consequências dos atos que cometeu.

Bento, ouvindo isso, não conseguia conter os soluços. Agarrava-se aos braços de Marta e escondia o rosto em seu peito.

Vimos a luz se esvaír do corpo da médium e ela recuperou a consciência. Não pudemos acompanhar, claro, ele se desmaterializou e, com certeza, já estava no nível que não alcançaríamos.

Se para Bento e Marta foi uma surpresa, para nós foi estupefaciente. Quando poderíamos imaginar que André estivesse já com alguma luz e, principalmente, se manifestando através de um médium? Será que nós também um dia faríamos isso?

40. Um plano para Bento

Abismados como estávamos, depois de acompanhar Bento e Marta até sua casa e constatar que até as cores de sua aura haviam se alterado, tinham ficado mais claras, retornamos ao Limbo. Precisávamos conversar com o Mentor, queríamos uma explicação melhor sobre o ocorrido.

Acompanhamos André por um bom tempo, enquanto estava no Limbo e nunca poderíamos imaginar que algo desse gênero acontecesse com ele. Até o ponto de saber que ele havia se arrependido, tudo bem, havíamos visto a cena, mas senti-lo no terreiro, brilhando com a luz dos espíritos, era muito diferente.

– Já lhes disse que esse é o caminho natural para os que se arrependem – foi logo nos dizendo o Mentor. Ele já sabia, é claro. – André está tomando algumas decisões importantes para sua vida e, para isso, era preciso regeneração de sua parte, convicção das ideias que está agora assumindo.

– Até aí podemos entender, Mentor, só a gente não sabia que o veríamos dessa forma, brilhando e, principalmente, perdoando... – soltei.

– Para que entendam o que está ocorrendo: André, depois do reencontro com Melissa, depois de se mostrar arrependido, foi levado a um centro de reabilitação, passou por algumas fases importantes para a compreensão de si próprio e de algumas atitudes que deveria tomar.

“Vocês, a partir de agora, também vão acompanhar de perto a mudança que vai

ocorrer na vida de Bento e Marta. Sempre chega o momento de alcançar um degrau mais elevado e, se chegou para André, é natural que ele queira que seus antigos desafetos também se modifiquem.

O primeiro passo para a evolução espiritual, naturalmente, é o perdão, perdão incondicional. Não se trata daquela frase que tanto utilizam os encarnados: perdoei, mas não esqueci. É preciso que haja o perdão e o esquecimento do mau ato praticado. Foi isso que André se prontificou a fazer com Bento.

Melissa também está passando por um processo de mudanças. Nesse tempo todo ela sofreu as torturas do Abismo, mas conseguiu que um espírito de luz a ouvisse e lhe desse um voto de confiança diante das centenas de promessas que fez para uma busca de regeneração.

Também foi levada a um centro de reabilitação, claro que diferente do de André, e está se preparando para uma nova vida. O que acontece, nesses casos, é que seu perispírito está muito maltratado e não pode ser curado totalmente aqui no mundo espiritual. Ela terá que passar por alterações durante as próximas vidas, não pensem que em uma só vida tudo estará sanado. Para o caso dela, infelizmente, destruída pelas drogas e álcool como estava, a recuperação é lenta.

Informado disso tudo, André se prontificou a ajudá-la. Como é mais interessante que essas mudanças aconteçam em núcleos de espíritos já conhecidos, a reencarnação de Melissa está programada para ocorrer na família de Bento e Marta, e o ambiente precisa estar preparado para isso.

A situação dos dois vocês já sabem de cor e salteado. Não haveria meios de incluir Melissa nessa família tão carente se não houvesse um apoio maior. Ela nascerá com sequelas. Seu perispírito está muito deformado e não poderá se ajustar a um corpo perfeito. Será uma deficiente mental, terá dificuldades em se

locomover e aprender. E vai precisar de alguém, sempre presente, que possa apoiá-la.

André se prontificou a ser esse apoio. Mas também precisa ser preparado para uma vida de muito sofrimento.”

– Então André vai reencarnar...

– Sim, Marcos, vai reencarnar como irmão de Melissa. O contato que ele fez com Bento no terreiro de Pai Francisco foi uma preparação para Bento e Marta. Trata-se de um processo de reconciliação entre espíritos. Bento, nós esperamos, a partir de agora viverá mais tranquilo, com a consciência menos pesada pelos atos cometidos no passado. Sabendo que André o perdoou, sua alma ficará mais leve para aceitar o que vem pela frente.

– Mas eles vão saber que são André e Melissa ali, como filhos deles?

– Bento verá alguns relances da personalidade de André no filho, mas isso depois que o menino crescer mais. Com Melissa não terá a mesma facilidade. Precisam se lembrar que Marta não os conheceu, pelo menos na vida atual, já que Paulo encontrou-a bem depois do desencarne de André. Para ela serão simplesmente filhos e, como toda mãe, dispensará aos dois o amor que precisam.

– E quando tudo isso vai acontecer? – indaguei.

– Para André já está tudo preparado. O que lhe faltava era o contato com Bento

para lhe mostrar que o perdoou. Como Bento mostrou-se sensibilizado com o contato, e vocês viram isso, sua aura já sofreu uma transformação, ficando mais clara. Isso mostra o estado de espírito dele. Está mais tranquilo, carrega menos culpa.

“Esse estado de espírito fará com que tenha mais carinho por Marta e o relacionamento dos dois será mais amoroso. Isso tudo é preparação para que possam gerar o filho. Um filho sempre deve ser fruto de amor.”

– Complicado tudo isso... – comentou Marcos.

– Esse é o trabalho, Marcos.

– Mas, para nós isto é uma mudança total de plano de trabalho, Mentor! Nós vamos ter que proteger André e Melissa!

– Nada disso, João. O trabalho de vocês continuará sendo manter Bento dentro dos limites, ele não poderá ter acesso a facilidades na vida. É a única maneira de conter sua ambição. André e Melissa, enquanto crianças encarnadas, terão a proteção especial de seus espíritos guardiães.

– Bom, pelo menos vamos poder matar as saudades de André...

– Isso é lógico, Marcos, vão poder acompanhar o crescimento de André, mas ele estará num corpo diferente, embora vocês possam perceber nele alguma coisa de sua personalidade anterior.

– Será bom acompanhar isso... André é um bom amigo... – suspirei.

41. A surpresa de Paulo

A informação que o Mentor nos passou deixou-nos numa doce expectativa. Aquilo tinha, de certa maneira, lavado nossa alma. Claro, ainda éramos os vingadores, os obsessores, ainda tínhamos nossa missão a cumprir com nossos desafetos, e em nós não iria se criar o arrependimento, como ocorreu com André. Se para ele tinha chegado o momento, ficamos felizes por isso, mas tínhamos ainda trabalho a ser feito.

E, enquanto esperávamos Marta se certificar da primeira gravidez – o Mentor não nos disse com que idade André estará quando Melissa reencarnar – nossa atenção se voltava para Tadeu, que teríamos que acompanhar em algumas atividades, e nos meninos, como os chamávamos, Tiago, Felipe e Lucas que, por serem mais jovens, gostavam de estar em nossa companhia, sempre falando sobre seus planos com os desafetos encarnados.

Com Mateus, Bartolo e Tomé até que tínhamos pouco contato, já que na maior parte do tempo ficavam fora do Limbo, em atividades que ignorávamos. Sabíamos que o Mentor sempre os enviava a algum encarnado. Sempre que voltavam, se reuniam com ele por longo tempo.

Ainda havia Matias, que permanecia no alojamento, ainda desacordado, lutando contra a tortura que sofrera. Despertava em nós um sentimento forte de compaixão. Já o considerávamos um dos nossos, e torcíamos por sua melhora. Claro que, sabendo que ele já havia desencarnado, não nos preocupávamos tanto, mas ficávamos ansiosos para que acordasse.

Um assunto que sempre debatíamos, eu e Marcos, era Pedro, o enigmático, o

sarcástico, o cheio de segredos, que parecia ter uma atenção especial do Mentor. Trazia-o sempre próximo, era seu ajudante de ordens. Mas um dia iríamos descobrir.

Nosso trabalho, então, continuava sendo Paulo e Patrícia, os dois amantes insaciáveis. Sempre acompanhados do estranho casal meio bode, o íncubo e o súcubo, que nunca se sentiam saciados, continuavam com suas noites calorosas.

Paulo muitas vezes ainda permanecia pensativo, sentia-se arrependido por ter abandonado Suzana, a primeira mulher que realmente amara na vida. Tinha sonhado viver a vida toda com ela, sempre havia sido seu porto seguro, a mulher que lhe passava confiança, segurança, estabilidade.

Mas seu lado fraco sempre vencia. Tinha sido assim quando descobriu a minha maneira de ganhar dinheiro e quis ocupar o meu lugar. Premeditou o golpe com todo o cuidado, queria participar dos rendimentos. Minha morte pode até ter sido um acidente, na briga que tivemos, só que foi uma consequência grave. Ademais, a morte acidental não havia sido planejada quando encarnei para viver João.

De minha parte queria mesmo era a vingança. Não poderia nunca perdoá-lo por isso. E estava no caminho para chegar ao meu objetivo.

Patrícia já sabia de suas manobras financeiras na empresa. Estava permanentemente preso a ela, a menos que também a matasse. Mas, ele próprio pensava, não teria coragem para tanto. Por isso, e já que ela lhe dava tanto prazer na cama, e já que estava mesmo separado de Suzana, e já que tinha fundos suficientes para viverem de forma nababesca, por que não continuar?

Estava assim, imerso em pensamentos em seu escritório, quando Patrícia entra, como sempre toda provocante:

– Querido! – e beijou-o ardorosamente.

Retribuindo o beijo, perguntou:

– Já voltou? O que o médico disse?

– Que estou grávida! Grávida, imagine! Vamos ter um filho! – a alegria era evidente. Um filho prenderia Paulo para sempre.

Ele, no entanto, ficou-se em estupor. Parecia não ter entendido, parecia algo muito vago. Parecia um sonho... ou um pesadelo?

– Patrícia... Um filho?

Ficou ali parado, sentado, sem saber o que dizer.

Ela olhou-o assustada:

– Você não ficou feliz com a notícia? Querido, é um filho só nosso! Isso não lhe deixa feliz?

– Não, não é isso... É que foi uma surpresa e tanto! Eu não imaginava que você queria um filho, nunca conversamos sobre isso...

– Querido, não sei como aconteceu... Eu sempre tomei os anticoncepcionais, e isto também não estava nos meus planos, pelo menos por enquanto. Mas, aconteceu...

Eu e Marcos percebemos como a aura de Paulo se transformou com a notícia, ficou cheia de redemoinhos, o que mostrava que ele estava mesmo era assustado com a notícia. Um filho com ela nunca tinha sido seus planos. Era uma mulher com quem se divertia, por quem tinha paixão, sentia desejos, mas não era ela a mulher de sua vida. Sempre fora Suzana e, no fundo, acalentava o sonho de voltar a viver com ela.

Passado o susto, recuperou-se e continuou conversando com ela, agora tratando-a bem, com o carinho necessário para que não suspeitasse da ideia que lhe passava pela cabeça.

Já que um filho com Patrícia não fazia parte dos seus planos, o melhor era eliminar o problema. De forma bem simples: um aborto. De que outra maneira poderia manter a sua vida com Patrícia? Caso tivessem um filho, fatalmente ela deixaria de ser sua secretária para ser sua esposa. Esposa só tivera uma, e dela não queria abrir mão.

Caso tivessem um filho, sua vida iria entrar na rotina que tivera com Suzana, mas a rotina com Suzana era agradável, era um bálsamo para ele. E com Patrícia, como seria? Não, não, não queria isso para o futuro! De forma alguma!

Eu e Marcos estávamos assustados. De repente parecia que podíamos ouvir os pensamentos de Paulo, tomamos conhecimento de tudo o que lhe passava pela cabeça simplesmente sentindo sua aura. Toda essa maquinação extrapolava o nível do pensamento e se transformava em imagens visíveis!

Mas suas atitudes com Patrícia não revelaram nada disso. Ela acreditou em suas palavras, tão contraditórias com o que ele maquinava, e sentiu-se a mulher mais feliz do mundo.

Naquela noite, Paulo foi mais afoito do que nunca tinha sido com ela. Chegava mesmo a ser um tanto violento durante o ato sexual. Para Patrícia, aquilo era amor. Para ele, era a vontade de matar o feto ainda no útero.

Índice

1. Prólogo
2. Início de um curso
3. Sintonia
4. Liberdade
5. Teleportação
6. Aprendendo
7. Um passeio pelo Limbo
8. Sugestão e hipnose
9. A reunião
10. Interlúdio
11. O primeiro retorno
12. Iniciando uma obsessão
13. Reportando ao Mentor
14. Mantendo a ligação
15. O trabalho de André
16. Interlúdio
17. Influenciando Patrícia
18. Conversa com o Mentor
19. Um primeiro contato

20. Reencontro
21. Interlúdio
22. Novo trabalho
23. Uma vida anterior
24. Melissa desencarna
25. Bento em crise
26. Interlúdio
27. Nova aula
28. No Terreiro
29. Pai Francisco
30. Interlúdio
31. Paulo e Patrícia
32. Novos vingadores
33. Tiago, Felipe e Lucas
34. A decisão de Suzana
35. Matias e Tadeu
36. Planos de vida
37. O Tadeu político
38. Interlúdio
39. André reaparece
40. Um plano para Bento

41. A surpresa de Paulo